

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE LETRAS
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS

ROSIANE DA ROCHA SANTOS

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO CONTEXTO ESCOLAR:
CONSIDERAÇÕES SOBRE PRÁTICAS DE LINGUAGEM EM SALA DE AULA**

Maceió
2016

ROSIANE DA ROCHA SANTOS

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO CONTEXTO ESCOLAR:
CONSIDERAÇÕES SOBRE PRÁTICAS DE LINGUAGEM EM SALA DE AULA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Mestrado Profissional em Letras da Universidade Federal de Alagoas, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Alan Jardel de Oliveira

Maceió
2016

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico
Bibliotecário Responsável: Valter dos Santos Andrade

S237v

Santos, Rosiane da Rocha.

Varição linguística no contexto escolar: considerações sobre práticas de linguagem em sala de aula / Rosiane da Rocha Santos. – 2016.
103 f.

Orientador: Alan Jardel de Oliveira.

Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Letras. PROFLETRAS. Maceió, 2016.

Bibliografia: f. 100-103.

1. Língua portuguesa – Estudo e ensino. 2. Variação linguística.
3. Sociolinguística variacionista. 4. Sociolinguística educacional. 5. Contexto educacional. I. Título.

CDU: 81'27

TERMO DE APROVAÇÃO

ROSIANE DA ROCHA SANTOS

Título do trabalho: "VARIÇÃO LINGÜÍSTICA NO CONTEXTO ESCOLAR: CONSIDERAÇÕES SOBRE PRÁTICAS DE LINGUAGEM EM SALA DE AULA".

Dissertação aprovada como requisito para obtenção do grau de MESTRE em 26 de fevereiro de 2016, pelo Mestrado Profissional em Letras da Universidade Federal de Alagoas, pela seguinte banca examinadora:

Orientador/a:

Alan J. de Oliveira

Prof. Dr. Alan Jardel de Oliveira (PROFLETRAS/UFAL)

Examinadores:

Maria Inez Matoso Silveira

Profa. Dra. Maria Inez Matoso Silveira (PROFLETRAS/UFAL)

Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar Vitória

Profa. Dra. Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar Vitória (UFAL/C. Sertão)

Maceió, 26 de fevereiro de 2016.

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, por sua permissão quanto ao ingresso no mestrado e também por ter me munido de força, paciência e perseverança para chegar a essa etapa final. Ele bem sabe do quanto precisei! Não posso deixar de dedicá-lo aos Meus pais, por me terem dado educação, valores e por me terem ensinado a andar, por todo apoio e compreensão dispensados nos vários momentos em que eu me fiz ausente ou distante para me dedicar aos estudos e trabalhos ao longo desse período. Dedico-o também a toda minha família e amigos por todo apoio, incentivo, paciência, compreensão e carinho tão imprescindíveis para acalantar a alma no período das tormentas que por tantas vezes me fragilizaram. Este trabalho também é dedicado a todos que, de forma direta ou indireta, me ajudaram no processo de confecção, pois sem vocês tudo isso não seria possível. E, por fim, quero dedicá-lo a todos os obstáculos, sofrimentos, lágrimas derramadas, noites de sono perdidas, dores de cabeça intermináveis, porque TUDO isso só deixa esse momento de realização muito doce e a sensação de que no final tudo vale a pena.

AGRADECIMENTOS

A DEUS, por ser tão presente em minha vida e me suprir em todas as minhas necessidades, por proporcionar muitas bênçãos dentre elas colocar em meu caminho pessoas tão especiais que seguem sempre a meu lado, sem as quais certamente não teria chegado até aqui!

A Meus Pais, Josefa e Luiz, por me ensinarem a ser a pessoa que sou e por me amarem incondicionalmente.

A meus avós Paternos (in memoriam), tenho certeza de que onde quer que estejam, nunca deixarão de me amar e a meus avós maternos, aos quatro meu amor e gratidão eternos!

Aos meus irmãos Romildo, Ricardo e Rosangela, meus sobrinhos, tios e tias (em especial meu Tio Teixeira, tia Socorro e Tio Tonho), pelo incentivo, apoio e acolhimento.

Aos meus primos/irmãos a todos de minha família que são meu alicerce.

Aos meus amigos, por todo amor, respeito, apoio e paciência perante minhas ausências em suas vidas nos últimos anos, cada um em modo particular contribuiu para esta minha realização.

Ao meu orientador Alan Jardel de Oliveira, pelo apoio e confiança, por todos os momentos de disponibilidade e compreensão.

Aos meus colegas e amigos de turma, pelo carinho, amizade, apoio, companheirismo, colaboração, incentivo e bom humor que amenizaram momentos difíceis e divertiram momentos leves, em especial, Marcos Suel, Neyla, Amaro e Luciana.

Aos meus alunos, sujeitos dessa pesquisa, por toda a compreensão, carinho, apoio e dedicação.

Aos Professores, membros da Banca Examinadora, por terem atendido ao convite para desempenhar este papel, dispondo de seu tempo e conhecimento para analisar este trabalho.

Ao Corpo Docente e Funcionários do Profletras, em nome de Inês Bissart, que sempre me atendeu com carinho e respeito. Aos meus companheiros de trabalho das escolas José de Messias Barros (CAIC) e Djalma Matheus Santana, em especial Rosa Maria e Raquel, por todo apoio e compreensão.

À CAPES, pelo incentivo com a bolsa de estudo.

Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades, muda-se o ser, muda-se a confiança; Todo o mundo é composto de mudança, tomando sempre novas qualidades.

Luís de Camões

RESUMO

Este trabalho estuda a variação linguística no contexto escolar, tendo como objetivos observar o uso da variação linguística em práticas de linguagem em sala de aula e o papel do professor de língua portuguesa nesse processo. Busca-se analisar a relação entre as variedades da língua contrapostas com a língua padrão no ambiente escolar. Nessa linha, discorre sobre variação linguística, preconceito linguístico, variação linguística ancorados nos PCN e algumas contribuições da Sociolinguística para o ensino de língua materna. Com base nos estudos da linguística variacionista de Labov (2008) e da sociolinguística educacional de Bortoni-Ricardo (2004; 2005; 2006), dentre outros estudiosos da área, esta pesquisa busca investigar as seguintes questões: (1) De que forma se manifestam, no ambiente escolar, os conflitos entre as variantes de prestígio frequentemente apresentadas na escola como “corretas” e as variantes não prestigiadas, construídas no meio social do aluno fora da escola?; (2) Em que medida esses conflitos entre variantes linguísticas afetam a vida escolar do aluno? O estudo propõe atividades de sala de aula como contribuição para o aprimoramento do ensino da variação linguística e, conseqüentemente, para a descoberta de novas formas de utilizar as funções da língua dentro de cada uma de suas variações. A metodologia utilizada nesta pesquisa constitui-se de leituras bibliográficas, depoimentos, análises de textos escritos de alunos do 9º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública localizada no município de Arapiraca, interior de Alagoas, buscando subsídios práticos para estabelecer o confronto entre teoria e prática. Os resultados da pesquisa foram obtidos através de uma abordagem de cunho qualitativo, sendo assim basicamente interpretativa, desta maneira serão apresentados a partir de descrições e análises realizadas a partir de observações participativas das abordagens e estratégias de ensino-aprendizagem desenvolvidas na sala de aula e fora dela. Nessa perspectiva, os resultados apresentaram que a variação linguística é um processo natural da língua e que os alunos podem compreendê-la de modo que firmem sua importância para o desenvolvimento de suas competências comunicativas em sala de aula, tanto na língua escrita quanto na língua oral.

Palavras-chave: Língua e ensino. Variação linguística. Sociolinguística variacionista. Sociolinguística educacional. Contexto educacional.

ABSTRACT

This paper studies the linguistic variation in the school context, with the purpose to observe the use of linguistic variation in language practices in the classroom and the role of the Portuguese language teacher in this process. Aims to analyze the relationship between varieties of language contrasted with the standard language in the school environment. In this line, discusses language variation, linguistic discrimination, linguistic variation attached in the PCN and some contributions of Sociolinguistics for mother tongue teaching. Based on the linguistic variationist studies Labov (2008) and educational sociolinguistics by Bortoni-Ricardo (2004; 2005; 2006), among other scholars in the field, this research aims to investigate the following questions: (1) How manifest in the school environment, conflicts between the prestigious variants often presented in school as "correct" and not prestigious variants, built in the social environment of the student out of school ?; (2) To what extent these conflicts between language variants affect the student's school career? The study proposes classroom activities as a contribution to improving the teaching of language variation and thus the finding of new processes to use the language of functions within each of its variations. The methodology used in this study consists of literature readings, testimonials, written text analysis of students in 9th grade of elementary school in a public school located in the city of Arapiraca, countryside of Alagoas, pursuing practical information to establish the confrontation between theory and practice. The survey results were obtained through a qualitative study approach, so basically interpretation in this way will be presented from descriptions and analyzes from participatory observations of the approaches and teaching-learning strategies developed in the classroom and outside it. In this perspective, the results showed that linguistic change is a natural process of language and that students can understand it in way they are able to confirm its importance to the development of their communication skills in the classroom, both in written language and in oral language.

Keywords: Language and Education. Linguistic variation. Variationist sociolinguistics. Educational sociolinguistics. Educational context.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Texto escrito por um aluno	64
Figura 2 – Texto escrito por um aluno	65
Figura 3- Dados coletados e quantificados pelos alunos.....	70
Figura 4 – Dados coletados e quantificados pelos alunos	71
Figura 5 –Dados coletados e quantificados pelos alunos	72
Figura 6 –Anotações de falas dos alunos	77
Figura 7 –Anotações de falas dos alunos	78
Figura 8 –Página de diário de um aluno	79
Figura 9 - Mensagem de aniversário em forma de bilhete de uma aluna para a mãe.....	80
Figura 10 –Mensagem de aniversário de uma aluna para uma amiga.....	81
Figura 11 - Cópia da atividade citada.....	86
Figura 12 - Cópia da atividade citada.....	88
Figura 13 –Cópia da atividade citada	90
Figura 14 - Texto analisado	90
Figura 15-Texto analisado.....	91

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
1.1 Variação Linguística e Ensino	17
1.2 Por que se Pensou em Fazer esse Trabalho?	20
2 CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS	24
2.1. A Sociolinguística Variacionista	24
2.2 Sociolinguística Educacional	31
3 REVISÃO DE LITERATURA	42
4 METODOLOGIA	53
4.1 A Pesquisa-ação	53
4.2 A Pesquisa Qualitativa	55
4.3 Métodos de Coletas de Dados - Desenvolvimento e Aplicação de Atividades de Ensino	55
4.4 Contexto social da pesquisa	56
4.4.1 A cidade: Arapiraca	56
4.4.2 O bairro: Primavera	57
4.4.3 A escola	58
4.4.4 Os alunos	58
4.5 A Coleta dos Dados	59
5 ANÁLISE E RESULTADOS DOS DADOS	61
5.1 Sequência didática I: a enquete	66
5.2 Sequência didática II: noticiário	72
5.3 Gêneros Escritos em Confronto com a Oralidade	75
5.4 Uma avaliação da aplicação das sequências didáticas	82
6 SUGESTÕES DE ATIVIDADE PARA O ENSINO DA VARIAÇÃO	94
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	97
REFERÊNCIAS	100

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho é fruto de questionamentos sobre o ensino de língua portuguesa em especial, objetiva observar e analisar o trabalho com variação linguística no contexto escolar e apresentar algumas considerações sobre práticas de linguagem em sala de aula e sobre o papel do professor de língua portuguesa, uma vez que é perceptível que o ensino desta deve ser baseado em um ensino crítico-reflexivo, de forma a garantir uma educação linguística para além da gramática prescritiva.

Apesar dos estudos já desenvolvidos em relação ao tratamento que é dado à variação linguística em sala de aula ainda não se observa a devida atenção à diversidade linguística na escola propriamente dita e, assim, se fazem necessárias outras reflexões por parte de todos os profissionais da escola, especialmente dos professores de língua portuguesa.

No estado de Alagoas, a realidade do ensino de língua materna não difere da de outros estados do Brasil. Embora haja estudos abordando o tema, estes ainda são poucos, especialmente em relação ao interior do estado. Diante deste fato, surge a necessidade e o interesse na realização desta pesquisa em uma escola pública do interior do estado.

A sociolinguística variacionista é uma das subáreas da linguística que se propõe a estudar a língua em uso nas comunidades de fala, correlacionando a investigação da variação e da mudança linguística a aspectos linguísticos e sociais. É, desse modo, a área das ciências da linguagem que mais tem se debruçado sobre a variação linguística e, por isso, será esse o principal arcabouço teórico deste trabalho.

De acordo com Mollica (2013),

[...] A sociolinguística considera em especial como objeto de estudo exatamente a variação, entendendo-a como um princípio geral e universal, passível de ser descrita e analisada cientificamente. Ela parte do pressuposto de que as alternâncias de uso são influenciadas por fatores estruturais e sociais [...] (2013, p. 10).

Bagno (2007) afirma que “a grande mudança de perspectiva introduzida pela sociolinguística foi a concepção de língua “como um ‘substantivo coletivo’”: debaixo do guarda-chuva chamado LÍNGUA, no singular, se abrigam diversos conjuntos de realizações possíveis dos recursos expressivos que estão à disposição dos falantes” (2007, p. 39). Esses conjuntos de realizações possíveis correspondem às variáveis linguísticas.

No âmbito educacional, considerar o estudo da variação linguística é muito importante, pois isso possibilita uma aprendizagem mais próxima da realidade linguística e

pode contribuir para a diminuição do preconceito linguístico. O professor pode valer-se das contribuições da sociolinguística a fim de contribuir para a formação de cidadãos críticos, reflexivos e conscientes.

O tratamento da variação linguística em sala de aula exige muitas reflexões por parte de todos os profissionais da escola, especialmente dos professores de língua materna. Apesar dos estudos já desenvolvidos, ainda não se observa uma atenção à importância do estudo da diversidade linguística no processo educacional. De acordo com Antunes (2009), considerar esse estudo requer uma percepção da língua como um conjunto sistemático e ao mesmo tempo heterogêneo, aberto, flexível, ou seja, como um conjunto de falares utilizado por grupos de falantes que criam e recriam os recursos linguísticos para interagirem uns com os outros, o que nos permite compreender seu caráter variável. Para a autora:

Em qualquer língua, de qualquer época, desde que em uso, ocorreram mudanças, em todos os estratos, em todos os níveis, o que significa dizer que, naturalmente, qualquer língua manifesta-se num conjunto de diferentes falares que atendem às exigências dos diversos contextos de uso dessa língua (ANTUNES, 2009, p. 22).

Propostas mais recentes de educação em língua materna têm adotado como objeto e incorporado aos seus objetivos a problemática da variação linguística. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (doravante PCN) (1998), por exemplo, apresentam como objetivos do ensino de língua portuguesa o domínio da língua em seus diversos contextos. Todavia, tanto na escola como em outros espaços sociais (como na mídia, por exemplo), o tratamento dado a esse tema tem deixado a desejar, pois lhes faltam reflexões com embasamento teórico e prático.

Segundo os PCN (1998), a língua portuguesa é composta de muitas variedades. O aluno, ao entrar na escola, já sabe pelo menos uma dessas variedades; aquela que aprendeu pelo fato de estar inserido em uma comunidade de falantes. Certamente, ele é capaz de perceber que as formas da língua apresentam variação e que determinadas expressões ou modos de dizer podem ser apropriados para certas circunstâncias, mas não para outras. Sabe, por exemplo, que existem formas mais ou menos polidas de se dirigir a alguém, sabe que há falas mais rebuscadas, refletidas e cerimoniais. Pode ser que saiba, inclusive, que certas formas de falar são discriminadas e, eventualmente, até ter vivido essa experiência.

O papel da escola frente à diversidade linguística é de fundamental importância, não se pode ignorar as peculiaridades linguístico-culturais dos alunos e querer substituí-las pela língua da cultura institucionalizada. Pelo contrário, a variedade linguística dos alunos precisa

ser respeitada e valorizada, sem que lhes seja negada a oportunidade de aprender as variantes de prestígio, pois a língua é um dos bens culturais mais importantes para a ascensão social.

Como afirma Bortoni-Ricardo:

A escola não pode ignorar as diferenças sociolinguísticas. Os professores e por meio deles, os alunos têm que estar bem conscientes de que existem duas ou mais maneiras de dizer a mesma coisa. E mais, que essas formas alternativas servem a propósitos comunicativos distintos e são recebidas de maneira diferenciada pela sociedade (2005, p. 15).

É muito importante que a escola e os professores considerem a variação linguística presente no português, as normas e os valores culturais que condicionam o comportamento linguístico dos falantes.

Segundo Bortoni-Ricardo (2005), no processo de aprendizado da língua portuguesa é possível destacar três ambientes, nos quais se desenvolve o processo de socialização da criança: a família, os amigos e a escola. Tais ambientes podem ser chamados de domínios sociais. O indivíduo fala de acordo com o que aprende nesses domínios e ao ingressar na escola é que a criança aprende que existem outros padrões de linguagem. De acordo com o nível social e/ou preparo intelectual da família, o educando pode chegar à escola já dominando a forma prestigiada.

De acordo com os PCN de língua portuguesa (1998), o domínio da língua tem estreita relação com a possibilidade de plena participação social, pois é por meio da linguagem que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento.

A variedade trazida pelos educandos para a escola deve ser respeitada, mas também devem ser apresentadas a eles outras variedades linguísticas, tanto aquelas desprestigiadas socialmente quanto a variedade de prestígio, sem colocar as diferenças entre as variedades como erros. Neste sentido, Bortoni-Ricardo ressalta que,

erros de português são simplesmente diferenças entre variedades da língua. Com frequência, essas diferenças se apresentam entre a variedade usada no domínio do lar, onde predomina uma cultura de oralidade, em relações permeadas pelo afeto e informalidade, e culturas de letramento, como a que é cultivada na escola. É no momento em que o aluno usa flagrantemente uma regra estigmatizada e o professor intervém, fornecendo a variante-padrão, que as duas variedades se justapõem em sala de aula (2005, p. 37).

O crescimento da população brasileira e a intensa migração dos habitantes do meio rural para a cidade fez com que ocorresse uma fusão de diversidade cultural e linguística

resultou de fatores de soma de fatores não apenas geográficos, mas também culturais e éticos. Desta forma, as variedades linguísticas deveriam ser valorizadas e trabalhadas pelo professor em sala de aula, de forma a cultivar no educando uma consciência multicultural (BORTONI-RICARDO, 2005).

Na prática, ainda há um grande atraso na construção de uma pedagogia da variação linguística nas salas de aula e no contexto escolar de modo geral. Pois, os envolvidos na área educacional e a maioria dos professores não sabem, realmente, o que fazer com a variação linguística na escola; como trabalhar, como incorporar este assunto no cotidiano da sala de aula é ainda um desafio (FARACO, 2008).

O tratamento inadequado a uma pedagogia da variação linguística acontece com grande frequência nos livros didáticos, em exames de cunho nacionais como o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) e o SAEB (Sistema de Avaliação da Educação Básica) o que reflete resultados negativos no que se refere a variação linguística e reforça até o preconceito linguístico, de certo modo (FARACO, 2008).

Na maioria dos livros didáticos, por exemplo, os fenômenos de variação aparecem ainda marginalizados e abordados através da cultura do erro subtendida por trás das poucas atividades ilustradas, predominando referências à variação geográfica que são apresentados muito mais de uma maneira anedótica do que como expressões linguísticas que realmente retratam a história das comunidades de cada região (FARACO, 2008).

A escola deve assumir como objetivo a ampliação do nível de letramento dos alunos. Sabendo que eles chegam à escola com diversos níveis de conhecimento prévio, deve proporcionar que a ampliação de habilidades linguísticas aconteça aos poucos, permitindo-os conhecerem e usarem as diversas variedades linguísticas em seus contextos adequados, porém sabendo que há variedades mais prestigiosas do que outras.

É fundamental que o professor tenha compromisso com uma educação transformadora, que compreenda e faça compreender que não há hierarquia entre os usos variados da língua, assim como não há uso linguisticamente melhor que outro.

É muito clara a noção de heterogeneidade linguística, mas ainda há muito que se refletir acerca das atitudes que os falantes têm em relação às formas variantes que não são imbuídas de prestígio social, pois quem as utiliza continua a sofrer estigma. Convém que o professor de língua materna reflita sobre aspectos teóricos da variação linguística para seu o tratamento com os alunos a fim de conscientizá-los acerca dessa temática e viabilizar formas de inclusão social.

Considerando que prevalece nos livros didáticos e nas escolas, um discurso no qual predomina o tom de “certo” e “errado”, e o fato de que as variedades que se distanciam daquela considerada padrão são estigmatizadas, dando espaço assim ao preconceito linguístico, inclusive, entre falantes de uma mesma variedade, é importante que se realizem trabalhos que privilegiem e valorizem o conhecimento das variedades linguísticas.

Para Bortoni-Ricardo (2005, p. 19) ainda não se conferiu a devida atenção à influência da diversidade linguística no processo educacional brasileiro, apesar da ciência linguística, ainda que timidamente, vir apontando estratégias com o intuito de aumentar a produtividade da educação e preservar os direitos do educando. Sobre esse assunto, Bagno (2007) destaca que a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais significou um grande avanço na concepção de ensino de língua nas escolas brasileiras por introduzirem na prática docente conceitos provenientes da Sociolinguística, até então pouco comuns nas discussões e propostas pedagógicas.

Para Antunes (2007, p. 104) “a língua só existe em sociedade, e toda sociedade é inevitavelmente heterogênea, múltipla, variável e, por conseguinte, com usos diversificados da própria língua”. Nesse contexto, as diferenças não podem ser vistas como erro, cultura tão forte no espaço da escola e nas páginas e imagens da mídia que perpetuam o preconceito linguístico. Nesse sentido, Bagno (2002) ressalta que:

[...] é interessante estimular nas aulas de língua materna um conhecimento cada vez maior e melhor das variedades sociolinguísticas para que o espaço de sala de aula deixe de ser o local para estudo exclusivo das variedades de maior prestígio social e se transforme num laboratório vivo de pesquisa do idioma em sua multiplicidade de formas e usos (2002, p. 134).

Segundo Possenti (1997), a variação linguística é o reflexo da sociedade, a qual pode ser segmentada em diversos grupos e classes. Bortoni-Ricardo (2004) define essa “divisão de classes” como “domínios sociais”.

Um domínio social é um espaço físico onde as pessoas interagem assumindo certos papéis sociais. Os papéis sociais são um conjunto de obrigações e de direitos definidos por normas socioculturais. Os papéis sociais são construídos no próprio processo de interação humana. Quando usamos a linguagem para nos comunicar, também estamos construindo e reforçando os papéis sociais próprios de cada domínio [...] (2004, p. 23).

No espaço escolar é preciso reforçar e construir esses papéis sociais através de atividades que levem os educandos a usarem a linguagem em práticas de interações comunicativas de modo que compreendam que as variedades com maior poder e prestígio,

nada tem de superior às demais variações a não ser pela sua ideologia dominante, que estão associadas à política e a economia. Como afirma a autora,

As variedades faladas pelos grupos de maior poder político e econômico passam a ser vistas como variedades mais bonitas e até mais corretas. Mas essas variedades, que ganham prestígio porque são faladas por grupos de maior poder, nada têm de intrinsecamente superior às demais. O prestígio que adquirem é mero resultado de fatores políticos e econômicos. O dialeto (ou variedade regional) falado em uma região pobre pode vir a ser considerado um dialeto “ruim”, enquanto o dialeto falado em uma região rica e poderosa pode vir a ser considerado como um “bom” dialeto. (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 34).

Segundo os princípios da sociolinguística educacional, conforme Bortoni-Ricardo (2004), a variação linguística deve ser abordada em sala de aula considerando-se o meio social no qual o aluno está inserido e a concepção de língua como um fato social que só acontece por meio de seus falantes.

Para Bagno (2007), a sociolinguística lida com o fenômeno da variação linguística e suas consequências sociais, culturais, políticas e pedagógicas. Para a sociolinguística, a língua existe enquanto interação social, criando-se e transformando-se em função do contexto sócio-histórico. Segundo o autor (2007), “a língua é, portanto, uma atividade social, um trabalho coletivo, empreendido por todos os seus falantes, cada vez que eles se põem a interagir por meio da fala ou da escrita” (BAGNO, 2007, p. 36). Neste sentido, Antunes (2009) afirma que,

em qualquer língua, de qualquer época, desde que em uso, ocorreram e ocorrem mudanças, em todos os estratos, em todos os níveis; o que significa dizer que, naturalmente, qualquer língua manifesta-se num conjunto de diferentes falares, que atendem às exigências dos diversos contextos de uso dessa língua. Pensar em uma língua uniforme, falada em todo canto e em toda hora do mesmo jeito, é um mito que tem trazido consequências desastrosas para a autoestima das pessoas (principalmente daquelas de meios rurais ou de classes sociais menos favorecidas) e que tem confundido, há séculos, os professores de língua (2009, p.22).

Sobre diversidade linguística, Faraco (2008, p. 135) “afirma que além da diferença das formas, há uma valorização social diferenciada recaindo sobre elas: algumas adquirem prestígio social (e constituem aquilo que chamamos de norma culta/comum/standard), enquanto outras são menos prestigiadas e até ridicularizadas e censuradas”. O autor (2008) acrescenta ainda que, “essa valorização positiva ou negativa interfere diretamente em nossas atitudes em relação às variedades linguísticas e seus falantes, limitando, pela força dos pré-conceitos, nossa capacidade de julgar com a necessária clareza os fatos da língua e a

diversidade sociocultural. E isso, obviamente, perturba muito nosso trabalho de professores de português”.

Em termos de língua, como afirma Bagno (2011, p.154, *apud* Nogueira, 2012), “tudo vale alguma coisa, mas esse valor vai depender de uma série de fatores”. Tudo vai depender de “quem diz o quê, a quem, como, quando, onde, por que e visando que efeito”. Em cada situação comunicativa, o aluno precisa encontrar uma forma que seja ao mesmo tempo mais adequada e mais aceitável, tanto na modalidade oral como na escrita.

A língua possibilita mediar as atuações sociais realizadas pelas pessoas em situações interacionais, pois tem o poder de significar e conferir sentido às coisas, além de expressar sentidos, mediando através da fala, da escuta, da leitura e da escrita, as relações interpessoais envolvidas numa dada situação de interação social, não podemos limitar-se, portanto, apenas à análise dos fatos da língua, pois ela é parte fundamental nas situações de interação e não pode ser vista de modo diferente (ANTUNES, 2009).

1.1 Variação Linguística e Ensino

Ao longo dos anos, as concepções sobre o ensino de Língua Portuguesa têm passado por transformações para que sejam consideradas, em sala de aula, não só a gramática normativa, mas questões relacionadas à interação, situações de uso da língua que estejam no cotidiano dos alunos e que fazem parte de seu repertório e que são vistas como algo a ser usado na sociedade e não apenas para aprender a língua escrita. Segundo Bortoni-Ricardo,

a escola não pode ignorar as diferenças sociolinguísticas. Os professores e seus alunos precisam estar conscientes de que existem diferentes formas de se dizer a mesma coisa. E mais, que essas formas alternativas servem a propósitos comunicativos distintos e são recebidas de maneira diferenciada pela sociedade. Algumas conferem prestígio ao falante, aumentando-lhe a credibilidade e o poder de persuasão; outras contribuem para formar-lhe uma imagem negativa, diminuindo-lhe as oportunidades. Há que se ter em conta ainda que essas reações dependem das circunstâncias que cercam a interação. Os alunos que chegam à escola falando “nós chegemu”, “abrido” e “ele drome”, por exemplo, têm que ser respeitados e ver valorizadas as suas peculiaridades linguístico-culturais, mas têm direito inalienável de aprender as variantes de prestígio dessas expressões. Não se pode negar esse conhecimento a eles, sob pena de se fecharem as portas, já estreitas, da ascensão social. O caminho para uma democracia é a distribuição justa de bens culturais, entre os quais a língua é o mais importante (2005, p.15).

Em sala de aula surgem muito desafios, mas no que se refere ao ensino de língua portuguesa, um dos maiores problemas enfrentados pelos professores tem sido tratar o uso da variação linguística em sala de aula. De acordo com estudos e pesquisas realizadas a maioria

dos professores não sabe como lidar com este assunto, por muitas razões. Muitas vezes sentem-se inseguros, em outros casos prendem-se às regras gramaticais e poucos dão ênfase e buscam incorporar no cotidiano de suas aulas o processo de variação. E na maioria dos casos, as variantes menos prestigiosas, quando comentadas em sala de aulas, são vistas ainda como erros de português. Por esta razão, é preciso realizar trabalhos que possibilitem o entendimento sobre as mudanças que a língua sofre ao longo do tempo, visto que é viva e flexível, e deve sempre ser levar em consideração as pessoas que as falam, BAGNO (2007).

Bortoni-Ricardo (2005) “ressalta que a língua é, por excelência, uma instituição social e, portanto, ao se proceder a seu estudo, é indispensável que se levem em conta variáveis extralinguísticas-socioeconômicos e históricos – que lhe condicionam a evolução e explicam, em parte, sua dialeção regional (horizontal) e social (vertical).” Desta maneira, é preciso considerarmos diversos fatores ao analisarmos e trabalharmos a variação linguística em sala de aula. Neste sentido, autora afirma que,

quando lidamos com alunos que têm acesso muito limitado à norma culta em seu ambiente social (como é o caso das comunidades linguísticas pesquisadas neste estudo), temos de levar em conta a interferência das regras fonológicas e morfossintáticas de seu dialeto no aprendizado do português padrão. Os “erros” que cometem são sistemáticos e previsíveis quando são conhecidas as características do dialeto em questão (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 53).

Para Antunes (2009, p.20), “a escola e, em geral, o consenso da sociedade ainda se ressentem das heranças deixadas por uma perspectiva de estudo do fenômeno linguístico cujo objeto de exploração era a língua enquanto conjunto potencial de signos, desvinculada de suas condições de uso e centrada na palavra e na frase isoladas. Nessa visão reduzida de língua, o foco das atenções se restringia ao domínio da morfossintaxe, com ênfase no rol das classificações e de suas respectivas nomenclaturas. Os efeitos de sentido pretendidos pelos interlocutores e as finalidades comunicativas presumidas para os eventos verbais quase nada importavam”.

De acordo com Antunes (2003) não se conseguirá sucesso no ensino sem se alterar a concepção de gramática e a concepção de seus limites na semântica das atuações verbais. O professor de Língua Portuguesa deve contribuir significativamente para que o aluno amplie sua competência no uso oral e escrito através da leitura, da produção de relatórios, resumos, artigos, poemas, crônicas, por exemplo. Mas, para isso, o professor não deve ignorar e nem interferir no sujeito aprendiz, na sua construção e no conhecimento que tem da língua.

Antunes (2003, p. 89) ressalta que “a gramática existe não em função de si mesma, mas em função do que as pessoas falam, ouvem, leem e escrevem nas práticas sociais de uso da língua”. Sendo assim, a atividade da leitura completa a atividade da produção escrita, permitindo a interação entre sujeitos e supõe mais que a simples decodificação dos sinais gráficos.

Os PCN (1997) afirmam que “a gramática de forma descontextualizada tornou-se emblemática de um conteúdo estritamente escolar, do tipo que só serve para ir bem na prova e passar de ano, uma prática pedagógica que vai da metalinguagem para a língua por meio de exemplificação, exercícios de reconhecimento e memorização de nomenclatura” (BRASIL, 1997, p. 39).

Conforme Antunes (2007) é importante propiciar aos alunos situações comunicativas em que eles façam escolhas das diversas formas de uso da língua, para que possam entender que a língua é flexível a diversos contextos e sofre adaptações conforme os sujeitos e ambientes que dele fazem uso.

Os PCN (1997) defendem que os conteúdos de língua portuguesa nas escolas devem ser relacionados em função das habilidades dos alunos. Por isso, o uso da língua oral deve ser levado em consideração, assim como sua análise e reflexão. Considerar o conhecimento prévio do aluno é um princípio didático para todo o professor que pretende realmente ensinar ao aluno a sua língua.

É preciso que o professor fique atento, pois, não é o seu papel ensinar o aluno a falar, pelo contrário, isso é algo que a criança aprende muito antes da idade escolar. Os Parâmetros “ressaltam que, talvez, por isso, a escola não tenha tomado para si a tarefa de ensinar quaisquer usos e formas da língua oral. Quando o fez, foi de maneira inadequada: tentou corrigir a fala “errada” dos alunos por não ser coincidente com a variedade linguística do prestígio social. Expressar-se oralmente é algo que requer confiança em si mesmo. Isso se conquista em ambientes favoráveis à manifestação do que se pensa, do que se sente, do que se é” (BRASIL, 1998, p. 49).

Conforme os PCN (1998), o aluno é o sujeito da ação de aprender, o segundo elemento, o objeto de conhecimento, é a Língua Portuguesa, tal como se fala e se escreve fora da escola, a língua que se fala em instâncias públicas e a que existe nos textos escritos que circulam socialmente. E o terceiro elemento da tríade, o ensino, é neste enfoque concebido como a prática educacional que organiza a mediação entre o sujeito e o objeto de conhecimento. Por isso, é importante que a escola esteja atenta para o ensino da língua.

Embora a sociolinguística tenha trazido noções fundamentais como o de língua como um sistema heterogêneo, ainda não há uma prática eficaz no sentido de romper com a tradição gramatical que embala as práticas pedagógicas. O que percebemos ainda hoje é que “a escola é norteada para ensinar a língua da cultura dominante; tudo que se afasta desse código é defeituoso e deve ser eliminado” afirma Bortoni-Ricardo (2005, p. 14).

De acordo com Bortoni-Ricardo (2005), faz-se necessário o desenvolvimento de uma pedagogia sensível às diferenças sociolinguísticas e culturais dos alunos e isto requer uma mudança de postura da escola – de professores e alunos – e da sociedade em geral. O professor precisa valer-se dos fundamentos teóricos propostos pela Sociolinguística para suas atuações práticas.

Segundo Faraco (2008) para ensinarmos adequadamente a língua em uso é preciso ter muito conhecimento e clareza sobre o que se quer ensinar sobre ela para não misturar os valores sociais com o nível estrutural da língua e da sociedade. Entendendo e fazendo entender que aqueles que falam as variedades desvalorizadas socialmente não são, por esta razão, inferiores. Do mesmo modo que aqueles que usam as variedades prestigiadas na sociedade, não são superiores. Mas é preciso que sejamos críticos sobre esses valores sociais positivos ou negativos que se referem as variedades linguísticas, para que a norma culta/comum/standard fique adequadamente situada em meio às demais variedades e evitemos um fator de discriminação.

“A aquisição da língua padrão por meio da exposição a modelos dessa variedade em sala de aula é um tema que ainda não recebeu suficiente atenção, apesar da grande ênfase que a pesquisa sociolinguística tem dedicado às consequências educacionais da variação linguística” afirma Bortoni-Ricardo (2005, p. 181).

1.2 Por que se Pensou em Fazer esse Trabalho?

As questões que envolvem a variação linguística interferem nas relações em sala de aula e na qualidade de aprendizagem dos alunos, especialmente em relação ao ensino de língua materna e uso das competências comunicativas. Considerando essa realidade, o objetivo desta pesquisa é investigar a abordagem da variação linguística em sala de aula e apresentar propostas para ampliar o estudo da variação no âmbito escolar.

É importante ressaltar que na trajetória do educador é fundamental desenvolver pesquisas em áreas de seu interesse como meta de crescimento pessoal e profissional, sendo

essa a vertente inicial de qualquer pesquisa, e, principalmente, a necessidade da sociedade em avançar na construção do conhecimento.

Os estudos realizados no PROFLETRAS transformaram e têm transformado de modo positivo e crítico a minha prática pedagógica. O interesse pelo tema da variação linguística, associado à dificuldade prática na implementação de uma pedagogia que considere tal perspectiva e, ao mesmo tempo, a observação de que essa perspectiva pedagógica era praticamente ausente nos ambientes escolares nos quais eu agia, levaram-me ao aprofundamento nos estudos sobre o tema e ao desenvolvimento desta pesquisa.

A realização desta pesquisa se justifica, também, pela possibilidade de contribuir com a prática pedagógica dos professores de Língua Portuguesa na educação básica, na medida em que, por meio dos resultados, poderemos refletir melhor sobre o fazer pedagógico, especialmente no tratamento dado à variação linguística em sala de aula e repensá-lo em função do aprimoramento da competência comunicativa.

A partir dos pressupostos e das concepções discutidas e apresentadas que fundamentam o tema discorrido e em razão da complexidade do tema proposto, as questões que nos levaram a estudar e desenvolver o presente estudo foram:

- De que forma se manifestam, no ambiente escolar, os conflitos entre as variantes de prestígio frequentemente apresentadas na escola como “corretas” e as variantes não prestigiosas, construídas no meio social do aluno fora da escola?
- Em que medida esses conflitos entre variantes linguísticas afetam a vida escolar do aluno?

Visto que o interesse por esta pesquisa surgiu a partir da preocupação de estudiosos sobre o tema e pela minha experiência e preocupação como docente de Língua Portuguesa da educação básica e considerando os aspectos abordados até o momento, este trabalho apresenta os seguintes objetivos:

Objetivo Geral:

Investigar e desenvolver propostas para abordagem da variação linguística nas aulas de português em uma escola pública do interior alagoano.

Objetivos Específicos:

- estudar e relacionar os conceitos da sociolinguística variacionista e da sociolinguística educacional;
- realizar uma revisão de literatura acerca de estudos de aplicação da sociolinguística educacional no Brasil;
- refletir sobre o uso da variação linguística em práticas de linguagem em sala de aula e o papel do professor de língua portuguesa nesse processo;
- analisar a relação entre as variedades da língua contrapostas com a língua padrão no ambiente escolar;
- discutir a postura do professor e suas intervenções em relação à variação linguística;
- desenvolver e aplicar sequências didáticas que visem o crescimento e o aprimoramento linguístico dos alunos tendo como foco o estudo da variação linguística;
- refletir sobre o fazer pedagógico, especialmente no tratamento dado à variação linguística em sala de aula e repensá-lo em função de um desempenho comunicativo mais eficaz.

No cotidiano das escolas da rede pública nas quais leciono, em Arapiraca e Girau do Ponciano, é notório que coexistem alunos e outros membros da equipe escolar, como professores e funcionários, que praticam as diversas variedades linguísticas (sociais e regionais). Minhas observações permitem-me afirmar que essas pessoas são frequentemente alvos de zombarias e de sistemático desprezo por parte de vários membros da comunidade escolar e de outros ambientes fora da escola. Além disso, apresentam maior dificuldade para adquirir a norma culta, o que causa problemas como baixa autoestima e desempenho escolar aquém das expectativas.

Sendo assim, um trabalho sistemático, com sequências didáticas que abordem o tema ‘variação linguística’ pode atender a um duplo propósito: reforçar aspectos positivos relacionados à identidade cultural desses alunos e auxiliar na construção coletiva da ideia de que os sistemas linguísticos são constituídos de variedades relacionadas aos grupos sociais que deles fazem uso, ao espaço geográfico ocupado por esses grupos e a fatores contextuais em que se dá a comunicação.

O primeiro capítulo deste trabalho apresenta apontamentos sobre o tema da variação linguística nos PCN. O segundo capítulo apresenta uma revisão de literatura e considerações teóricas abrangendo teorias sobre a variação linguística (sociolinguística variacionista) e suas abordagens em sala de aula (sociolinguística educacional), a partir de situações comunicativas na prática de sala de aula. No terceiro capítulo, discorremos sobre os procedimentos metodológicos utilizados para a realização da pesquisa, levando em consideração o método utilizado e os instrumentos para a coleta de dados, além de apresentar o contexto da pesquisa e os sujeitos envolvidos. No quarto capítulo, apresentamos a análise dos dados coletados.

2 CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

O presente capítulo apresenta pressupostos teóricos da sociolinguística variacionista e da sociolinguística educacional, além de alguns estudos de aplicação da sociolinguística educacional no Brasil. Considera-se, neste trabalho, que a variação linguística deve ser estudada em sala de aula e que tais pressupostos podem sugerir caminhos mais adequados para o tratamento da heterogeneidade linguística na escola.

2.1. A Sociolinguística Variacionista

A sociolinguística variacionista é uma área das ciências da linguagem na qual se considera que as línguas são inerentemente heterogêneas e que tal heterogeneidade é passível de observação e de sistematização. Para tal área, todas as línguas mudam com o passar do tempo e todo processo de mudança pressupõe um período de variação em que duas ou mais formas variantes estão em competição. Segundo Tarallo (2004, p. 6), “se o caos aparente e a heterogeneidade não pudessem ser sistematizados, como então justificar que tal diversificação linguística entre os membros de uma comunidade não os impede de se entenderem, de se comunicarem?”

Para Labov (2008), “a língua é uma forma de comportamento social, usada por seres humanos num contexto social, para comunicar suas necessidades, ideias e emoções uns aos outros”. De acordo com o autor,

existe uma crescente percepção de que a base do conhecimento intersubjetivo na linguística tem de ser encontrada na fala – a língua tal como usada na vida diária por membros da ordem social, este veículo de comunicação com que as pessoas discutem com seus cônjuges, brincam com seus amigos e ludibriam seus inimigos (2008, p.13).

O autor (2008) considera que “é comum que uma língua tenha diversas maneiras de dizer “a mesma” coisa. Do ponto de vista fonológico, por exemplo, as palavras ‘cantando’ e ‘cantano’ têm o mesmo valor de verdade. Do ponto de vista sintático, tal relação também se evidencia em pares como “uma pessoa que eu confio muito” e “uma pessoa em quem eu confio muito” ou “é fácil para ele falar” e “para ele falar é fácil”. Em cada um desses casos, temos o problema de decidir o lugar desta variação na estrutura linguística. Ainda de acordo

com Labov(2008), no início da década de 1970, a análise linguística formal oferecia duas opções claras:

(1) Diz-se que as variantes pertencem a dois sistemas diferentes, e que a alternância é um exemplo de “mistura dialetal” ou “alternância de código”;

(2) Diz-se que as variantes se encontram em “variação livre” dentro do mesmo sistema, e a seleção se encontra abaixo do nível da estrutura linguística.

Para o autor, “ambas as abordagens colocam a variação fora do sistema que está sendo estudado. Existem, é claro, diversos casos aos quais cabe apropriadamente um ou outro desses rótulos” (2008, p. 221).

Weinreich, Labov e Herzog (2006) propõem um modelo de língua que evita os infrutíferos paradoxos com que as teorias da estrutura homogênea vinham estorvando a linguística histórica. De acordo com os autores (2006), a maioria dos linguistas reconhecia a evidência que demonstra que a mudança linguística é um processo contínuo e o subproduto inevitável da interação linguística.

A explicação da mudança linguística, segundo Labov (2008), parece envolver três problemas distintos: a origem das variações linguísticas; a difusão e propagação das mudanças linguísticas; e a regularidade da mudança linguística. O modelo que subjaz a essa tripartição requer como ponto de partida a variação em uma ou mais palavras na fala de um ou mais indivíduos. Para o autor,

a variação linguística pode ser induzida por processos de assimilação ou dissimilação, por analogia, empréstimo, fusão, contaminação, variação aleatória ou quaisquer outros processos em que o sistema linguístico interaja com as características fisiológicas ou psicológicas do indivíduo. A maioria dessas variações ocorre apenas uma vez e se extinguem tão rapidamente quanto surgem. No entanto, algumas são recorrentes e, numa segunda etapa, podem ser imitadas mais ou menos extensamente, e podem se difundir a ponto de formas novas entrarem em contraste com as formas mais antigas num amplo espectro de uso. Por fim, numa etapa posterior, uma ou outra das duas formas geralmente triunfa, e a regularidade é alcançada (LABOV, 2008, p. 19-20).

Ainda para o autor, “nem todas as mudanças são altamente estruturadas, e nenhuma mudança acontece num vácuo social. Até mesmo a mudança em cadeia mais sistemática ocorre num tempo e num lugar específicos, o que exige uma explicação” (LABOV, 2008, p. 20).

Em relação à geografia linguística, Weinreich, Labov e Herzog (2006) “afirmam que a desculpa de que cada palavra tem sua própria história reflete nossa incapacidade de prever ou mesmo de explicar os modos como uma palavra precede uma outra ao longo dos mapas do

geógrafo-linguista. Desse modo, o problema de explicar a transição geográfica de dialetos através de um território parece, portanto, simétrico ao problema de explicar a transição de dialetos através do tempo numa comunidade. Em cada caso, há um contato entre falantes com sistemas diferentes.” Segundo os autores, “se quisermos resolver os misteriosos paradoxos da mudança, será necessário analisar os processos que ocorrem em tais situações de contato em termos de como um falante pode entender e aceitar os elementos estruturais na fala de outros.” (2006, p. 92).

Ainda segundo Weinreich, Labov e Herzog (2006, p. 92), “um estudo atento do problema de transição inevitavelmente nos leva a considerar a transferência de uma forma ou regra linguística de uma pessoa para outra – mais especificamente, de um sistema linguístico para outro”. Para os autores,

parece razoável dizer que a transferência ocorre quando o falante A aprende a forma ou regra usada pelo falante B, e que a regra então coexiste na competência linguística de A junto com sua forma ou regra anterior. A mudança então ocorre dentro do complexo repertório linguístico de A: um tipo é o desfavorecimento gradual da forma original em prol da nova, de modo que ela assume o status de “arcaica” ou “obsoleta” (WEINREICH, LABOV E HERZOG, 2006, p. 93).

A língua é flexível e sobre ela agem pressões sociais constantemente, de modo que não é possível analisar e entender as variações linguísticas e suas mudanças sem levar em consideração a vida social e cultural da comunidade onde elas ocorrem, LABOV (2008).

Ainda segundo Labov(2008), no que se refere a descrição e análise dos padrões e usos de línguas e dialetos em uma determinada cultura há muito o que se fazer e muitos fatores a se considerar para compreender as variações através de aspectos como: as formas de “eventos de fala”; as regras para a seleção adequada dos falantes; as inter-relações entre falante, ouvinte, público, tópico, canal e contexto; e os modos como os falantes se valem dos recursos de sua língua para desempenhar certas funções. Este estudo funcional é concebido como complementar ao estudo da estrutura linguística.

Tarallo (2004) observa que a variação linguística está presente em todas as comunidades de fala, recebendo o nome de “variantes linguísticas”, que nada mais é do que modos diferentes de se dizer a mesma coisa no mesmo contexto, com valores de verdade. Diante disso, o autor (2004), elenca um conjunto de variantes de modo a sistematizá-los, como se pode ver a seguir:

- um levantamento exaustivo de dados de língua falada, para fins de análise, dados estes que refletem mais fielmente o vernáculo da comunidade;
- descrição detalhada da variável, acompanhada de um perfil completo das variantes que a constituem;
- análise dos possíveis fatores condicionadores (linguísticos e não-linguísticos) que favorecem o uso de uma variante sobre a(s) outra(s);
- encaixamento da variável no sistema linguístico e social da comunidade: em que nível linguístico e social da comunidade a variável pode ser colocada;
- projeção histórica da variável no sistema sociolinguístico da comunidade. A variação não implica necessariamente mudança linguística (ou seja, a relação de contemporização entre as variantes). A mudança, ao contrário, pressupõe a evidência de estado de variação anterior, com resolução de morte para uma das variantes.

Ainda em seus estudos Tarallo (2004) “afirma que Labov considera que as variantes de uma comunidade de fala encontram-se sempre em relação de concorrência: padrão/não-padrão, conservadoras/inovadoras, estigmatizadas/de prestígio”. Para o autor, “a língua pode ser um fator extremamente importante na identificação de grupos, em sua configuração, como também uma possível maneira de demarcar diferenças sociais no seio de uma comunidade” (2004, p. 14).

Para Labov (2008), o objetivo da pesquisa linguística na comunidade deve ser descobrir como as pessoas falam quando não estão sendo sistematicamente observadas. Tal estilo é denominado ‘vernáculo’. Tarallo (2004), citando Labov expressa que “a língua falada é o vernáculo: a enunciação e expressão de fatos, proposições, ideias (o que) sem a preocupação de *como* enunciá-los” (2004, p.19). Trata-se, portanto, dos momentos em que o mínimo de atenção é prestado à língua.

Ainda segundo os estudos de Tarallo, que seguem a linha de Labov, uma dúvida acompanha o pesquisador: “uma vez que pretendemos pesquisar a língua falada em situações naturais de comunicação, como então coletar uma vasta quantidade de material, sem que a presença do pesquisador interfira na naturalidade da situação de comunicação?” (2004, p.20) O autor (2004), acrescenta que esse problema foi chamado por Labov (1972) de ‘paradoxo do observador’.

Ainda de acordo com suas pesquisas, Tarallo (2004, p.21) afirma que “o propósito do método de entrevista sociolinguística é o de minimizar o efeito negativo causado pela presença do pesquisador na naturalidade da situação de coleta de dados.” Sendo assim, o pesquisador sociolinguista deve coletar: 1 - situações naturais de comunicação linguística e 2 - grande quantidade de material, de boa qualidade sonora.

Uma das formas de tentar resolver o problema exposto no “paradoxo do observador” seria, de acordo com Labov (2008), o trabalho com narrativas pessoais. Tarallo (2004) citando Labov, afirma que “os estudos de narrativas de experiência pessoal têm demonstrado que, ao relatá-las, o informante está tão envolvido emocionalmente com o que relata que presta o mínimo de atenção ao como. E é precisamente esta a situação natural de comunicação almejada pelo pesquisador sociolinguista” (2004, p. 22). Segundo Labov (2008),

podemos definir uma variável sociolinguística como correlacionada com alguma variável não-linguística do contexto social: o falante, o interlocutor, o público, o ambiente etc. alguns traços linguísticos (que chamaremos de indicadores) mostram uma distribuição regular pelos grupos socioeconômicos, étnicos e etários, mas são usados por cada indivíduo mais ou menos do mesmo modo em qualquer contexto. Se os contextos sociais puderem ser ordenados em algum tipo de hierarquia (como grupos socioeconômicos ou etários), podemos dizer que tais indicadores são estratificados. Variáveis sociolinguísticas mais altamente desenvolvidas (chamadas ‘marcadores’) não somente exibem distribuição social, mas também diferenciação estilística (2008,275-276).

Sobre variantes estilísticas, Labov (2008) “apresenta alguns questionamentos: que é um estilo senão um subcódigo distinto, e quando é que temos dois deles? Normalmente pensamos na língua como um meio de traduzir significado em modo linear. Onde e como os significados estilísticos entram neste processo? Falamos da necessidade de comunicar significado como um fator controlador na evolução linguística. Que tipo de controle, se há algum, é exercido pela necessidade de comunicar mensagens “estilísticas”?” Para o autor (2008), “o contexto estilístico poderia ser ordenado ao longo de uma única dimensão segundo o grau de atenção prestado à fala, de modo que se tenha estratificação tanto estilística quanto social” (Labov, 2008, p. 276).

Labov (2008) considera que, “ao falar do papel de fatores sociais que influenciam a evolução linguística, é importante não superestimar o grau de contato ou de superposição entre valores sociais e a estrutura da língua. A estrutura linguística e a estrutura social não são de modo algum coextensivas. A grande maioria das regras linguísticas está bastante distante de qualquer valor social; elas fazem parte do elaborado mecanismo de que o falante precisa

para traduzir seu complexo conjunto de significados ou intenções em forma linear”. Para o autor,

as variáveis mais próximas da estrutura superficial frequentemente são foco da avaliação social. De fato, valores sociais são atribuídos a regras linguísticas somente quando há variação. Os falantes não aceitam de imediato o fato de que duas expressões diferentes realmente “têm o mesmo significado” e existe uma forte tendência a atribuir diferentes significados a elas. Se dado grupo de falantes usa uma variante particular, então os valores sociais atribuídos a esse grupo serão transferidos a essa variante linguística (LABOV, 2008, p. 290).

Tarallo (2004) aponta que é importante o contraste entre um estilo de fala mais espontâneo e outro mais formal (chamado pelo autor de estilo *entrevista*). Para ele, “se a escolha entre variantes for de natureza estigmatizada ou de prestígio, o estilo entrevista bloqueará a variante supostamente estigmatizada (Tarallo, 2004, p. 52).” Além desses dois parâmetros estilísticos, outros poderiam ser considerados, como, por exemplo, situações experimentais. A situação de testes propiciará um estilo ainda mais elaborado, mais refletido.

O autor (2004) sugere, entre outras estratégias, “a utilização de testes de produção, que consistem em mecanismos que levem o informante a construir a variável. Na tentativa de produção da variável, ele optará por uma ou outra variante. Essa escolha de variedade pode ser comparada aos resultados obtidos na análise dos outros estilos. Uma vez estabelecidos os parâmetros de situações naturais de comunicação vs. situações experimentais, sugere ainda que seja avaliado o tipo de valor atribuído às variantes fora do material de análise” (2004, p. 52-54).

“A língua falada é um sistema variável de regras. Obviamente, a esse sistema de variação devem corresponder tentativas de regularização, de normalização. Como grande estandarte dessa regularização surge a língua escrita tal qual ensinada nas escolas. A língua portuguesa veiculada na escola é, em princípio, um reflexo da norma-padrão do português” (Tarallo, 2004, p. 57-58). Segundo o autor,

a implantação da norma-padrão traz como consequência imediata à unidade da língua nacional. Nesse sentido, você poderá investigar fontes de dados que tenham por objetivo a unificação da língua nacional, por exemplo, os meios de comunicação de massa: a linguagem da mídia. Ao ouvir um programa de rádio, ao assistir a um programa de televisão ou ao ler um jornal, você observará que, apesar de todos os três procurarem refletir a norma-padrão, a presença de traços variáveis da fala se faz sentir. A quarta dimensão de sua análise consistirá, portanto, em verificar até que ponto certos textos de mídia permitem a infiltração de variantes não-padrão (TARALLO, 2004, p. 58).

Segundo Labov (2008), mesmo a gramática gerativa desprezando o contexto social da língua tem contribuído para o avanço em desvendar as relações invariantes dentro de sua estrutura, isso levando em consideração o aspecto sincrônico da língua. Ainda para o autor (2008), parece claro que não se pode fazer nenhum avanço importante rumo ao entendimento do mecanismo da mudança linguística sem o estudo sério dos fatores sociais que motivam a evolução linguística.

Conforme Weinreich, Labov e Herzog (2006) são encontradas, na maioria das comunidades de fala, formas distintas que coexistem, na mesma proporção em todas as sub-regiões geográficas da comunidade. Para os autores,

o sistema heterogêneo pode então ser visto como um conjunto de subsistema que se alternam de acordo com um conjunto de regras co-ocorrentes, enquanto dentro de cada um desses subsistemas podemos encontrar variáveis individuais que co-variam mas não co-ocorrem estritamente. Cada uma dessas variáveis acabará sendo definida por funções de variáveis independentes extralinguísticas ou linguísticas, mas essas funções não precisam ser independentes umas das outras. Pelo contrário, normalmente se esperaria encontrar íntima co-variação entre as variáveis linguísticas (Weinreich, Labov e Herzog, 2006, p.108).

Os autores consideram a variável como uma função de estilo tanto quanto de idade, mesmo nos estágios iniciais. Falantes com baixa escolarização, que mostram pouca consciência da própria fala e nenhuma correção nos estilos formais, mostram uma diferenciação estilística entre modos arcaicos e inovadores (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006).

Para Tarallo (2004, p.64), “a estrutura de uma língua somente será totalmente entendida à medida que se compreendam efetivamente os processos históricos de sua configuração. O modelo sociolinguístico de estudo da história de variantes segue o princípio de uniformidade.” Para o autor,

Segundo este princípio, as forças que atuam no momento sincrônico presente são (ou deveriam ser) as mesmas que atuaram no passado, e vice e versa. Uma teoria da mudança linguística deve guiar-se por uma articulação teórica e metodológica entre presente-passado-presente. Em outras palavras, inicia-se o processo de investigação no momento presente; volta-se ao passado para o devido encaixamento histórico das variantes, retornando-se, a seguir, ao presente para o fechamento do ciclo de análise (Tarallo, 2004, p.64).

Conforme os estudos de Tarallo (2004) “a relação de estabilidade das variantes aumentará se entre a regra variável e a faixa etária dos informantes não houver qualquer tipo de correlação. Se, por outro lado, o uso da variante mais inovadora for mais frequente entre os

jovens, decrescendo em relação à idade dos outros informantes, haverá uma situação de provável mudança linguística em progresso” (Tarallo, 2004, p. 65).

Tarallo (2004, p.70) ainda “afirma que, como princípio geral, uma variável sociolinguística estável está linearmente correlacionada à classe socioeconômica, de tal forma que o grupo social de status mais alto terá os índices mais elevados da variante de prestígio e, conseqüentemente, a frequência menor de uso da variante estigmatizada”.

Segundo os estudos de Tarallo (2004), citando os estudos sobre Weinreich; Labov e Herzog, a pesquisa variacionista teria as seguintes questões a serem respondidas:

- sobre os fatores condicionadores: quais são os fatores gerais efetivos para a mudança – se é que existem – que determinam e distinguem possíveis mudanças de mudanças impossíveis do sistema e que, ao mesmo tempo, apontam direções de mudanças?;
- sobre o encaixamento: como uma determinada mudança linguística se encaixa no sistema circundante de relações sociais e linguísticas?;
- sobre a avaliação: como os membros de uma determinada comunidade linguística avaliam a mudança e, em especial, quais são os efeitos dessa avaliação sobre o processo de mudança em si?;
- sobre a transição: como e por quais caminhos a língua muda?;
- sobre a implementação: por que, quando e onde determinada mudança ocorreu?

Os aspectos teóricos da sociolinguística variacionista apresentados até aqui podem constituir-se como base para compreendermos melhor como se dá a variação e a mudança linguística em uma comunidade de fala. Além disso, podem fornecer direções para o estudo da variação linguística na escola considerando um método que permita a análise da variação tal qual ela ocorre na língua.

Na seção seguinte, será apresentado o ramo de sociolinguística denominado “sociolinguística educacional”.

2.2 Sociolinguística Educacional

Desde 1960, a sociolinguística educacional vem contribuindo no ensino, contudo as críticas sobre a sua proposta educacional são uma constante, sobretudo críticas externas como as dos sociólogos e analistas do discurso, uma vez que não aceitam as teorias, argumentando que a sociolinguística educacional está dissociada de uma teoria mais ampla. Além disso, há

sociolinguistas descrentes nessa proposta, subestimando a importância das diferenças dialetais no aprendizado da língua, BORTONI-RICARDO (2005).

A autora (2005), defende a tese de que a sociolinguística tem papel relevante e específico a desempenhar no processo educacional e que sua forma de contribuir para esse processo tem de ser revista. Desta maneira ela propõe alguns princípios que devem ser observados e denomina, de forma um pouco genérica, todas as propostas e pesquisas sociolinguísticas que tenham por objetivo contribuir para o aperfeiçoamento do processo educacional, principalmente na área do ensino de língua materna, de ‘sociolinguística educacional’ (2005). Segundo a autora,

no seu nascedouro, nos fins dos anos 1960, a sociolinguística variacionista continha, em nível programático, propostas de contribuição à educação de crianças falantes de línguas ou variedades minoritárias. Partia a sociolinguística de análises contrastivas entre as variedades faladas por minorias e a variedade de prestígio na sociedade, acreditando que os problemas de desempenho escolar das crianças falantes dessas primeiras variedades seriam solucionados se fosse igualmente solucionado o problema que Willian Labov (1969) denominou de mútua e recíproca ignorância: as professoras não conheciam as regras dos dialetos de seus alunos e esses também desconheciam as regras do dialeto com que se defrontam na escola (BORTONI-RICARDO, 2005,p.128).

Mesmo com as visíveis e destacáveis contribuições que a sociolinguística oferece à educação, a autora dar uma ênfase as principais críticas que esta área tem sofrido. Além das críticas externas, ela aponta ainda que a sociolinguística enfrenta críticas internas, que nascem do ceticismo atual de muitos sociolinguistas, convencidos de que as diferenças linguísticas não são a causa primária do fracasso educacional e colocam os preconceitos vigentes na sociedade como principais causadores. Neste aspecto, a autora afirma que sua própria pesquisa de sociolinguística educacional, nos últimos anos, a convenceu de que a sociolinguística tem um papel muito específico a desempenhar no esforço coletivo das ciências humanas pelo aperfeiçoamento do processo educacional. Deixando claro que para ela, a sociolinguística educacional tem de adotar estratégias distintas das que vêm sendo empregadas, BORTONI-RICARDO (2005). Para isso, a autora propõe à reflexão seis princípios que seriam fundamentais na implementação da sociolinguística educacional.

Os seis princípios fundamentais para implementação da sociolinguística educacional

De acordo com Bortoni-Ricardo (2005), há seis princípios que justificam a implementação da sociolinguística educacional, conforme podemos verificar:

Primeiro princípio: a influência da escola na aquisição da língua não deve ser procurada no dialeto vernáculo dos falantes – em seu estilo mais coloquial, mas sim em seus estilos formais, monitorados (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 131).

Segundo princípio: “Regras que não estão associadas à avaliação negativa na sociedade não são objeto de correção na escola e, portanto, não vão influir consistentemente nos estilos monitorados” (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 131).

Terceiro princípio: refere-se à inserção da variação sociolinguística na matriz social. No Brasil, a variação está ligada à estratificação social e à dicotomia rural-urbano. “Isto significa que o ensino da língua de prestígio na escola não é necessariamente fonte de conflito, embora possa ser fonte de discriminação das crianças falantes de variedades populares” (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 132).

Quarto princípio: os estilos monitorados da língua são reservados à realização de eventos de letramento em sala de aula. Para a realização de eventos de oralidade, podemos nos valer de estilos mais casuais. Desta forma, em lugar da dicotomia entre português culto e português ruim, institui-se na escola uma dicotomia entre letramento e oralidade. Com base nesta segunda dicotomia, faz-se a distinção entre a língua que usamos para falar com pessoas de quem gostamos e em quem confiamos e a língua que usamos para ler, escrever e falar, quando falamos mais próximo da maneira como escrevemos (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 132).

Quinto princípio: Bortoni-Ricardo (2005) postula que “a descrição da sociolinguística educacional não pode ser dissociada da análise etnográfica e interpretativa do uso da variação em sala de aula.” (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 132).

Sexto princípio: refere-se ao processo de conscientização crítica dos professores e alunos quanto à variação e à desigualdade social que ela reflete. Nesse processo, é necessário que o linguista não se limite a transmitir informações técnicas, que são produtos da pesquisa acadêmica. “É preciso que se estabeleça um efetivo diálogo com o professor por meio de pesquisa, que o enriqueça e o torne apto a promover uma autorreflexão e uma análise crítica de suas ações” (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 133).

Ainda segundo a autora (2005), estes princípios quando empregados na prática visa a apresentação de respostas aparentes ao impasse que a sociolinguística educacional vive atualmente, mas para que isso ocorra deve-se partir de uma pesquisa permanente e séria

observando a influência da variação linguística no contexto de ensino da língua. De acordo com a autora,

as escolas de zona rural ou de periferia atendem a uma clientela com características socioculturais específicas, que se distinguem das características da clientela das escolas urbanas dos bairros de classe média, principalmente em relação ao repertório linguístico. Essas especificidades não são devidamente contempladas nos livros didáticos, nem tampouco nas propostas curriculares, cabendo aos professores de crianças provenientes de uma cultura iletrada a pesada tarefa de fazer a adequação dos conteúdos programáticos aos antecedentes culturais de seus alunos. Alguns desses professores são membros da comunidade onde trabalham, outros são “forasteiros”, com background cultural diferente. Tanto uns quanto outros, porém, precisam aprender a identificar as características sociolinguísticas e culturais de seus alunos de forma sistemática. De acordo com a autora, “essa identificação é pré-requisito para a implementação de estratégias pedagógicas e interacionais que sejam sensíveis aos traços culturais dos alunos e proporcionem melhores resultados na aprendizagem” (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 144).

A autora propõe considerar “o microcosmo da sala de aula como um espaço sociolinguístico multidimensional, no qual professores, alunos e demais profissionais do ensino estão permanentemente submetidos a múltiplas influências determinantes de um comportamento linguístico muito variado” (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 183). No que se refere a ampla variação existente nas salas de aula, suas motivações e padrões estruturais, a autora considera,

a escola um ambiente bidialetal porque todas as crianças são falantes de uma variedade rural do português brasileiro e a linguagem da escola, pelo menos em nível programático, é a língua padrão. É preciso sempre lembrar, entretanto, que os dialetos no Brasil não são considerados como entidades distintas que os falantes podem alternar de acordo com a situação. A mudança de código na nossa ecologia linguística consiste simplesmente no aumento ou na diminuição da frequência de traços não padrão. Ao falar nesses traços, temos também de distinguir os que são graduais no continuum sociolinguístico brasileiro, isto é, estão presentes, em maior ou menor intensidade, e, dependendo do contexto, na linguagem de qualquer falante nativo do português brasileiro, e traços descontínuos, isto é, característicos das variedades geográfica ou socialmente mais isoladas (BORTONI-RICARDO, 2005, p.183).

Ainda para a autora (2005), “os alunos devem sentir-se livres para falar em sala de aula e, independentemente do código usado – a variedade padrão ou variedades não padrão –, qualquer aluno que tome o piso em sala de aula deve ser ratificado como um participante legítimo da interação. Uma forma efetiva de o professor conferir essa ratificação é dar continuidade à contribuição do aluno, elaborando-a e ampliando-a (Bortoni-Ricardo, 2005, p. 197).”

Seguindo esta postura sociolinguística o professor pode levar o aluno a sentir-se, de fato, participante e contribuinte na interação comunicativa em sala de aula, conferindo-lhe

uma ativa participação, ampliação e desenvolvimento de sua consciência sobre variação linguística. Neste sentido, a autora considera que,

é importante observar, porém, que há diferença entre a “expansão” da contribuição do aluno e a “correção”. A primeira é positiva, enquanto a segunda pode ter um componente negativo. O processo de expansão faz parte do que vem sendo reconhecido como scaffolding, ou “andaimagem”, termo metafórico usado para denominar o processo interativo por meio do qual o professor, como um parceiro mais competente, ajuda o aluno a construir seu conhecimento. “A justaposição de dialetos em sala de aula é um momento propício para desencadear ações de scaffolding que contribuam para o desenvolvimento da competência comunicativa do aluno e de sua consciência crítica das diferenças linguísticas (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 198).

Segundo a autora, abre-se na área da educação e nos demais setores das relações sociais, um imenso campo de trabalho para a linguística nacional. Cabe à linguística estudar a variação da língua nos espaços geográfico e social, propor soluções para o impasse do anacronismo da gramática normativa, combater o estigma atribuído às variedades denominadas “incultas”, levantar as atitudes dos falantes em relação à língua, determinar as etapas evolutivas dos traços em processo de mudança, e, principalmente, apontar caminhos e estratégias para a educação no Brasil” (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 38).

Bortoni-Ricardo (2005) considera que, “no Brasil, encontramos regiões metropolitanas onde já se instalou o processo de diglossia, ou seja, o contato dos vernáculos rurais com dialetos de classe baixa, enquanto haverá lugares que permanecem quase tão isolados quanto no século XVIII.” Neste aspecto, segundo a autora:

Entre os indivíduos de origem rural, encontramos aqueles que, por meio do ensino sistemático da língua na escola ou pelo convívio com a cultura de letramento, já estarão adiantados no processo de conformação de sua linguagem aos padrões citadinos de prestígio, enquanto outros conservarão, ainda, quase inalterados, seus hábitos linguísticos originais. Esse fenômeno de mudança no comportamento linguístico é tão diferenciado quanto o próprio fenômeno de mobilidade social. (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 34).

Diante do exposto, a autora “aponta o surgimento de um quadro da língua portuguesa no Brasil onde devemos estabelecer distinção entre os seguintes conceitos: vernáculos rurais, língua urbana, língua literária e língua oficial” (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 35).

Segundo a autora, “língua urbana é uma denominação genérica que inclui as diversas modalidades estratificadas da língua, usadas nas zonas urbanas, na fala e na escrita. Tais modalidades, que dependem da classe social, da profissão, da zona de residência e, principalmente, do grau de escolaridade dos indivíduos, vão desde as variedades populares

que se aproximam muito dos vernáculos, até a variedade culta, empregada pelas pessoas de nível alto de escolarização e pelos meios de comunicação de massa, que segue aproximadamente os preceitos da gramática normativa” (2005, p.35).

Já em relação à língua oficial, a autora afirma que “do fato de se basear em escritores não contemporâneos resulta o seu distanciamento, em muitos pontos, da realidade linguística oral e literária no Brasil. Detentora, porém, do beneplácito do sistema sociopolítico, que a considera correta em detrimento de todas as outras variedades, impõe-se o seu emprego em documentos oficiais e formais, bem como o seu estudo na escola, onde o professor a ensina, embora ele próprio não a use em sua fala coloquial” (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 35).

Deste modo, seguindo os princípios de Bortoni-Ricardo (2005), é preciso levar em consideração as interferências das regras fonológicas e morfossintáticas de seu dialeto na aprendizagem do português padrão, visto que na maioria das vezes os alunos têm um acesso muito limitado à norma culta em seu cotidiano e a forma que eles falam, bem como os fatores e influências sociais não podem ser desconsideradas em sala de aula para o desenvolvimento do trabalho com variação linguística.

A autora afirma “que para lidar com esse problema é preciso, antes de tudo, conhecer as características linguísticas desses alunos. A variedade inculta do português que eles falam tem de ser encarada como um subsistema bem estruturado que se distingue da língua padrão de uma forma definida e consistente (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 37).” Para a autora,

antes de se delinearem as estratégias didáticas que visam melhorar a eficiência do ensino fundamental no Brasil, seria necessário proceder ao levantamento dos traços estigmatizados dos dialetos das classes menos favorecidas. Isso permitiria aos educadores promover um diagnóstico das possíveis interferências dialetais, bem como elaborar métodos e material didático que atendam ao problema de diglossia que se instalou nas escolas (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 37- 38).

Para a autora (2004), que considera que muitos professores, até hoje, não sabem bem como agir nas aulas de língua portuguesa, diante dos chamados “erros de português, ficando inseguros ao falar em “erros”; “é no momento em que o aluno usa flagrantemente uma regra não-padrão e o professor intervém, fornecendo a variante padrão, que as duas variedades se justapõem em sala de aula”. A autora afirma que,

a escola não pode ignorar as diferenças sociolinguísticas. Os professores e, por meio deles, os alunos têm que estar bem conscientes de que existem duas ou mais maneiras de dizer a mesma coisa. E mais, que essas formas alternativas servem a propósitos comunicativos distintos e são recebidas de maneira diferenciada pela sociedade. Algumas conferem prestígio ao falante, aumentando-lhe a credibilidade e o poder de persuasão; outras contribuem para formar-lhe uma imagem negativa, diminuindo-lhe as oportunidades. Há que se ter em conta ainda que essas reações dependem das circunstâncias que cercam a interação. Os alunos que chegam à escola falando “nós chegemu”, “abrido” e “ele drome”, por exemplo, têm que ser

respeitados e ver valorizadas as suas peculiaridades linguístico-culturais, mas têm o direito inalienável de aprender as variedades do prestígio dessas expressões. Não se lhes pode negar esse conhecimento, sob pena de se fecharem para eles as portas, já estreitas, da ascensão social. Segundo a autora, o caminho para uma democracia é a distribuição justa de bens culturais, entre os quais a língua é o mais importante (BORTONI-RICARDO, 2005, p.15).

Historicamente, o prestígio atribuído a uma variedade linguística decorre de fatores sociais, políticos e econômicos. O português falado pelas classes mais favorecidas, ao longo de toda a história brasileira, tem sido a variedade prestigiada desfavorecendo as outras Bortoni- Ricardo (2005). De acordo com a autora,

no Brasil, as diferenças linguísticas socialmente condicionadas não são seriamente levadas em conta. A escola é norteada para ensinar a língua da cultura dominante; tudo o que se afasta desse código é defeituoso e deve ser eliminado. O ensino sistemático da língua é de fato uma atividade impositiva. Para alguns estudiosos, há mesmo uma incompatibilidade entre uma democracia pluralista e a padronização linguística. Isto fica mais evidente em países plurilíngues, onde os falantes de línguas minoritárias têm de aprender e usar, em muitos domínios, a língua majoritária. Mas nesses países, os grupos étnicos minoritários têm feito valer seus direitos e as escolas, desenvolvido métodos de ensino bilíngue ou bidialetal, comprometidos com o respeito e a preservação das características linguístico-culturais desses grupos (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 14).

A autora coloca, ainda, que “uma pedagogia que é culturalmente sensível aos saberes dos educandos está atenta às diferenças entre a cultura que eles representam e a da escola, e mostra ao professor como encontrar formas efetivas de conscientizar os educandos sobre essas diferenças” (Bortoni-Ricardo, 2004, p. 38).

Neste sentido, o professor/a que é sensível aos antecedentes sociolinguísticos e culturais dos alunos empenha-se em duas tarefas: explicar o fenômeno que se apresenta em variação na língua e demonstrar as diversas situações adequadas ao uso de cada uma das variantes, orientando-os, BORTONI-RICARDO (2004).

Do ponto de vista da sociolinguística educacional, para operar de uma maneira aceitável, um membro de uma comunidade de fala tem de aprender o que dizer e como dizê-lo apropriadamente, a qualquer interlocutor e em quaisquer circunstâncias. Essa capacidade pessoal, que inclui tanto o conhecimento tácito de um código comum, como a habilidade de usá-lo, foi denominada competência comunicativa por Hymes (1972) apud Bortoni-Ricardo (2005, p. 62).

Segundo Bortoni-Ricardo (2004, p. 74), “as pessoas vão adquirindo recursos comunicativos à medida que vão ampliando suas experiências na comunidade onde vivem e passam a assumir diferentes papéis sociais. Mas a escola tem uma função muito importante no processo de aquisição desses recursos.” Segundo a autora,

as crianças, quando chegam à escola, já sabem falar bem a sua língua materna, isto é, sabem compor sentenças bem formadas e comunicar-se nas mais diversas situações. Mas ainda não têm uma gama muito ampla de recursos comunicativos que lhes permita realizar tarefas comunicativas complexas em que se exija muita monitoração. É papel da escola, portanto, facilitar a ampliação da competência comunicativa dos alunos, permitindo-lhes apropriarem-se dos recursos comunicativos necessários para se desempenharem bem, e com segurança, nas mais distintas tarefas linguísticas. Eles vão precisar especialmente de recursos comunicativos bem específicos para fazer uso da escrita, em gêneros textuais mais complexos e para fazer uso da língua oral em estilos monitorados (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 74-75).

“Ao tratar das pesquisas variacionistas no Brasil, no que se refere a influencia da diversidade linguística no processo educacional, ainda não se tem a devida atenção. Neste campo, a ciência linguística vem, ainda timidamente, apontando e buscando estratégias que visam aumentar a produtividade da educação e a preservar os direitos do educando” (Bortoni-Ricardo, 2005, p.19). Segundo a autora,

essa contribuição será tanto mais efetiva se fundamentada na convicção de que a situação sociolinguística brasileira apresenta peculiaridades que a distinguem da de outros países. As atividades científicas na área não se podem restringir, portanto, a uma simples importação. É indispensável o desenvolvimento de um aparato teórico-metodológico adequado à realidade nacional (BORTONI- RICARDO, 2005, p.19).

Ainda para Bortoni-Ricardo (2005, p.20), “a maioria dos estudos sociolinguísticos modernos volta-se para três tipos de situações: sociedades multilíngues ou multidialetais; comunidades falantes de línguas crioulas ou pós-crioulas; dialetos ou variedades urbanas e/ou étnicas em países industrializados onde a alfabetização é universal.” Mas para a autora, nenhuma dessas correntes se adequa perfeitamente à descrição dos fenômenos sociolinguísticos no Brasil, ela considera que,

entre os muitos mitos que se criaram e se corporificaram no Brasil, está o da homogeneidade linguística. À análise leiga e generalizada, as diferenças linguísticas diatópicas, distribuídas no espaço geográfico; e diastráticas, distribuídas no espaço social, parecem ser de pequena relevância, já que não impedem a inteligibilidade”. Para a autora, a realidade, entretanto, é bem outra. Segundo ela, as diferenças de natureza fonológica e morfossintática que distinguem, por um lado, a linguagem rural da urbana e, por outro, os diversos dialetos sociais, também referidos como socioletos, são profundas. Todo o sistema flexional nos verbos, nos pronomes e nos nomes apresenta múltiplas possibilidades de variação, principalmente quando a categoria linguística é redundantemente marcada (BORTONI- RICARDO, 2005, p. 22) .

“É um ponto consensual em linguística que a norma padrão de qualquer língua possui preeminência sobre as demais variedades em decorrência de fatores históricos e culturais que

determinam a sua imposição e legitimação. Não se reconhece nela qualquer valor inerente ou intrínseco, mas, sim, atributos que se desenvolveram ao longo de um processo sócio-histórico de natureza institucional” (BORTONI-RICARDO, 2005, p.25). Para a autora,

essa postura teórica tem sérias implicações pedagógicas, já que a linguística recomenda que a norma culta seja ensinada nas escolas, mas que, paralelamente, se preservem os saberes sociolinguísticos e os valores culturais que o aluno já tenha aprendido antes, no seu ambiente social. Resguarda-se, assim, o direito que o educando possui à preservação de sua identidade cultural específica, seja ela rural ou urbana, popular ou elitista. A aprendizagem da norma culta deve significar uma ampliação da competência linguística e comunicativa do aluno, que deverá aprender a empregar uma variedade ou outra, de acordo com as circunstâncias da situação da fala (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 25-26).

Para situar um falante no contunuum rural-urbano, a autora postula “a existência de dois tipos de regras variáveis: regras que definem uma estratificação ‘descontínua’ e que caracterizam as variedades regionais e sociais mais isoladas, recebendo maior grau de estigmatização na sociedade urbana hegemônica; e regras graduais, que definem uma estratificação contínua e estão presentes no repertório de praticamente todos os brasileiros, dependendo apenas do grau de formalidade que eles conferem à própria fala” (BORTONI-RICARDO, 2005,p.40). Esta proposta analítica da autora é ampliada com a adoção de um modelo de três continua: o rural-urbano, o de oralidade-letramento e o de monitoração estilística (2005, p. 40).

Segundo a autora, “o continuum de urbanização é muito relevante porque as categorias rural e urbana são indispensáveis para se conhecer a realidade do Brasil, país que até meados do século XX tinha uma economia essencialmente rural. Nesse continuum, a propriedade mais funcional é o grau de isolamento da comunidade, que pode ser de natureza geográfica (física) ou social” (2005, p.51). A autora considera que,

continuum de oralidade/letramento tem interface tanto com o de urbanização quanto com o de monitoração estilística e propõe que seja adotado, embora isto possa representar alguma sobreposição de critérios, porque a inserção do falante em uma cultura predominantemente oral ou predominantemente letrada tem consequências decisivas para sua apropriação de recursos comunicativos próprios das modalidades oral e escrita e dos gêneros discursivos (BORTONI-RICARDO,2005,p.51).

Segundo a autora, o continuum de monitoração estilística volta-se para os processos cognitivos de atenção e planejamento no momento da enunciação (2005, p.51-52).

Bortoni-Ricardo (2005) “considera que há a necessidade de a escola e também os professores considerarem as diferenças do português na estrutura social, nas normas e nos

valores culturais que condicionam o comportamento linguístico dos falantes. Para isso, é preciso uma metodologia adequada, que tenha como base os estudos linguísticos e sociolinguísticos já desenvolvidos pelos pesquisadores dessas áreas”.

Seguindo os estudos e pesquisas da autora, a escola não pode ignorar as diferenças sociolinguísticas. “Os professores e por meio deles, os alunos têm que estar bem conscientes de que existem duas ou mais maneiras de dizer a mesma coisa e que essas formas alternativas servem a propósitos comunicativos distintos e são recebidas de maneira diferenciada pela sociedade” (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 15).

Sendo assim, os professores, como defende Bortoni-Ricardo (2004), precisam desenvolver em seus cotidianos, uma pedagogia sociolinguística que seja culturalmente sensível aos saberes dos educandos, de modo que esteja atenta às diferenças entre a cultura que eles representam e a cultura adotada pela escola, como uma forma de conscientizar os educandos sobre as diferenças tanto culturais quanto linguísticas sem privilegiar uma e/ou discriminar outra, levando-os a construção sociolinguística e comunicativa adequadas para sua vivência dentro e fora do espaço escolar.

Desta maneira, concordando com os estudos de Bortoni-Ricardo (2004,2005), faz-se necessário o desenvolvimento de uma pedagogia sensível às diferenças sociolinguísticas e culturais dos alunos e isto requer uma mudança de postura da escola como um todo – de professores e alunos – e da sociedade em geral. O professor, particularmente, precisa fundamentar-se das teorias propostas pela Sociolinguística para suas atuações práticas e desta forma comprometer-se com a formação plena de seus alunos, levando-os a tornarem-se contribuintes, ativos e participativos no processo de interação comunicativa na sala de aula e fora dela, conscientes das variações e adequações linguísticas nos mais variados contextos e atuantes contra toda forma de exclusão social pela linguagem.

Como visto nos textos supracitados, os pressupostos teórico-metodológicos da sociolinguística variacionista laboviana desencadearam propostas de ensino concentradas e direcionadas à correlação entre língua e sociedade; na análise linguística de regras variáveis condicionadas por fatores linguísticos e extralinguísticos; e na minimização de preconceitos vigentes na sociedade. Esses estudos possibilitaram o conhecimento e a sistematização de usos da língua na sociedade, permitindo propostas de ensino que visam à ampliação da competência linguística do aluno à medida que se ampliam os papéis sociais e as redes sociais.

No que se refere à efetiva contribuição da Sociolinguística à educação, Bortoni-Ricardo (2004) destaca a incorporação ao repertório dos alunos de recursos para que

empreguem estilos monitorados; a diferenciação de variantes estigmatizadas evitando-se, nos estilos monitorados, avaliação negativa; o desenvolvimento de estratégias de alternância entre o vernáculo e a língua de prestígio; a análise da variação no processo interacional e a conscientização quanto à variação e à desigualdade social (atitude crítica).

Ainda segundo Bortoni-Ricardo (2005), a escola não pode ignorar as diferenças sociolinguísticas. Professores e alunos devem estar conscientes de que existem duas ou mais maneiras de dizer a mesma coisa. A escola deve incentivar o emprego criativo e competente do Português, contribuindo, assim, para o desenvolvimento de um sentimento de segurança em relação ao uso da língua. Essa postura respeitosa no trato das diferenças socioculturais e linguísticas é um compromisso dos professores.

3 REVISÃO DE LITERATURA

Apresentam-se a seguir alguns estudos realizados na área da sociolinguística educacional no Brasil. Pretende-se mostrar que a prática pedagógica do professor de língua materna aliada à sociolinguística educacional pode contribuir significativamente para um ensino dentro daquilo que se chamou, no capítulo anterior, de uma ‘pedagogia culturalmente sensível’.

Cyranka, et al. (2010), em seu trabalho intitulado “A reflexão sociolinguística no ensino fundamental: resultados de uma pesquisa-ação/FAPEMIG”, realizaram uma investigação em turmas de 5º e 6º anos do ensino fundamental de uma escola pública municipal de Juiz de Fora (MG), orientada segundo princípios da Sociolinguística variacionista/educacional e desenvolvida como pesquisa-ação. Seus estudos demonstraram que é possível levar os alunos a construir reflexão adequada sobre a heterogeneidade linguística, fator que os predispõe a se interessarem por adquirir os estilos monitorados de oralidade e escrita de sua língua materna. Tomando como referência a proposta de Bortoni-Ricardo (2004) de compreender a ecologia do português brasileiro como um contínuo rural-urbano, as autoras “afirmam, em seu trabalho, que foi possível levar os alunos a reconhecerem a diversidade linguística como fenômeno natural, e que conseguiram por meio de análise contrastiva, fundamentada nas próprias experiências com amostras de falas das três variedades desse contínuo. Mirando-se no sentido do contínuo, as autoras relatam, também, que os alunos começaram a reconhecer o papel da escola e do trabalho com a linguagem como instrumento positivo na ampliação de sua competência linguística” (Cyranka, et al. 2010, p.361).

Segundo as autoras (2010), “a pesquisa teve como objetivo verificar a viabilidade da adoção de uma perspectiva sociolinguística nos procedimentos didáticos do ensino fundamental, para o ensino/aprendizagem das variedades urbanas prestigiadas do português do Brasil. Segundo as autoras, os resultados alcançados indicam ser esse um caminho promissor para se trabalhar a importante questão que constitui um desafio posto para as escolas de ensino fundamental em nosso País: Como levar nossas crianças e nossos jovens a se tornarem competentes em utilizarem, quando necessário, a variedade culta do português, tanto na modalidade oral quanto na escrita? E mais: como fazê-los se interessarem por essa questão?”

De acordo com Cyranka et al. (2010), “tradicionalmente, acredita-se que cabe à escola exigir dos alunos a adequação de sua linguagem aos padrões escolares, que representam, em última análise, o modelo desejável de desempenho linguístico, isto é, a capacidade de se expressar oralmente e por escrito como fazem os indivíduos cuja voz têm prestígio” (Cyranka et al., 2010). Para as autoras,

esse pensamento constitui um grande equívoco já reconhecido na educação brasileira, visto que muitos de nossos agentes da educação sabem, ainda que nem todos que a linguagem, sendo constitutiva do sujeito, não pode ser tratada separadamente dele, como fato objetivo, externo à sua consciência. Sendo assim, não podemos tratá-la de forma racional, reconhecendo apenas sua lógica interna, como se ela fosse um código matemático e sem motivação ideológica, como se fosse apenas um produto passivamente registrado pelo sujeito, constitui procedimento pedagógico absolutamente inadequado. Ainda segundo as autoras, “a Sociolinguística, considerando a contraparte social da linguagem, oferece o caminho para o tratamento adequado da heterogeneidade linguística na escola” (CYRANKA ET AL., 2010, 363).

Cyranka et al. (2010) “consideram que o trabalho com a reflexão sociolinguística em sala de aula tem demonstrado a possibilidade de se construir, com os alunos, um nível tal de consciência da heterogeneidade linguística que os tem levado, por um lado, a reconhecerem a legitimidade dos usos diferenciados de estruturas da língua, tanto do ponto de vista do léxico, quanto dos aspectos fonético-fonológico e morfossintático, através de análise contrastiva entre seu dialeto, do seu grupo social, e o da escola; por outro lado, sendo as diferenças dialetais tratadas à luz da análise descritiva, à base de uma teoria sociolinguística, esses alunos têm sido animados a preservar suas crenças positivas sobre o valor e a legitimidade de seu próprio dialeto”(2010,p.374).

Em seu artigo “Aportes sociolinguísticos à prática do professor – implicações na sala de aula”, Pinto e Cyrianca (2011), à luz de uma abordagem sociolinguística, discutem o papel da escola no ensino da variedade culta da língua e os desafios presentes no enfrentamento dessa questão, enfatizando como os conhecimentos da sociolinguística podem aprimorar a prática docente e contagiar os alunos com a confiança e a alegria de se usar a língua. As autoras afirmam que,

os estudos da sociolinguística, na prática docente, possibilitam um novo olhar sobre questões relacionadas ao processo de ensino/ aprendizagem das crianças. A partir dessas reflexões, pode-se dizer que o sucesso do trabalho em sala de aula depende da congruência entre os saberes trazidos pelo aluno do seu meio familiar e os da escola, o respeito à diversidade de formas de leitura do mundo pela criança, a qualidade dos ambientes de educação, as abordagens baseadas numa pedagogia culturalmente sensível e a definição de uma política educacional voltada para o ensino e aprendizagem como prática social (PINTO E CYRIANCA ,2011, p.511)

Pinto e Cyrianca (2011, p.509) consideram que “quando a professora faz dos modos de falar da criança uma área de conflito, a criança adere ao conflito e torna seu estilo interacional progressivamente mais distinto do estilo da professora. Ao contrário, quando seu modo de falar não é um campo de conflito, a criança se adapta à variedade culta, prestigiada.”

As autoras entendem que para envolver o aluno no universo dos saberes escolares, é preciso descobrir os conhecimentos da cultura popular que já trazem de suas casas. Segundo elas (2011), “interações dos ambientes educacionais com a realidade familiar e comunitária da criança favorecem o seu desenvolvimento e facilitam a emergência de novos saberes. Nesse contexto, quando o uso da língua padrão não leva em conta a cultura popular do aluno, torna-se um grande entrave na construção do seu aprendizado”.

Pinto e Cyrianca (2011, p.512) destacam, ainda, que “a pluralidade cultural e a rejeição aos preconceitos linguísticos são valores que precisam ser cultivados em todas as etapas da vida escolar. O domínio da língua é central para o processo de desenvolvimento, crescimento, aprendizagem, construção, conhecimento. Vincula-se à imaginação, à criação, ao diálogo, à expressão de saberes, afetos, valores.”

Para as autoras, a contribuição mais efetiva que a sociolinguística pode dar, no sentido de apoiar os professores na sua prática, está em capacitá-los para a autorreflexão, a análise crítica e a transformação do seu fazer pedagógico com o objetivo de conciliar estratégias de ensino inseridas nos parâmetros de uma pedagogia culturalmente sensível, promovendo, ao mesmo tempo, a educação linguística dos alunos. Para Pinto e Cyrianca,

a criança, ao chegar na escola, já traz um saber de sua língua que lhe capacita a comunicação de forma satisfatória. Nesse arsenal de conhecimentos, inclui-se a variedade linguística que lhe é própria, seja considerada de prestígio, ou não. Entretanto, se o seu vernáculo está incluído nesse último caso, isto é, se não é reconhecido socialmente e, principalmente, na escola como sendo legítimo, esse aluno se vê severamente limitado no desenvolvimento de competências linguísticas que o levem, no futuro, à competente participação em eventos de fala públicos e formais. (PINTO E CYRIANCA, 2011, p.501)

Pinto e Cyrianca (2011, p.501) prosseguem afirmando que, “buscando refletir sobre essa temática, a sociolinguística tem contribuído consideravelmente para a desmistificação dessas noções”.

Maia (2010), no artigo “Sociolinguística laboviana: princípios para a integração via prática docente”, tem por objetivo apresentar algumas reflexões que possibilitem uma prática docente embasada no uso de conhecimentos acadêmicos da Sociolinguística em sala de aula. A autora apresenta os fundamentos teóricos que embasam a prática visada, para maior

interação com as ideias propostas e, na medida do possível, apresentar sugestões de sua aplicação.

Maia (2010, p.453) afirma que “a sociolinguística laboviana, ao considerar a língua como um fato social, passível de variação, heterogênea, porém observável e sistematizável, constitui-se como um caminho assertivo que possibilita um trabalho no espaço escolar de conscientização sobre as diversidades, não só linguísticas como também relativas aos vários elementos que compõem o mundo ao redor dos seres humanos. Objetiva-se, com este tipo de trabalho, colocar os aprendizes expostos a realidades que vão além de seus micromundos, favorecendo-lhes o acesso à realidade extrapessoal, que se compõe de seres humanos tão diversos quanto às culturas que existem no mundo, e, por meio da revisão de seus “pré-conceitos”, chegar à construção de um pensamento sustentado por uma visão de sociedade que existe a partir do pluralismo e da diversidade, o que lhes facilitará, inevitavelmente, a possibilidade de compreensão, aceitação das diferenças/diversidades linguísticas individuais, sociais e internacionais.” A autora(2010), postula que

“os aprendizes sempre descobrem muitas variações linguísticas e diversidade cultural, o que os leva a concluir que há diferenças entre pessoas, falas, escritas, etc. no mundo e considera que “é importante enfatizar a riqueza que há na diversidade cultural, e que ser diferente, não significa ser pior e estas descobertas, inevitavelmente, fazem com que descubram também suas identidades culturais e linguísticas”(Maia,2010,p.452).

Ribeiro e Paixão (2011) em seu trabalho intitulado “A sociolinguística na sala de aula: o que pensam os professores?” desenvolveram uma pesquisa foi de forma etnográfica e colaborativa, sob o viés da pesquisa-ação, com o intuito de promover mudanças no ambiente pesquisado. As autoras buscaram mudanças em sala de aula relacionadas ao “mito da homogeneidade da língua”, ao preconceito linguístico e às crenças sobre a linguagem que os alunos possuíam, como a de que “eu não sei português”.

Nos anos de 2009 e 2010, as autoras realizaram um trabalho de intervenção em uma escola pública municipal de Juiz de Fora (MG) junto a três turmas (uma do 5º ano e duas do 6º ano, posteriormente, 6º e 7º). De acordo com as autoras (2011), nesse trabalho, os resultados encontrados revelaram que uma pedagogia da variação linguística era possível de se aplicar em sala de aula, que os alunos foram construindo, pouco a pouco, crenças positivas em relação à sua língua materna e caminhavam rumo à ampliação de competências linguísticas. O entrave maior, contudo, se mostrava em relação às professoras.

A partir dessas constatações, em 2011 as autoras mudaram o foco do projeto e colocaram a figura do professor como alvo da pesquisa-ação. Ribeiro e Paixão (2011, p.3) relatam em seu trabalho que a professora escolhida era efetiva na escola e já havia cedido suas turmas para a pesquisa nos anos anteriores. Além da observação das aulas da professora, havia reuniões semanais com o grupo de pesquisa para orientação e planejamento das atividades e, ainda, reflexões teóricas sobre a Sociolinguística Educacional. Assim, se configurou um processo específico de formação continuada, conduzido de forma dialógica, a partir das práticas experienciadas. As autoras (2011), percebem que as professoras ainda se sentem confusas em relação ao tratamento da variação em sala de aula. Diante dos resultados, Ribeiro e Paixão (2011) afirmam que trazer à discussão as concepções que as professoras participantes de sua pesquisa evidenciaram é uma tentativa de compreender quais são as possibilidades e os desafios para a aplicação da Sociolinguística na sala de aula.

Seguindo a linha de pesquisas em Sociolinguística Educacional, Cyranka et al. (2011) desenvolveram um trabalho intitulado “A sociolinguística como atividade no currículo escolar do ensino fundamental”, com o objetivo de verificar a possibilidade de se implementar, junto a professores de português do ensino fundamental e seus alunos, uma educação linguística com forte inserção na sociolinguística educacional, utilizando como método a pesquisa-ação, com caráter eminentemente qualitativo, o trabalho foi desenvolvido por meio de amostras de textos escritos em diferentes variedades linguísticas e de observação de uso da língua no cotidiano familiar, de sua comunidade linguística e de sua rede social. Desta maneira, desenvolveu-se um trabalho procurando fazer com que os discentes identificassem a variação nos diferentes níveis: fonético-fonológico, lexical e morfossintático. Segundo as autoras, isso foi possível por meio de análises contrastivas.

Cyranka et al. (2011) ao término do projeto havia um repertório de atividades didáticas construídas para se efetivar, na escola, o processo de educação linguística a partir da pedagogia da variação linguística estava bastante enriquecido. Além disso, foi perceptível constituição, tanto da parte dos alunos quanto das professoras, de um conjunto de crenças positivas em relação ao sentido de se ensinar/aprender a disciplina língua portuguesa na escola.

Diante da pesquisa, das atividades desenvolvidas e dos resultados apresentados no trabalho das autoras é possível afirmar que é promovendo a educação linguística dos alunos em seus atos comunicativos que justifica o sentido da existência da disciplina português nas escolas de ensino fundamental e médio.

Coan e Freitag (2010) desenvolveram um trabalho de caráter teórico-aplicado, denominado “Sociolinguística variacionista: pressupostos teórico-metodológicos e propostas de ensino”. O trabalho apresenta a proposta teórico-metodológica da Sociolinguística, estabelece uma correlação entre tal proposta e o ensino de língua portuguesa e analisa os Parâmetros Curriculares Nacionais, com o propósito de verificar a inclusão dos pressupostos da sociolinguística variacionista no documento oficial que pauta os projetos político-pedagógicos das escolas. Ao final do artigo, as autoras demonstram a possibilidade de abordar, em sala de aula, habilidades sociolinguísticas. As autoras ressaltam que a sociolinguística variacionista no Brasil é uma das áreas que mais tem se desenvolvido. A implementação de novos bancos de dados variacionistas significa mais oportunidades de experiências com a heterogeneidade linguística do Brasil à disposição do professor de Língua Portuguesa por meio do uso de dados linguísticos reais. O uso de tais dados é uma oportunidade, também, de fomentar a discussão acerca do eixo USO>REFLEXÃO>USO, preconizado pelos PCN (BRASIL, 1998, a,b,c), a partir do qual são pensadas as práticas pedagógicas e os diferentes conteúdos a serem trabalhados nas aulas de Língua Portuguesa. Coan e Freitag afirmam que,

levar os resultados do estudo para a sala de aula traria ganhos significativos para a compreensão do caráter heterogêneo da Língua Portuguesa. Poderia ser trabalhada, não só com a correlação entre a norma e o uso da língua, mas também a formação de estereótipos linguísticos e a questão do preconceito.” As autoras defendem que o conhecimento dos pressupostos da Sociolinguística Variacionista pode “permitir ao professor interferir positivamente nos reflexos ortográficos e morfosintáticos da oralidade, visando à incorporação ao repertório dos alunos de estilos monitorados.” “Compreendendo a natureza da variação linguística, pode-se esperar do aluno uma postura respeitosa no trato das diferenças sociolinguísticas, a valorização da pluralidade sociocultural e consciência acerca da avaliação social das variantes(2010,186-192).

Oliveira e Cyranka (2013), no artigo “Sociolinguística educacional: ampliando a competência de uso da língua”, procuram demonstrar como a Sociolinguística e seus pressupostos podem ampliar a competência linguística de alunos em processo de compreensão e domínio da língua. As autoras afirmam que “ainda é comum uma forte tradição escolar que considera que o trabalho com a língua portuguesa na escola deve priorizar o ensino da norma padrão, reafirmando o conceito de homogeneidade linguística”.

Em sua proposta de trabalho as autoras (2013), “buscam demonstrar como a Sociolinguística Educacional pode subsidiar as práticas pedagógicas no ambiente escolar, de modo a levar os alunos a respeitarem e compreenderem a diversidade a que estão expostos, a língua que usam e o próprio falante”. Para a efetivação dessa proposta, duas questões

nortearam o trabalho: a) A compreensão do fenômeno da variação linguística pode realmente contribuir para o aprimoramento da competência linguística do aluno? e b) É possível levar os alunos a terem consciência do processo de variação da língua a partir do olhar da Sociolinguística?

Oliveira e Cyranka (2013, p.75) “usaram este trabalho como recurso para levar os alunos a pensar o uso da língua segundo os mais diversificados contextos sociais e interacionais, e possibilitar que eles compreendam que a língua é heterogênea, sofre variações e mudanças, processos que estão também relacionados à diversidade sociocultural. Para isso, uma pesquisa-ação foi realizada com alunos do nono ano de uma escola particular de Juiz de Fora, MG, que investigaram, em notícias e reportagens, os efeitos da mudança linguística a partir do uso dos pronomes relativos como processo representativo da variação da língua.” Segundo os autores, “foi possível observar que os alunos assimilaram o conceito de variação linguística e perceberam, a partir das atividades realizadas, que a língua é heterogênea e mutável (2013,p.75).”

Oliveira e Cyranka (2013, p.88) “afirmam acreditarem que experiências que foram utilizadas na pesquisa “possam contribuir para uma prática fundamentada na pedagogia da variação linguística que valoriza os diferentes falares e as mais distintas formas de uso do português brasileiro”. Acrescentam ainda que

ampliar o domínio de uso da língua materna levando em conta fatores sociais e usos reais é um caminho que se delinea em direção a uma aprendizagem efetiva que pode reduzir as diferenças sociais e o preconceito linguístico, que surgem de pensamentos e de ideologias políticas discriminatórias.” Ainda segundo as autoras, “possibilitar ao aluno a ampliação do conhecimento e uso de seu idioma por meio do reconhecimento e do uso efetivo das variedades linguísticas é fundamental para garantir seus direitos e ampliar seu lugar na sociedade de que faz parte (OLIVEIRA E CYRANKA 2013,p.88).

Para as autoras, “conhecimento e domínio de uma variedade linguística prestigiada só são possíveis quando uma proposta de ensino de língua, fundamentada na Sociolinguística Educacional, tenha seu lugar garantido no espaço escolar e, para isso, todos os que dele fazem parte devem contribuir para garantir esse direito ao aluno: o de ter competência de uso de seu próprio idioma” (Oliveira e Cyranka 2013, p.89).

Melo et al. (2012), no artigo “Variação linguística: um estudo sobre o nível de conscientização dos alunos”, têm como objetivo analisar o nível de conscientização que os alunos do Ensino Fundamental têm em relação à diversidade linguística. A pesquisa foi realizada com alunos do 5º e do 9º ano de uma escola pública de Juiz de Fora – MG. Por meio de uma pesquisa qualitativa, os autores se propuseram a analisar o nível de conscientização

dos alunos com relação à variedade linguística. A proposta consistia em avaliar o julgamento dos alunos como falantes de sua língua materna. Um resultado interessante foi apresentado, por exemplo, na resposta à pergunta: você é um bom falante do português? Entre os alunos do 5º ano, 71,4% se dizem bons falantes do português. No 9º ano, apenas 31,2% responderam positivamente à pergunta. Para os autores, esse resultado leva a perceber o pouco ou a falta de trabalho na escola com a sociolinguística.

Melo et al. (2012) afirmam que, “de modo geral, os alunos não têm consciência da variedade linguística como modos diferentes de dizer a mesma coisa. O que se encontra por detrás das respostas dos alunos é a noção de que as variedades menos prestigiadas são formas erradas de falar e a forma correta é aquela que atende aos preceitos da norma padrão.” Para os autores,

a escola não trata dos aspectos elementares da sociolinguística, ou seja, a percepção da diversidade linguística. Diferentemente disso, o que se verifica é um paradoxo, pois a escola, no decorrer dos anos de escolarização, contribui para aumentar o preconceito linguístico. Ressaltam, assim, a importância e a necessidade da escola inserir-se nas propostas educacionais com a sociolinguística (MELO ET AL.,2012, p.331).

Barroso et al. (2014), no artigo intitulado “Variação linguística na escola: desafios e possibilidades”, apresentam os resultados de três trabalhos utilizando como método de pesquisa a pesquisa-ação seguindo os preceitos da pesquisa qualitativa: uma pesquisa realizada em escola da rede privada, cujos alunos pertencem a famílias que falam a chamada variedade urbana comum (Faraco, 2008); outra em escola pública, com alunos falantes de variedade rurbana (Bortoni-Ricardo, 2004); e outra com alunos participantes do Projeto Curumim, uma ação educativa da Prefeitura Municipal de Juiz de Fora, que atende a alunos do Ensino Fundamental no seu contraturno escolar.

No trabalho realizado em uma escola da rede privada, Barroso et al. (2014) investigam a possibilidade de se construir uma pedagogia da variação linguística em uma turma de 33 alunos do 9º ano, com idade aproximada entre 13 e 14 anos, provenientes de famílias falantes de variedades linguísticas mais prestigiadas. No trabalho, sequências didáticas foram aplicadas na turma e essas oportunizaram o contato dos alunos com diferentes gêneros textuais, a partir dos mais variados níveis de formalidade e da linguagem adequada a contextos específicos de produção. Além disso, centraram-se nos pressupostos teóricos dos três contínuos propostos por Bortoni-Ricardo (2004), a fim de compreenderem como o

processo de mudança linguística é real e se desenvolve no português do Brasil. Barroso et al. afirmam que,

as sequências didáticas possibilitaram investir em reflexões (sócio)linguísticas que revelam o olhar mais crítico e concreto sobre o português em uso. Mais precisamente, tais atividades, fundamentadas na Sociolinguística Educacional, contribuíram para verificar se alunos falantes da variedade urbana comum podem construir reflexões bem sistemáticas a respeito dos processos da variação e da mudança linguística. Sobre isso, foi possível observar, ao longo das interações, que os alunos vão assimilando e incorporando vocabulário bem próprio da reflexão linguística: letramento, oralidade, linguagem mais monitorada, coloquial, informal etc.(2014,84).

A pesquisa realizada por Barroso et al. (2014) aconteceu em uma escola municipal com alunos do 6º ano, que apresentavam pelos menos três retenções em seu histórico escolar. Todos os alunos participavam de um projeto que os possibilitaria, em dois anos, completar a segunda etapa do Ensino Fundamental. Eram alunos provenientes de escolas diversas, localizadas em bairros periféricos do município de Juiz de Fora. De acordo com os autores (2014, p.84), “são jovens massacrados pelo sistema escolar vigente e que refletem, em suas ações, uma repulsa às instituições de ensino, uma falta de confiança nos profissionais da educação, autoestima baixa e, conseqüentemente, desacreditam em si próprios, não possuem sonhos ou esperança de uma vida melhor por meio da educação”. O trabalho realizado por estes pesquisadores buscou realizar uma investigação sobre os interesses, conhecimento de mundo e ações que valorizassem a identidade linguística e cultural desses alunos. Segundo os autores (2014), “nessa busca, os alunos revelaram claramente o interesse pelo ritmo musical do funk. Dessa maneira, numa tentativa de romper com a resistência, propôs-se um trabalho a partir do gênero textual entrevista, cuja temática era o funk ostentação.”

Para Barroso et al. (2014, p.87), “o fato de a cultura dos alunos ter sido o foco da aula gerou neles um sentimento de pertencimento ao processo, dada a importância, para eles, dessa manifestação cultural, fazendo-os se sentirem valorizados nessa prática”. Segundo os autores (2014), após a realização dessa ação, foram notórios os avanços da turma em relação ao interesse e disposição em participar das atividades orais, escritas e da reescrita de textos.

Barroso et al. (2014) desenvolveram, também, um terceiro trabalho em um projeto “pertencente ao Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos que atende crianças que vão da faixa etária dos 5 aos 12 anos de idade e que se encontram em situação de vulnerabilidade social. Esse projeto situa-se em um bairro de periferia da cidade de Juiz de Fora, que tem um índice de pobreza maior do que a média nacional (GARCIA, 2011) e cuja

população enfrenta vários desafios sociais no que tange a saúde, educação e infraestrutura(2014,p.89).”

Esta pesquisa de Barroso et al. (2014) “foi realizada dentro de uma oficina de teatro, com uma turma composta de aproximadamente 12 crianças que variavam entre 11 e 12 anos de idade e que também participam de outras oficinas durante a semana”. A proposta era fazer com que as crianças fossem “atores” da própria vida e “escrevessem seu próprio texto” através das práticas de oralidade. Ao fim do artigo, Barroso et al,concluem que,

independentemente de o aluno pertencer a qualquer ponto da linha do contínuo rural-urbano, cabe à escola cumprir o seu papel como uma instituição educadora, mostrando, instruindo e ensinando como funciona a variação linguística no português do Brasil. Para os autores, o aluno só conseguirá ser competente e crítico no uso da sua língua, quando conhecer e se reconhecer na descrição desses contínuos.” O trabalho com a Sociolinguística, no ambiente escolar, propicia ações que visam não só romper com essa resistência ao ensino de língua portuguesa, como também buscar um caminho para quebrar esse bloqueio, por meio da valorização da identidade linguística desses alunos. Afirma ainda que “o trabalho com a Sociolinguística Educacional na escola tem apontando, como se vê, para a possibilidade de se ampliar consideravelmente as ações didáticas do professor de português, dando novo sentido ao trabalho escolar com a linguagem, isto é, levando o aluno a tornar-se competente, inclusive no uso das variedades cultas.” Os autores acrescentam ainda que “um trabalho pautado nessa perspectiva pode apresentar resultados muito mais positivos para a educação linguística dos alunos, conduzindo-os para a conquista de sua autonomia, incluindo os falantes de variedades desprestigiadas nas práticas sociais valorizadas, propiciando, enfim, a todos a inserção nas culturas de letramento, marca principal da sociedade contemporânea(2014, 92-93).

Neste sentido, é interessante a visão de Silva (2010) que respalda que o conhecimento do tipo de rede social em que estão inseridos seus alunos é fundamental para um professor. Se faz necessário, portanto, entender que muitas vezes um aluno que traz para a sala de aula uma linguagem mais informal não está sinalizando indisciplina, rebeldia ou resistência, mas o faz porque a sua comunidade como um todo tem na informalidade um consenso.

Ainda segundo a autora (2010), vivemos em uma época em que a gramática normativa vem perdendo sua credibilidade no cenário de ensino e, ao mesmo tempo, inovações na pedagogia da língua ainda não são interpretadas segundo um consenso ou mesmo não desfrutam de boa receptividade. Acreditamos que os avanços trazidos pela dialetologia, pela sociolinguística quantitativa e pela sociolinguística interacional podem auxiliar na orientação dos professores quanto à delimitação de suas estratégias de ensino.

Apresentamos neste capítulo alguns estudos que consideram as perspectivas da sociolinguística variacionista e, principalmente, da sociolinguística educacional como estratégias de ensino-aprendizagem que parecem contribuir, entre outros aspectos, para a ampliação da competência comunicativa e para a formação de um pensamento mais crítico e reflexivo sobre a língua e sobre as relações sociais. Percebemos que há um crescente número

de educadores e pesquisadores que se interessam pelo desenvolvimento e aplicação de práticas na perspectiva da sociolinguística educacional, porém, ainda há muito que ser estudado e aplicado no contexto escolar.

4 METODOLOGIA

Este capítulo apresenta a descrição da metodologia empregada para a realização do presente estudo, o tipo de pesquisa adotado, os procedimentos metodológicos usados, a descrição do corpus e das atividades desenvolvidas em sala de aula.

Considerando que o interesse por esta pesquisa surgiu a partir de minha preocupação e experiência como docente de Língua Portuguesa da educação básica e os aspectos sociolinguísticos presentes nas salas de aulas, fez-se pertinente realizar este estudo em minha própria sala de aula fazendo uso da pesquisa-ação numa linha de pesquisa qualitativa.

Esse método de pesquisa também foi escolhido por possibilitar desenvolver uma reflexão para revisão da prática docente, utilizando para isso o trabalho coletivo, através do desenvolvimento de atividades interativas com os participantes, promovendo uma relação muito próxima entre teoria e prática no contexto escolar.

4.1 A Pesquisa-ação

Messias citando Thiollent nos mostra a pesquisa-ação caracterizada por ser uma linha de investigação associada às formas de ação coletiva, orientada em função da resolução de problemas ou de objetivos de transformação. Supõe, portanto, além da participação, uma forma de ação planejada. Nesse tipo de pesquisa, de acordo com o autor, “os pesquisadores desempenham um papel ativo no equacionamento dos problemas encontrados, no acompanhamento e na avaliação das ações desencadeadas em função dos problemas” (Messias, 2012, p. 27).

Em seu trabalho, Messias (2012) destaca que, na pesquisa-ação, tanto os participantes do processo investigativo quanto o próprio processo possuem papel de grande importância para a validade do resultado da pesquisa científica. Nesta perspectiva, ainda citando Thiollent, Messias salienta que os participantes não são reduzidos a cobaias e desempenham um papel ativo. De acordo com o autor, trata-se de uma forma de experimentação na qual os indivíduos ou grupos mudam alguns aspectos da situação pelas ações que decidiram aplicar. Da observação e da avaliação dessas ações, e também pela evidenciação dos obstáculos encontrados no caminho, há um ganho de informação a ser captado e restituído como elemento de conhecimento (Messias, 2012, p. 28).

A partir dessas leituras e reflexões sobre a pesquisa-ação compreende-se que ela possibilita a intervenção do pesquisador dentro de uma problemática social, analisando-a e mobilizando os participantes a se envolverem de modo cooperativo ou participativo a fim de construir novos saberes. No âmbito educacional, por meio da pesquisa-ação, o professor tem condições de refletir criticamente sobre suas ações.

A utilização do método de pesquisa-ação foi muito importante para a realização desta pesquisa. Por meio de ações planejadas, pesquisadora e participantes agiram na busca de estratégias visando encontrar soluções para as questões que envolvem a variação linguística e interferem nas relações em sala de aula e na qualidade de aprendizagem dos alunos, especialmente em relação ao ensino de língua materna e o aprimoramento da competência comunicativa. O método possibilitou condições aos participantes para investigar a variação linguística e sua prática de uma forma crítica e reflexiva.

Seguindo os princípios do processo da pesquisa-ação, após diagnosticar a situação-problema a ser investigada foram escolhidas as turmas para participação na pesquisa, pensadas e formuladas estratégias de trabalho para desenvolver a pesquisa e uma avaliação direcionada, para em seguida, analisar e compreender as situações de uso da variação em sala de aula.

Esta pesquisa proporcionou um processo de reflexão-ação-reflexão que me ajudou a ter mais clareza sobre minha prática em sala de aula em relação à variação linguística, promovendo mudanças atitudinais necessárias para assegurar uma educação que abra espaço e desenvolva atividades que ampliem o reconhecimento da variação linguística no contexto escolar. Dessa forma, pretendeu-se gerar mudanças na cultura escolar, criando um ambiente de investigação que contribuiu para práticas participativas e democráticas na sala de aula.

Na escola, onde foi realizada a pesquisa, não houve obstáculos em relação à sua realização; porém, no decorrer do processo, surgiram algumas dificuldades em relação ao tempo dedicado à pesquisa. A direção, a coordenação e os alunos das turmas escolhidas para a pesquisa colaboraram de forma espontânea, compreensiva e bastante positiva.

A pesquisa-ação utilizada como método de pesquisa ajudou a repensar e a melhorar a prática de ensino voltada para a variação linguística nas minhas aulas de língua portuguesa ampliada com as reflexões e experiências vividas através das atividades desenvolvidas que foram fundamentais para o desenvolvimento desta pesquisa. Em relação aos alunos, houve uma ótima adequação às atividades e todos os presentes às aulas participaram e demonstraram um bom rendimento e aprimoramento dos conhecimentos a respeito do tema abordado.

4.2 A Pesquisa Qualitativa

Para Bortoni-Ricardo (2008) “as pesquisas qualitativas, especialmente as pesquisas conduzidas em instituições, como presídios ou escolas, não são necessariamente desenvolvidas por extensos períodos de tempo. Quando ouvimos menção a “pesquisa etnográfica em sala de aula”, por exemplo, devemos entender que se trata de pesquisa qualitativa, interpretativista, que fez uso de métodos desenvolvidos na tradição etnográfica, como a observação, especialmente para a geração e análise dos dados” (BORTONI-RICARDO, 2008, p.38).

Segundo a autora, “a pesquisa qualitativa não se propõe testar relações de causas e consequências entre fenômenos, nem tampouco gerar leis causais que podem ter um alto grau de generalização”. Para a autora, “a pesquisa qualitativa procura entender e interpretar fenômenos sociais inseridos em um contexto.” (Bortoni-Ricardo, 2008, p. 34)

De acordo com Messias citando Telles, “o professor pesquisador deve familiarizar-se com o contexto em que a pesquisa se desenvolverá, deve negociar com os participantes, e os principais instrumentos de coleta de dados são diários para registrar as reflexões pessoais dos participantes; entrevistas gravadas em áudio para esclarecer tais reflexões e discutir pontos importantes do fenômeno; e, dentre outros, questionários para verificar pontos específicos e comuns a todos os que participaram da pesquisa”(Messias,2012,p.30).

A pesquisa apresentada foi desenvolvida na escola onde trabalho desde o ano de 2012, apresentada e negociada com a direção da escola, coordenação e os alunos escolhidos (turmas de 9º ano) e foi recebida com empolgação pelos envolvidos. Todas as atividades desenvolvidas foram discutidas com os participantes de modo que eles colocaram as dificuldades ou sugeriram adaptações para realização destas.

4.3 Métodos de Coletas de Dados - Desenvolvimento e Aplicação de Atividades de Ensino

Os procedimentos metodológicos utilizados para o desenvolvimento desta pesquisa foram o desenvolvimento de sequências didáticas que envolveram desde leituras bibliográficas, revistas, jornais, programas de tv, programas de rádios e jornais televisivos, vídeos do Youtube, narrativas de experiências pessoais e produções de textos, buscando subsídios práticos para estabelecer o confronto entre teoria e prática.

Para coletar os dados, foram utilizadas anotações nas aulas das falas dos alunos nas discussões e atividades comunicativas como discussões, debates e apresentações realizados nas salas, textos produzidos pelos alunos, tabelas e gráficos produzidos por eles.

A pesquisa aconteceu em duas turmas de 9º ano de uma instituição pública municipal situada na cidade de Arapiraca, Alagoas. Uma das turmas é composta por 43 alunos e a outra por 42, entre 14 e 16 anos.

Para iniciar os trabalhos, e após apresentar a proposta da pesquisa à equipe diretiva da escola, conversei com as turmas sobre meus estudos e negociamos suas participações para desenvolver a pesquisa, foram organizadas sequências didáticas que direcionaram as atividades no decorrer dos estudos. Tais sequências e seus desdobramentos serão apresentados no capítulo de resultados, visto que o próprio desenvolvimento das sequências didáticas configura-se como parte dos resultados desta pesquisa.

4.4 Contexto social da pesquisa

Bortoni-Ricardo (2004) afirma que, segundo os princípios da sociolinguística educacional, a variação linguística deve ser abordada em sala de aula considerando-se o meio social no qual o aluno está inserido e a concepção de língua como um fato social que só acontece por meio de seus falantes.

Seguindo esses princípios, vejamos alguns aspectos da região onde se localiza nosso ambiente de estudos para esta pesquisa.

4.4.1 A cidade: Arapiraca

Arapiraca¹ é um município brasileiro do estado de Alagoas, Região Nordeste do país. Principal cidade do interior do estado, sua população de acordo com estimativas de 2014, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), era de 229.329 habitantes. Ficou conhecida, nos anos 1970, como a "Capital do Fumo" por ser um dos maiores produtores de tabaco do país.

Sua população é de 229.329 habitantes (estimativa 2014) e sua área é de 351 quilômetros quadrados (599,7 habitantes por quilômetro quadrado). A cidade, situada numa ampla planície, fica a 265 metros de altitude, distando 123 quilômetros da capital, Maceió, e

¹ Esta seção está fundamentada nas informações disponíveis no endereço eletrônico a seguir: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Arapiraca>>. Acesso em: 14 dez. 2015.

44 quilômetros de Palmeira dos Índios. O clima é considerado um dos mais saudáveis do estado.

O mais importante município do interior alagoano, Arapiraca destaca-se como importante centro comercial da região agreste localizando-se no centro geográfico do estado de Alagoas. A área de influência direta do município atinge uma população de aproximadamente meio milhão de habitantes.

Limita-se ao norte com o município de Igaci, ao sul com o município de São Sebastião, a leste com os municípios de Coité do Noia e Limoeiro de Anadia, a oeste com os municípios de Lagoa da Canoa e Girau do Ponciano e Feira Grande, a noroeste com o município de Craíbas e a sudeste com o município de Junqueiro.

De acordo com dados do IBGE, o município apresenta um produto interno bruto de R\$ 2.416.888.000,00 (2012). O PIB do município apresentou um dos maiores crescimentos percentuais da região entre 2011 e 2012, da ordem de 11,2%.

Atualmente, há uma profusão de projetos no campo da urbanização pública (moradia e vias públicas) e do mercado imobiliário (conjuntos residenciais de casas e de apartamentos). O campo da educação está em franco crescimento, com duas universidades públicas (Universidade Estadual de Alagoas e Universidade Federal de Alagoas), além de várias faculdades privadas. A primeira faculdade de Medicina do município inicia suas atividades letivas no segundo semestre de 2015, no campus da Universidade Federal de Alagoas.

4.4.2 O bairro: Primavera

A área onde se localiza o bairro Primavera² era no passado de propriedade do fazendeiro Francisco Magalhães, maior produtor de fumo do município até o ano de 1945, e seus filhos Agapito de Paula Magalhães, dono da fazenda Primavera; Manoel de Paula Magalhães, dono da fazenda Seridó e Lino de Paula Magalhães, dono da fazenda Ouro Preto. O bairro, que conta com uma localização privilegiada, área plana favorecendo o traçado de ruas, desenvolveu-se rapidamente.

O bairro é o terceiro maior do município, é também um dos mais violentos, com 11.939 habitantes. A População masculina representa 5.528 habitantes, e a população feminina, 6.411 habitantes, existindo, assim, mais mulheres do que homens, sendo a

² Esta seção está fundamentada nas informações disponíveis no endereço eletrônico a seguir: < <http://www.brasilsabido.com.br/populacao/arapiraca-al/primavera-18891.html>>. Acesso em: 14 dez. 2015.

população composta de 53.7% de mulheres e 46.3% de homens. Neste bairro, existem mais jovens do que idosos, sendo a população composta de 25.9% de jovens e 6.7% de idosos.

4.4.3 A escola

A pesquisa foi realizada em uma instituição pública localizada na cidade de Arapiraca, interior de Alagoas, E.E.F.D.M.S – da rede municipal de ensino. Nessa escola funciona Educação Infantil – Pré-escola, Ensino Fundamental I, Ensino Fundamental II e EJA. A infraestrutura da escola, segundo dados do Censo/2014 é a seguinte: Água filtrada; Água da rede pública; Energia da rede pública; Fossa; Lixo destinado à coleta periódica; Acesso à Internet.

A escola é composta por 114 funcionários. As dependências físicas da escola apresentam 14 salas de aulas utilizadas, com ventiladores quase sempre quebrados. Conta com sala de diretoria, sala dos professores, secretaria, sala de multimídia, laboratório de informática, biblioteca e sala de leitura, todos climatizados. Há ainda banheiro adequado a alunos com deficiência ou mobilidade reduzida, banheiros femininos e banheiros masculinos, cozinha, despensa, almoxarifado, pátio coberto e sala de xérox. A escola possui 2 computadores administrativos; 18 computadores para alunos; 2 copiadoras; 6 equipamentos de som; 4 impressoras; 2 equipamentos de multimídia; TV; DVD; antena parabólica; retroprojeto; projetor multimídia (datashow); câmera fotográfica/filmadora.

Esta escola foi escolhida para o desenvolvimento da pesquisa porque nela trabalho há três anos e me indagou a desmotivação dos alunos nas aulas de Língua Portuguesa principalmente no que se refere à oralidade e participação nas aulas.

A equipe diretiva, professores e funcionários da escola se relacionam de modo cordial e profissional. Apesar dos entraves diários que ocorrem no ambiente, trabalham com o objetivo de manter um ambiente de disciplina, respeito, pontualidade e transmissor do conhecimento, o que nem sempre é possível por conta dos problemas sociais e econômicos dentro e fora da escola, relacionados à estrutura do bairro, que afetam e interferem no andamento dos trabalhos desenvolvidos.

4.4.4 Os alunos

Os estudantes são em sua maioria do bairro onde a escola está situada, mas também é composta por alunos vindos de outros bairros circunvizinhos. O bairro é um dos maiores e

também mais periféricos do município. A Escola, assim como o bairro, apresenta diversos problemas sociais e econômicos que afetam o desenvolvimento do ensino aprendizagem dos alunos.

As turmas pesquisadas são compostas por adolescentes entre 13 a 16 anos, filhos de comerciantes, empregadas domésticas, donas de casa, funcionários do comércio, etc. A maioria mora com seus pais, alguns com avós.

Uma turma é composta de 43 alunos matriculados, sendo 25 meninas e 18 meninos; a outra turma composta de 42 alunos, sendo 25 meninas e 17 meninos. Ambas as turmas apresentam alunos desistentes e outros faltosos, participaram das atividades cerca de 40 alunos por turma.

4.5 A Coleta dos Dados

Em relação à efetiva contribuição da Sociolinguística, Bortoni-Ricardo (2004) elenca: a incorporação ao repertório dos alunos de recursos para que empreguem estilos monitorados; a diferenciação de variantes estigmatizadas evitando-se, nos estilos monitorados, avaliação negativa; o desenvolvimento de estratégias de alternância entre o vernáculo e a língua de prestígio; a análise da variação no processo interacional e a conscientização quanto à variação e à desigualdade social (atitude crítica).

Messias citando Telles mostra que o pesquisador pode lançar mão da utilização de “vários instrumentos de coleta de dados e procura intercruzar as informações obtidas por cada um deles”. Pode utilizar “entrevistas, autobiografias dos participantes, cartas (enviadas ou não enviadas), caixas de recordações (objetos que engatilham as histórias), documentos, notas de campo” (Messias, 2012, p. 29).

O processo de produção para coleta de dados aconteceu segundo os preceitos da pesquisa-ação, assim através de ações planejadas desenvolvidas na sala de aula e fora dela, os alunos participaram ativamente da pesquisa buscando os resultados a partir por meio de sequências didáticas produzidas com base em diferentes instrumentos de pesquisas como gravações, entrevistas da internet e da tv, texto de diferentes gêneros, produções de textos dos alunos, anotações de observações durante as aulas, trabalhos realizados por eles fora da escola e na sala de aula.

Para as análises de dados desta pesquisa os procedimentos de coletas de dados foram baseados por teorias de pesquisadores que seguiram os métodos adotados. Assim foram utilizados os materiais produzidos pelos alunos, narrativas de experiências dos alunos,

bilhetes, páginas de diários, textos e composições de livros didáticos e da internet, registros das observações durante as aulas dadas, observações, depoimentos e registros das atividades das pesquisas realizadas por eles.

Um dos materiais de análise foram questionários produzidos pelos alunos para a realização de uma enquete. Tal material fez parte de uma atividade de pesquisa realizada por eles com os colegas da sala e com pessoas do cotidiano deles fora da escola. Esses questionários fizeram parte da enquete e serviram de dados para a construção de gráficos e tabelas sob a orientação e ajuda da professora de matemática. O trabalho foi desenvolvido em grupos e cada grupo usou uma pergunta para fazer as entrevistas e elaborar sua enquete, todas as perguntas estavam relacionadas à variação linguística.

Todos os materiais (textos narrativos, bilhetes, páginas de diários, depoimentos sobre variação linguística) produzidos e utilizados por eles contribuíram significativamente na percepção e observação das variações em diferentes contextos no cotidiano do aluno, dentro e fora da sala de aula.

As anotações das ocorrências de variações durante as aulas também foram muito importantes para a produção da coleta dos dados, elas foram feitas no caderno da professora, sobre ocorrências espontâneas de variações linguísticas das falas dos próprios alunos durante as narrativas de experiência pessoal e em momento de discussões sobre os trabalhos desenvolvidos. Estas anotações foram observadas e analisadas com os próprios alunos (sem identificação da pessoa falante) para um estudo comparativo com a variação da norma culta.

As atividades para produção e coleta de dados foram iniciadas em maio de 2015 e concluídas em setembro de 2015. Durante este período aconteceram alguns entraves como o período de recesso escolar, dias sem aulas por falta de água ou de merenda escolar.

5 ANÁLISE E RESULTADOS DOS DADOS

Neste capítulo, serão apresentados os resultados da pesquisa, a descrição e a análise, seguidas de observações e comentários gerais sobre a variação linguística nas aulas de Língua Portuguesa, seguindo algumas sugestões de intervenções didáticas que consideram a variação linguística como objeto de ensino.

Seguindo a proposta de Bortoni-Ricardo (2004) é papel da escola facilitar a ampliação da competência comunicativa dos alunos, permitindo-lhes apropriarem-se dos recursos comunicativos necessários para se desempenharem bem, e com segurança, nas mais distintas tarefas linguísticas. Para tanto, eles vão precisar especialmente de recursos comunicativos bem específicos para fazer uso da escrita, em gêneros textuais mais complexos e para fazer uso da língua oral em estilos monitorados e adequar seu repertório linguístico aos mais variados contextos.

Ainda segundo a autora, “a escola é, por excelência, o *locus* – ou espaço – em que os educandos vão adquirir, de forma sistemática, recursos comunicativos que lhes permitam desempenhar-se competentemente em práticas sociais especializadas” (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 75).

Os resultados foram obtidos por meio de uma abordagem de cunho qualitativo, sendo assim basicamente interpretativa. Eles se darão por meio de descrições e análises de observações participativas, das abordagens e estratégias de ensino-aprendizagem desenvolvidas na sala de aula e fora dela sobre variação linguística para que os alunos desenvolvessem e ampliassem os conhecimentos sobre o tema, analisando a relação entre as variedades linguísticas contrapostas com a variedade culta no ambiente escolar.

Messias citando e concordando com Ludke e André(1986), ressalta a importância de proceder, “num primeiro momento, a organização de todo material, dividindo-o em partes, relacionando estas partes e procurando identificar nele tendências e padrões relevantes, tal atitude, além da determinação do recorte é, pois, crucial para atingir os propósitos do estudo de caso e para chegar a uma compreensão mais completa da situação estudada” (MESSIAS, 2012, p. 31).

Neste sentido, Messias (2012) complementa que, num segundo momento, essas tendências e padrões são reavaliados, buscando-se relações e inferências num nível de abstração mais elevado. É preciso que a análise não se restrinja ao que está explícito no

material, mas procure ir mais fundo, desvelando mensagens implícitas, dimensões contraditórias e temas sistematicamente “silenciados”.

O processo de produção para coleta de dados aconteceu segundo os preceitos da pesquisa-ação. Assim, através de ações planejadas desenvolvidas na sala de aula e fora dela, os alunos participaram ativamente da pesquisa buscando os resultados por meio de sequências didáticas produzidas com base em diferentes instrumentos de pesquisas como gravações, entrevistas da internet e da TV, textos de diferentes gêneros, produções de textos dos alunos, anotações de observações durante as aulas, trabalhos realizados por eles fora da escola e na sala de aula.

A utilização de sequências didáticas foi fundamental para nortear os trabalhos com a variação linguística, direcioná-los de acordo com os objetivos da pesquisa e seguir com os pressupostos do método escolhido, a pesquisa-ação. Desta maneira, os alunos atuaram efetivamente na pesquisa e as adequações foram realizadas de acordo com as necessidades que surgiram no percurso do trabalho.

Esta pesquisa tem como produto a produção de duas sequências didáticas que foram aplicadas em sala de aula. A seguir, passaremos à apresentação destas sequências e à análise dos resultados de sua aplicação.

Nas primeiras aulas em ambas as turmas foi feito um levantamento do que eles sabiam a respeito de variação linguística. Neste momento, os alunos se mostraram bastante entusiasmados a respeito do assunto e houve uma boa participação nas aulas. Eles ficaram curiosos com a tarefa de pesquisar sobre o assunto para continuarmos na aula seguinte. Para um debate prévio foi apresentado para eles uma transcrição de uma conversa entre uma criança de dois anos, sua avó e sua babá. Esta atividade se tornou bem agradável, visto que eles fizeram leituras dramáticas do texto e, em seguida, transcorreu uma pequena discussão sobre as primeiras situações de uso e comparações de variação linguística entre eles.

Nas primeiras discussões sobre o tema, grande parte dos alunos deu depoimentos dizendo que falam muito diferente da gramática e de modo errado. Alguns disseram acreditar que ser a forma como aparece nos livros é a única forma correta de falar.

O conhecimento prévio sobre variação linguística aconteceu também a partir de uma atividade em grupo com quatro situações de saudação usando a língua portuguesa e que refletiam ações comunicativas. Cada grupo recebeu uma folha com imagens que indicavam as quatro situações de uso da língua, sem legendas, eles tiveram que indicar as falas e os modos comunicativos usados nas imagens. Nesta atividade, foi solicitado que eles adequassem as falas aos variados contextos. Após um momento de discussão entre eles, cada

grupo apresentou suas respostas oralmente, enquanto os outros observaram as variações nas falas dos colegas e faziam anotações das ocorrências. Em seguida, aconteceu uma conversa sobre as observações que eles fizeram. Alguns grupos disseram que seria usada a mesma saudação para as quatro situações apresentadas, apesar de acontecerem com lugares, pessoas e contextos diferentes. Já outros grupos entenderam logo a necessidade de adequar a linguagem às diversas situações. Alguns alunos disseram que não existe certo ou errado, mas sim o mais adequado ao momento da fala.

Em dado momento, questionei se existia ou não uma forma correta. Vários alunos responderam, ao mesmo tempo, que não e outros completaram dizendo que nós temos que saber adequar as nossas falas às diferentes situações e às pessoas com quem estamos conversando.

A partir dessa atividade inicial, já foi possível perceber que os alunos começaram despertar o interesse e ampliar seus conhecimentos a respeito do tema. De modo geral, os alunos apresentaram nas aulas iniciais pouco conhecimento sobre o assunto variação linguística, a maioria declarou que fala errado, que não sabe falar direito a língua portuguesa, que a forma correta de falar é aquela que o professor ensina, que sabe disso, mas permanece falando do jeito deles porque já se acostumou. Poucos disseram que o modo que falam é correto. Alguns disseram que já observaram que há muitas diferenças na forma de falar das pessoas, que as pessoas de outras regiões do país falam diferente da deles, que os professores falam diferente, que os avós deles falam de modo diferente e usam palavras que eles não usam.

Discutimos, posteriormente, a ideia de que a variação linguística pode ser condicionada por fatores sociais e geográficos. Expôs-se que não há forma mais correta ou mais bonita de falar, que todos sabem falar a língua portuguesa, mas que não falam da mesma maneira, apresentando diferenças que ocorrem pelos fatores já mencionados e que o que existe são formas diferentes de usar a língua.

Muitos alunos, ainda assim, continuaram afirmando falar errado e que não compreendiam o porquê dessas diferenças. Alguns disseram que sempre ouviram falar que a forma correta é aquela dos livros e da escola. Outros indagaram se poderiam então falar da forma como quiserem, inclusive na escola, se poderiam sair por aí “falando errado”.

Neste momento, foi posto em discussão o fato de que as variações linguísticas devem ser aceitas e respeitadas e que cada um tem seu modo singular de usar a mesma língua; porém em certas situações comunicativas eles devem adequar a forma de falar.

Solicitou-se que, em casa, eles fizessem pequenas entrevistas com familiares, amigos, crianças e adultos sobre educação e língua portuguesa. Nesta atividade, eles fizeram anotações das falas das pessoas e em grupo analisaram as semelhanças e diferenças. Na aula seguinte, eles produziram um texto discorrendo suas opiniões e conhecimentos sobre o tema.

Estes textos mostram como eles pensavam sobre as diferentes formas de falar das pessoas e a própria variação usada por eles e seus familiares. Também falam da visão que eles tinham sobre a norma culta, a variedade estudada na escola, em comparação com as suas variedades e como eles se posicionam.

Figura 1 - Texto escrito por um aluno

Variacão Lingüística

Antes quando uma pessoa que convive comigo no meu dia a dia falava de uma forma diferente da que eu estava acostumada a ouvir normalmente, a falar normalmente. Eu achava que a pessoa estava falando errado. Muitos vezes eu ria da cara daquela pessoa. Já cheguei a corrigir várias pessoas achando que a língua gem delas era errada.

E hoje eu vejo que não. As pessoas falam apenas de maneira diferente, e não errada.

Pessoas que falam diferente são geralmente pessoas idosas, que no tempo delas essa maneira de falar era normal, todos falavam assim, desse jeito diferente, pelo menos é o que eu acho. Pessoas que moram em regiões diferentes, geralmente falam de acordo com a sua região; A convivência ~~também~~ com pessoas que falam diferente acaba fazendo com que a pessoa fale diferente também.

Fonte: a autora

Figura 2 - Texto escrito por um aluno

Variações Linguísticas

Quando falamos em variações linguísticas, chamamos a atenção que existem diferentes tipos de variações. Normalmente achamos estranho quando passamos a entender, a saber mais sobre essa diversificação de variações, começamos a perceber que aquilo é tão diferente, daquilo que agente é acostumado a saber. Quando começamos a falar por exemplo, as primeiras pessoas que nos orientam, os pais, as primeiras palavras são efetivamente os nossos pais, após do momento que nascemos, foi possível um determinado contato com a mãe. A partir daí a gente começa a perceber as diferenças entre o contato efetivo da família mais próxima que se cria os nossos pais, e o outro tipo de contato, com as pessoas que conhecemos no nosso dia-a-dia. Quando agente está habituado naquela forma de ver, de falar, de fazer, fazemos em fim, se damos conta que as outras pessoas estão, têm um jeito diferente, talvez porque ela tenha tido orientações diferentes da minha, ou será porque ela está falando errado. Começamos a buscar respostas e obtemos essas respostas de diferentes modos. Antes de

Fonte: A autora

Os textos analisados mostram afirmações explícitas de como eles pensavam e de como passaram a pensar sobre variação linguística após o desenvolvimento da atividade. Também é perceptível certa mudança de consciência e valorização de suas variedades, sem deixar de lado a valorização da variedade culta. Porém não deixando que ela seja posta como melhor e mais correta. Nesta atividade, confirma-se a ideia de que é necessária uma mudança nas aulas de língua portuguesa. É importante que se trabalhe o tema da variação linguística para que os alunos possam tornar-se autores mais críticos e mais reflexivos da sua própria língua, de modo que valorizem e usem as adequações que se fizerem necessárias nas variadas situações de comunicação.

Com a elaboração e desenvolvimento de sequências didáticas foram construídas propostas metodológicas visando o crescimento e o aprimoramento linguístico dos alunos tendo como foco o estudo da variação linguística.

Colocando em prática no cotidiano das aulas de português as propostas elaboradas seguindo os direcionamentos sociolinguísticos estudados e refletidos nesta pesquisa diversificando e respeitando as experiências sociais e culturais dos alunos, eles se sentiram mais à vontade para se colocarem oralmente em diferentes situações e capazes de adequar suas falas nos mais diferentes contextos comunicativos. Segundo Bortoni- Ricardo,

os educadores brasileiros, com destaque especial para os linguistas – seguindo uma corrente que nasceu da polêmica entre a postura que considera o “erro” uma deficiência do aluno e a postura que vê os chamados “erros” como uma simples diferença entre as duas variedades –, têm feito um trabalho importante, mostrando que é pedagogicamente incorreto usar a incidência do erro do educando como uma oportunidade para humilhá-lo. Ao contrário, uma pedagogia que é culturalmente sensível aos saberes dos educandos está às diferenças entre a cultura que eles representam e a da escola, e mostra ao professor como encontrar formas efetivas de conscientizar os educandos sobre essas diferenças (2004, p. 38).

Desse modo é necessário refletir sobre o fazer pedagógico, especialmente no tratamento dado à variação linguística em sala de aula e repensá-lo em função de um desempenho comunicativo mais eficaz.

5.1. Sequência Didática I: a enquete

TÍTULO: De olho nas diferenças

TEMA: Variação linguística

PÚBLICO ALVO: 9º

DURAÇÃO: 8 aulas de 60 minutos.

OBJETIVO GERAL

- Reconhecer e valorizar as variedades linguísticas regionais e culturais, percebendo as transformações que a língua passa ao longo do tempo.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Por meio do gênero texto ‘enquete’ construir o conceito de variação linguística;

- Divulgar para a comunidade informações sobre o tema ‘variação linguística’ e sobre ‘preconceito linguístico’;
- Identificar o conhecimento dos alunos sobre o gênero textual ‘enquete’;
- Discutir as características do gênero ‘enquete’;
- Incentivar os alunos à reflexão sobre os diferentes modos de falar da região;
Conscientizar os alunos de que não existe um único modo correto de falar, mas formas diferentes mais ou menos adequadas a certos contextos;
- Instigar os alunos a expressar opinião com base em informações de textos lidos sobre o tema, fazendo-os refletir sobre sua fala, procurando adaptá-la aos seus interlocutores e ao contexto.

CONTEÚDOS

- Variação linguística;
- Concordâncias;
- Características, assuntos e linguagem para enquetes;
- Como produzir uma enquete;
- Coerência e coesão textual;
- Comunicação oral.

EXECUÇÃO

- Fazer uma breve explanação a respeito do uso, adequações e diferenças entre a ‘norma culta’ e variantes linguísticas menos favorecidas socialmente;
- Realizar momentos de leitura e interação na sala sobre o tema variação linguística através da distribuição de textos, músicas, depoimentos;
- Formar grupos para formular as perguntas da enquete, estudos de análises dos dados e organização das apresentações;
- Discutir o porquê do uso de determinadas variantes linguísticas;
- Fazer com que os alunos percebam que o uso de determinada variante linguística é considerada errada e por isso sofre preconceito;

- Instigar os alunos a concordar, discordar, criticar, assumir uma posição diante do fato de existir preconceito linguístico no ambiente escolar, formando debates sobre o assunto;
- Propor aos alunos que façam uma produção textual considerando os dados e fatos da comunidade local relacionados à variação linguística

DESENVOLVIMENTO

Nesta sequência, foi trabalhado o tema variação linguística e o gênero textual enquete. No primeiro momento, foi realizado um levantamento prévio sobre o que os alunos já sabiam a respeito do gênero enquete, foi discutido sobre o gênero e o uso cada vez mais frequente do mesmo nos diversos meios de comunicação. Eles lembraram enquetes da internet e da TV, alguns afirmaram que já participaram de enquetes.

No momento seguinte, foi apresentado o tema variação linguística e foi solicitado que eles pesquisassem tal tema em casa, na internet. A aula iniciou-se com uma discussão sobre o material que foi pesquisado pelos alunos. Em seguida, foram distribuídos textos que apresentavam variações e usos da língua em situações diversas. Foram realizadas leituras individuais e em grupo e em seguida um pequeno debate sobre o assunto. Para concluir esta aula foi organizada uma roda de conversa abordando o tema, levando os alunos à reflexão sobre as normas padrão e não padrão da língua portuguesa e seus usos no cotidiano.

Na aula seguinte, levei exemplos de enquetes com variados temas. Esses textos foram lidos e analisados. A compreensão da estrutura, da finalidade, do tipo de linguagem, do público-alvo e dos objetivos do gênero enquete emergiu das análises feitas de diferentes enquetes. Posteriormente, os alunos formaram grupos para produção de uma enquete que abordasse o tema ‘variação linguística’ e ‘preconceito linguístico’, mais precisamente sobre ‘o nível de aceitação do português não padrão pela comunidade’. Cada grupo produziu três enquetes, uma para ser aplicada nos alunos da própria sala, outra para alunos de outras turmas e outra com pessoas da comunidade, familiares, vizinhos, comerciantes, etc.

Após a realização das enquetes, com a ajuda da professora de matemática, eles fizeram gráficos com os resultados e apresentaram na sala de aula. Em seguida foi realizada uma discussão sobre os resultados e seus aspectos positivos e negativos.

Nos momentos de discussões, os alunos fizeram reflexões sobre o modo espontâneo da fala e o modo monitorado, quando deveriam usar um ou outro. Eles também expuseram o

quanto mudaram a forma de ver as diferentes formas de manifestação da língua em ocorrências na sala de aula e no cotidiano deles fora da escola. Observaram que eles usam de modo natural e muitas vezes sem perceberem as mesmas variações que observaram e criticavam nas pessoas que entrevistaram para as enquetes.

A discussão e apresentação inicial sobre o conceito de variação linguística se deu a partir de registros da professora contendo exemplos de variantes produzidas pelos alunos. Após a apresentação dos exemplos, a maior parte dos alunos disse não saber falar corretamente o português. Após uma breve exposição sobre variação linguística e adequação da língua às diversas situações comunicativas, houve certa surpresa por parte deles para o fato de serem possíveis e aceitáveis as variações que eles consideravam erradas. Observamos o quanto cada pessoa se individualiza nesse sentido. Apesar de serem da mesma faixa etária, mesma comunidade escolar, mesma série, contextos sociais e econômicos semelhantes, apresentavam características linguísticas diferentes em suas falas. Nessa atividade, eles começaram a perceber que a variação linguística é um processo natural da língua e ocorre na fala de todas as pessoas. A análise das variantes encontradas nas falas dos alunos deu suporte para iniciarmos a compreensão da importância do desenvolvimento da competência comunicativa, tanto para a língua escrita quanto para a língua oral.

Após leituras, discussões e pequenos debates na sala e aula, os alunos foram ao campo em busca de dados e informações que respaldasse os conhecimentos adquiridos a respeito da variação linguística. Eles organizaram-se em grupos e formularam perguntas que foram escolhidas de forma livre para fazerem entrevistas com pessoas da comunidade sobre o tema ‘variação linguística’. Os dados obtidos foram usados por eles para construir tabelas e gráficos como auxílio da professora de matemática. Outros produziram apresentações como programas de TV, telejornais, noticiários de rádios, contrastando-se, assim as situações de falas monitoradas e não monitoradas, as variações populares e cultas, bem como suas adequações as diversas situações comunicativas.

Os materiais produzidos possibilitaram a eles constatar, com dados reais, a existência da variação linguística nos mais variados espaços de interação. Para a sala, eles trouxeram comparações entre o que seria esperado pela norma padrão e o que foi de fato observado nos dados reais.

Vejamos alguns exemplos dos dados coletados e analisados pelos alunos:

Figura 3 - Dados coletados e quantificados pelos alunos

Índice

Quais são métodos de algumas palavras falarem
dependente da gramática?

a) para ser a construção
b) para a construção
c) para a construção
d) para a construção

Idade	Sexo	G. de curso	Resposta
32	F	6º ano	B
30	M	3º ano	A
21	F	3º ano	B
14	F	6º ano	C
59	F	4º ano	B
32	M	7º ano	A
16	F	9º ano	A
14	F	9º ano	B
22	M	1º ano	A
28	F	9º ano	A
14	F	8º ano	A
30	F	1º ano	A
10	M	5º ano	B
13	M	7º ano	C
10	F	1º ano	A
14	M	9º ano	A
10	M	9º ano	B
18	F	3º ano	B
17	M	9º ano	D
20	F	9º ano	A
31	M	1º ano	B

Fonte: A autora

Figura 4 - Dados coletados e quantificados pelos alunos

28/05/15
D S T Q A S S

Se alguém ...
 como você reagiu, se alguém lhe pedisse para mudar seu sotaque ou sua maneira de falar?
 Opções A=Normalmente B=Espontânea C=Outra resp.

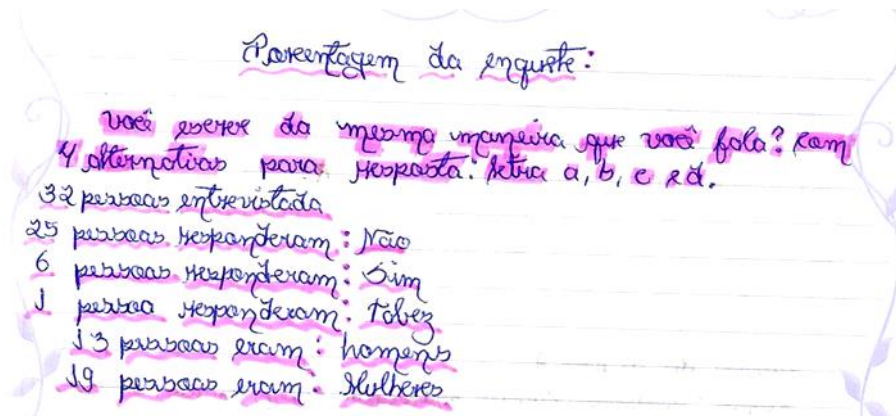
Pessoas de fora			Pessoas da classe (sala de aula)		
Idade	Sexo	Resposta	Idade	Sexo	Resposta
39	F	C	14	F	B
37	F	C	14	F	B
37	F	C	14	F	B
50	M	A	14	F	B
37	M	C	14	F	B
18	F	A	14	F	B
36	F	C	14	F	A
38	M	C	15	F	B
35	F	B	14	F	A
37	M	B	14	F	B
41	F	C	14	M	B
35	F	C	14	M	B
16	M	A	14	F	B
25	F	C	14	F	B
29	F	C	14	F	B

Das pessoas de fora, foram 15 entrevistadas. Desses 15, 10 são do sexo feminino e 5 do masculino. 10 pessoas votaram na opção "C", 3 na "A" e 2 na "B".

SÃO DOMINGOS

Fonte: a autora

Figura 5 - Dados coletados e quantificados pelos alunos



Fonte: A autora

5.2. Sequência Didática II: noticiário

TÍTULO: Rádio na Escola

GÊNERO: Noticiário

TEMA: A variação linguística e concordância

PÚBLICO ALVO: 9º

DURAÇÃO: 8 aulas de 60 minutos.

OBJETIVOS:

- Identificar características dos gêneros textuais jornalísticos, em especial notícias, em mídias impressas, televisivas e online;
- Reconhecer a importância do texto escrito no jornalismo impresso, televisivo e online;
- Perceber os pontos de contato e distanciamento entre oralidade e escrita;
- Identificar o conhecimento sobre variação linguística;
- Identificar nos textos das notícias (impressas e televisivas) variantes regionais e tentar identificar em que regiões elas se manifestam;
- Produzir noticiário, tendo como base acontecimentos importantes de sua comunidade e da escola;
- Produzir uma reportagem jornalística, tendo como base a variação linguística da região onde moram;
- Organizar um telejornal para apresentar na escola destacando os textos produzidos sobre variação linguística.

CONTEÚDOS:

- Variação linguística;
- Concordâncias;
- Características, assuntos e linguagem das notícias e reportagens;
- Coerência e coesão textual;
- Comunicação oral.

EXECUÇÃO:

- Em grupos, distribuir exemplares de notícias e reportagens de jornais impressos
- Apresentar trechos de telejornais de diferentes regiões;
- Com a participação da turma, levantar os pontos de contato e distanciamento entre o material impresso e o televisivo;
- Promover uma análise e uma discussão sobre a variação linguística nos vídeos apresentados;
- Os estudantes devem compreender que uma notícia é a descrição de fatos em terceira pessoa, atendendo aos elementos da estrutura textual: O quê? Quando? Onde? Como? Por quê? Sendo um gênero discursivo, ela é composta por uma estrutura definida, que pode apresentar variações conforme a mídia (jornal impresso, televisão, rádio, página da internet etc.);
- Explicar, também, que a notícia figura como um registro de fatos novos, recentes, sem comentários ou juízos de valor;
- Mostrar que uma reportagem nem sempre parte de um fato novo e possui um texto mais extenso e com mais detalhes sobre o assunto;
- Mostrar exemplos de notícias que, posteriormente, deram origem a uma reportagem;
- Apresentar notícias e reportagens de jornais online, compostas por texto escrito e vídeo;
- Promover uma reflexão do que foi discutido nas etapas anteriores, observando os tipos de ocorrências semelhantes ou diferentes nas falas nos vídeos;
- Orientar a produção de um noticiário pelos alunos;
- Assistir a todos os vídeos junto com a turma;
- Orientar para que todos anotem suas percepções sobre as variações linguísticas deles para uma posterior discussão;

- Pedir que cada equipe compare a sua produção com os exemplos realizados por profissionais, apresentados na etapa anterior;
- Promover, então, um debate sobre o que foi observado em relação às variações.

DESENVOLVIMENTO

No primeiro momento, foram identificados os conhecimentos prévios. A turma foi organizada em círculo e foi aberta uma discussão sobre os gêneros notícia e reportagem no âmbito das mídias impressas, televisivas e online. Observamos e discutimos as principais características de cada um e suas semelhanças e diferenças. Em seguida, foram retomados os conhecimentos prévios dos alunos sobre variação linguística, usando as falas dos apresentadores de programas televisivos, jornais, e de rádios para comparações dos diferentes usos da língua, falada e escrita.

Posteriormente, foram realizadas uma leitura e uma interação na sala sobre o tema variação linguística com o uso de notícias de jornais escritos, telejornais e internet. Foram formados grupos para estudos de análises dos textos e exploração das características da notícia e da reportagem. Cada grupo apresentou suas análises para a sala.

Pensou-se uma visita a um veículo de comunicação da região (rádio) para ver de perto e entender como os profissionais de jornalismo trabalham e como se dá o processo de produção dos textos jornalísticos, mas isto não foi possível devido à indisponibilidade de transporte para levar os alunos com segurança até ao local. Assim, a visita foi substituída por pesquisas na internet e observações na TV.

Os alunos se organizaram em equipes e, com base nos conhecimentos prévios e nas pesquisas realizadas, prepararam uma notícia em formato televisivo referente ao cotidiano escolar e as variações linguísticas.

Para realização dessa atividade foram distribuídos exemplares de notícias e reportagens de jornais para cada equipe. Eles leram, escolheram uma notícia e apresentaram à turma em forma de noticiário. Em casa, eles assistiram na TV, na internet e no rádio, telejornais, programas de entretenimento observando as falas e as variações, anotaram e compararam com as suas falas, em seguida apresentaram as observações na sala e assim foi promovida mais uma discussão sobre o tema e o gênero. Para o momento seguinte, cada grupo produziu um noticiário para apresentar à turma no dia marcado. Foram produzidos noticiários de TV e de rádio, jornalísticos e esportivos.

No dia marcado, os grupos apresentaram seus trabalhos, uns gravados em áudio, outros em vídeos. Após as apresentações, foi promovido na sala um debate sobre os trabalhos desenvolvidos e sobre as observações referentes às variações linguísticas.

Esta sequência didática foi bastante produtiva e enriquecedora. O desenvolvimento dos trabalhos conduziu os alunos ao reconhecimento e à conscientização da variação linguística nos seus cotidianos, dentro e fora da escola, em textos falados e escritos. Refletiu-se bastante também sobre a necessidade de adequação da língua e suas variações às práticas comunicativas estudadas.

5.3 Gêneros Escritos em Confronto com a Oralidade

Foram realizadas outras atividades após a aplicação das sequências didáticas em cada turma com o objetivo de contrastar diferentes variedades no texto escrito e entender que certos textos escritos aproximam-se de textos orais. As atividades desenvolvidas foram diferenciadas por turma. Na primeira turma, foram estudados os gêneros ‘bilhete’ e ‘recados em redes sociais’. Durante essa atividade, os alunos produziram bilhetes simples deixando recados para alguém da família ou um amigo e em outro momento produziram uma mensagem de aniversário a qual deixariam nas redes sociais para alguém. Produzidos os textos, procedemos à leitura dos mesmos. A partir das leituras, eles observaram em seus textos e nos textos dos colegas como a escrita pode ser utilizada de modo mais natural e mais aproximada da língua falada. Neste momento, surgiram muitas reflexões sobre as adequações de usos da fala nas mais diversas situações comunicativas.

Na segunda turma, os alunos produziram uma página de diário. Começaram a produção na sala de aula e concluíram em casa. Na aula seguinte, eles fizeram as leituras de seus textos e observaram as marcas de oralidade presentes nas produções. Após as leituras, aconteceu um pequeno debate sobre o fato de que, nesse gênero textual, utiliza-se com frequência algumas marcas de registros orais da fala.

Estas atividades extras foram fundamentais para um estudo concreto e comparativo das variações linguísticas em práticas comunicativas de linguagem oral e escrita e foram muito valiosas para que os alunos analisassem seus conhecimentos em relações ao tema variação linguística.

As sequências didáticas foram fundamentais para nortear os trabalhos com a variação linguística, direcioná-los de acordo com os objetivos da pesquisa e seguir com os pressupostos do método escolhido, a pesquisa-ação. Desta maneira, os alunos atuaram

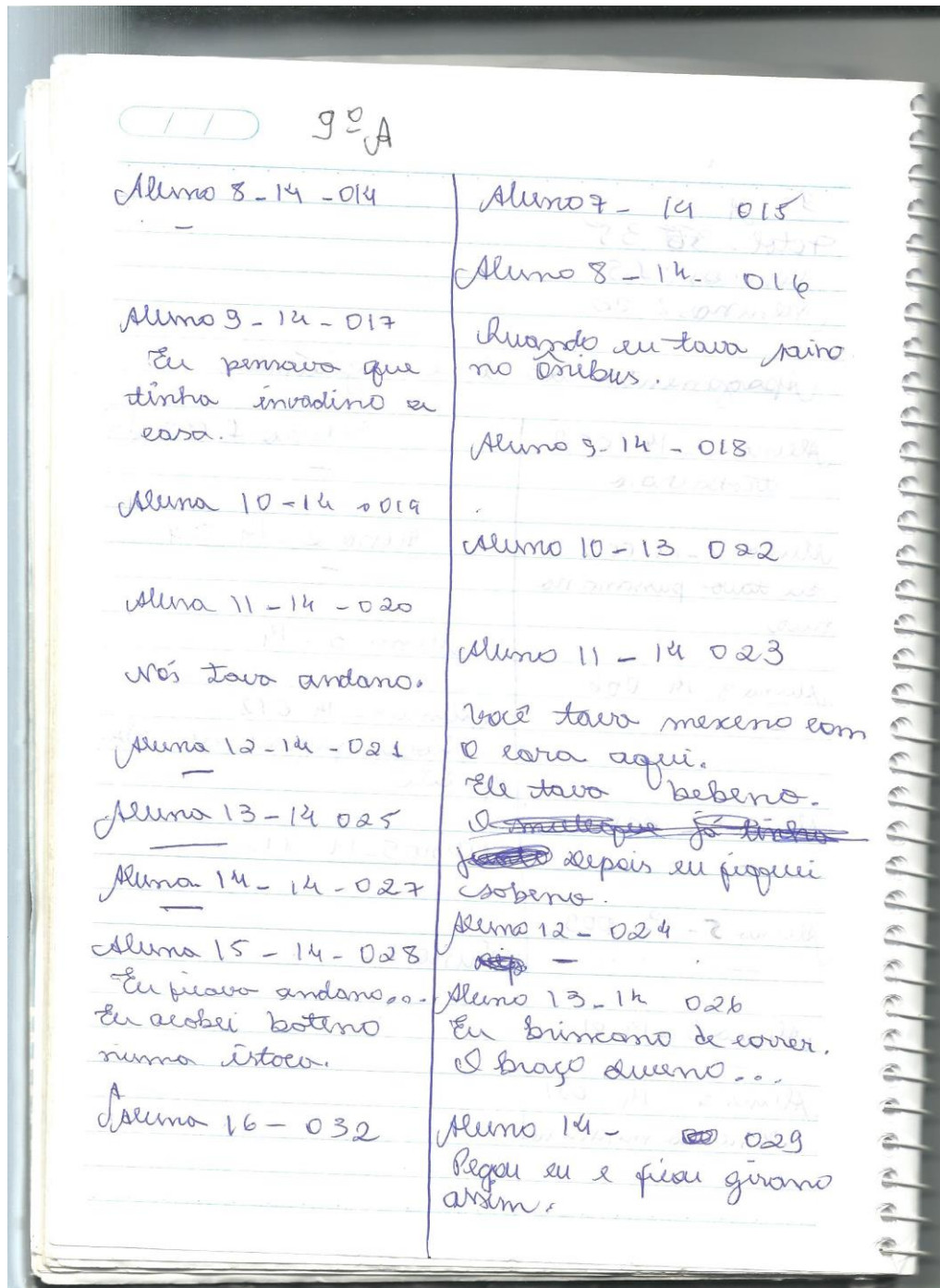
efetivamente na pesquisa e as adequações foram realizadas de acordo com as necessidades que surgiram no percurso do trabalho.

Os alunos assistiram a vídeos na internet, a programas na tv e rádio para ampliar seus conhecimentos, a partir de situações cotidianas e reais de comunicação, sobre a variação linguística e suas adequações aos diferentes contextos. Assim, buscaram fora do ambiente escolar os subsídios e aparatos fundamentais e necessários para a promoção de debates na sala de aula, fazendo as comparações entre as situações de falas monitoradas e sem monitoramento.

As observações e anotações registradas foram essenciais para compreender melhor a variação linguística dos alunos, suas influências, como usam a fala, suas aceitaçãoes, suas impressões sobre as adaptações da fala em diversas situações comunicativas e acompanhar continuamente os acontecimentos linguísticos que envolviam a variação linguística em sala de aula, as reações dos alunos sobre o assunto foram espontâneas e me surpreendeu o fato de a maioria deles afirmar que não sabem falar corretamente porque não usam a língua de forma correta, ou seja, seguindo as regras da gramática estudada na escola desde as séries iniciais. Para eles, o fato de serem possíveis e aceitáveis as variações que eles consideravam erradas foi uma novidade, pois sempre foi comum ouvir falar que cada região tem uma forma diferente de falar, principalmente em relação ao sotaque, que os idosos, as crianças, os professores falavam diferentes deles, o que era visto por eles de modos certos e errados, mas eles não sabiam que apesar das diferenças todas devem ser respeitadas e não existe uma única forma de usar, não existe a forma certa ou errada, bonita ou feia e sim formas diferentes por diversos fatores e que chamamos essas diferenças de variação linguística. Estas anotações geraram muitas discussões e foi o pontapé inicial para que começasse uma pequena mudança sobre o modo dos alunos pensarem em relação aos diferentes modos de usar as falas, as adequações, as diferenças, os julgamentos de certo e errado, de bonito e feio e assim despertasse o interesse sobre o tema e se dispusessem as pesquisas em seus contextos comunicativos do cotidiano.

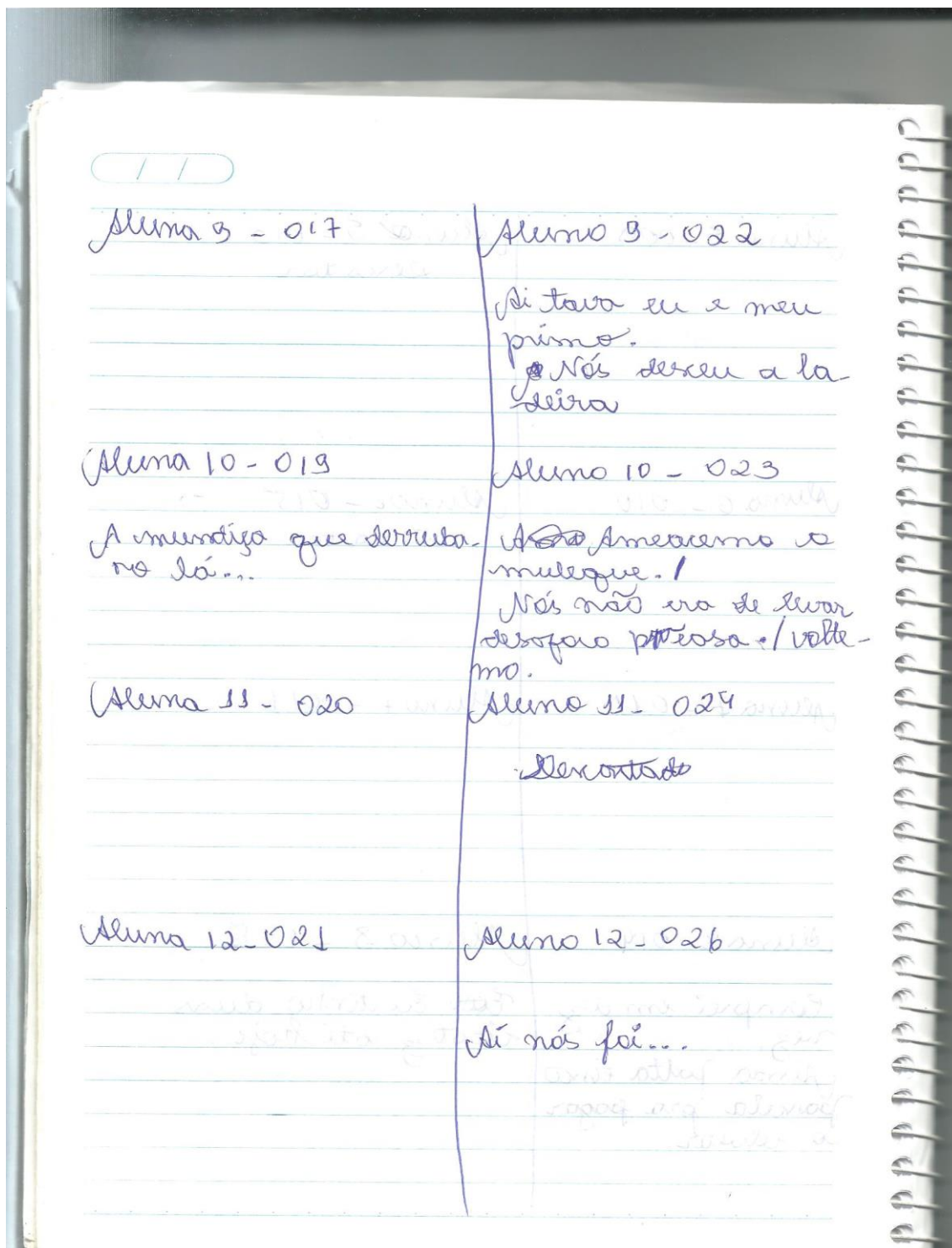
A seguir, apresentamos duas anotações feitas pelos alunos durante as aulas iniciais de produção para coletas de dados:

Figura 6 - Anotações de falas dos alunos



Fonte: A autora

Figura 7 - Anotações de fala de alunos



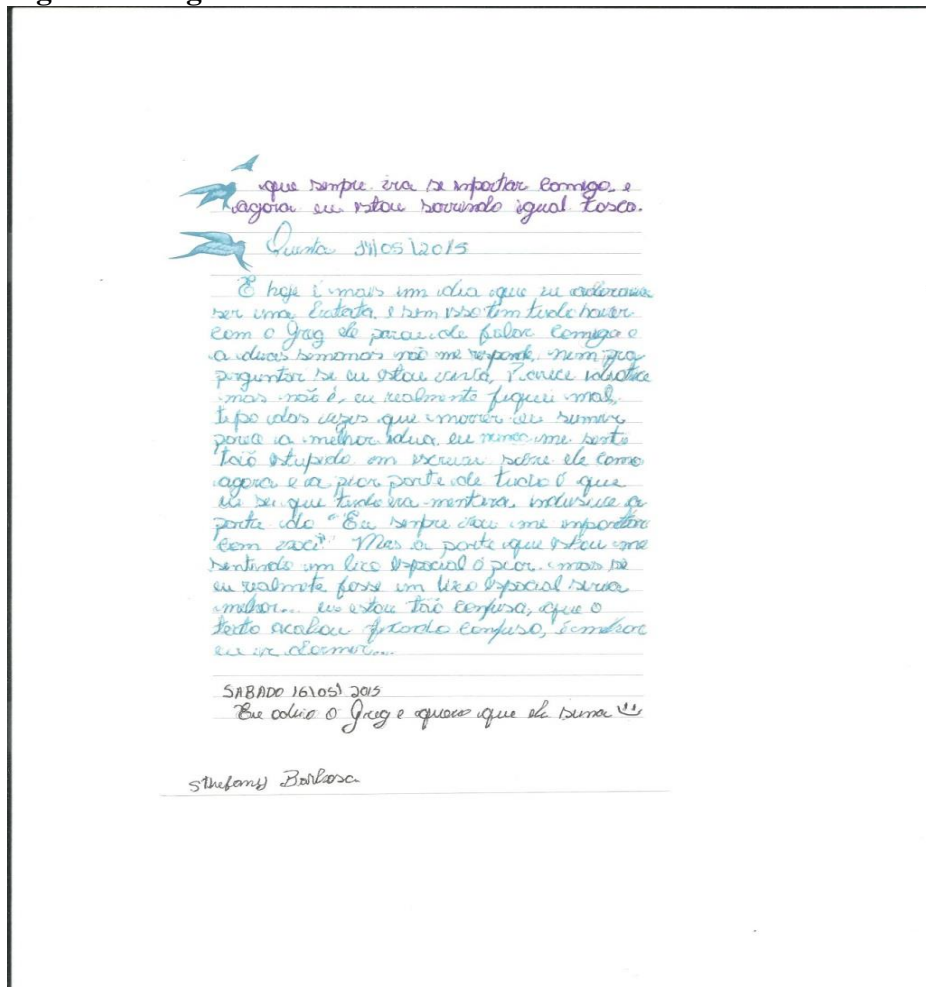
Fonte: A autora.

A partir das anotações acima, os alunos analisaram suas próprias falas observando o quanto cada um se individualiza nesse sentido, apesar de serem da mesma faixa etária, mesma comunidade escolar, mesma série, contextos sociais e econômicos semelhantes. Neste momento eles passaram a compreender que há várias razões para tamanha variação na nossa

língua e esse assunto foi discutido, é importante ressaltar que as notações das falas foram realizadas por mim e no momento de exposição das mesmas não foram identificados os nomes das pessoas que usaram as falas, portanto não houve possibilidades de zombarias ou comentários preconceituosos.

Os textos produzidos por eles deram um suporte para um estudo concreto entre as competências comunicativas através da linguagem oral e a da linguagem escrita, mostrando as diferenças entre elas, mas também os conscientizando de que ambas são diferentes, no entanto, existe uma importante relação entre elas, visto que uma influencia a outra a todo tempo. Através destes textos é possível observar que eles, em sua maioria, escrevem do mesmo modo como falam, porém, não conseguem identificar com tanta facilidade o que eles consideram como erros nas suas falas e na dos outros, as concordâncias, o uso dos pronomes oblíquos passam despercebidos na escrita, mas se mostram claramente e são apontados com rapidez nas falas, por exemplo.

Figura 8 - Página de diário de uma aluna



Fonte: A autora

Figura 9 - Mensagem de aniversário em forma de bilhete de uma aluna para a mãe

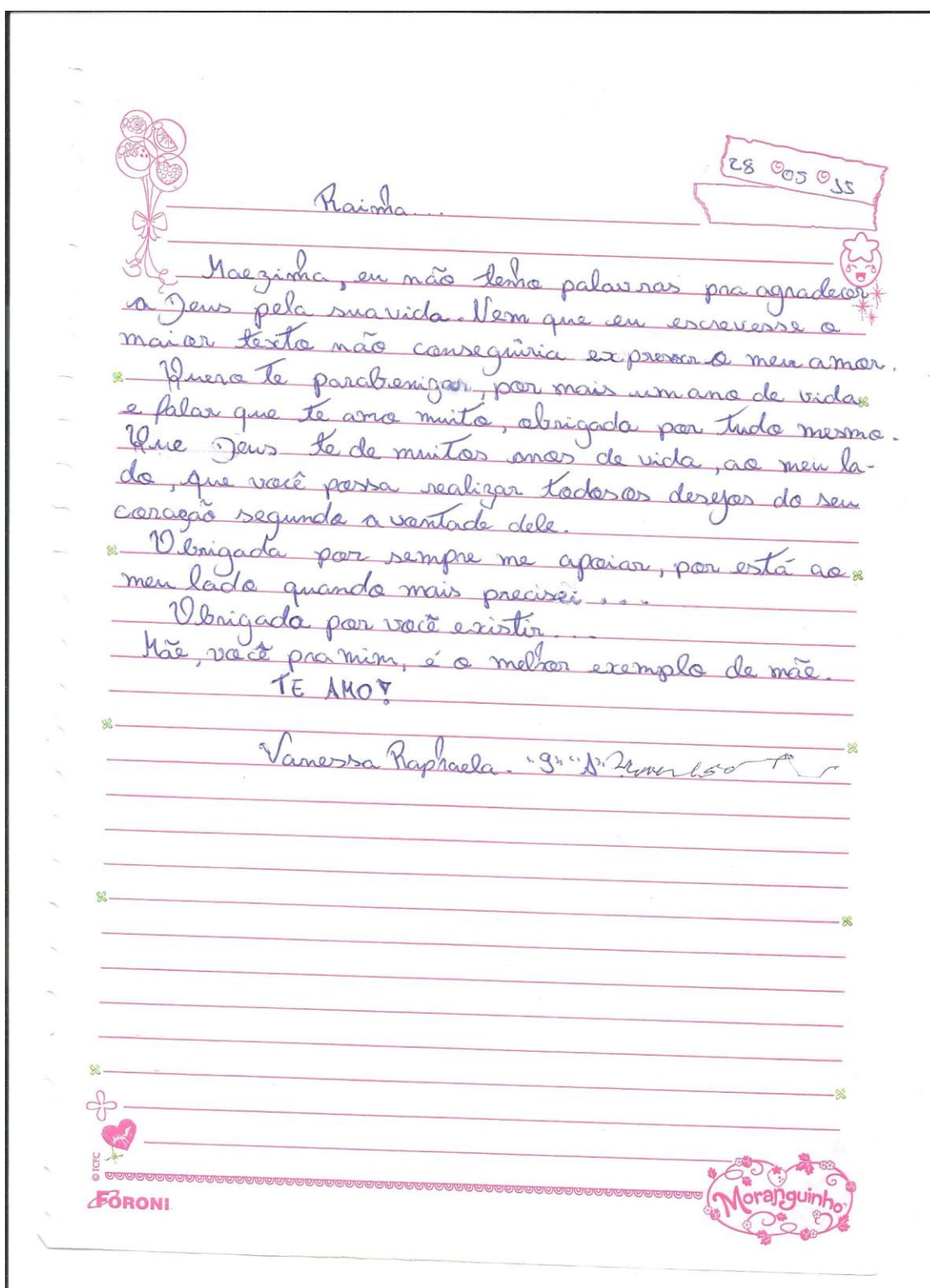
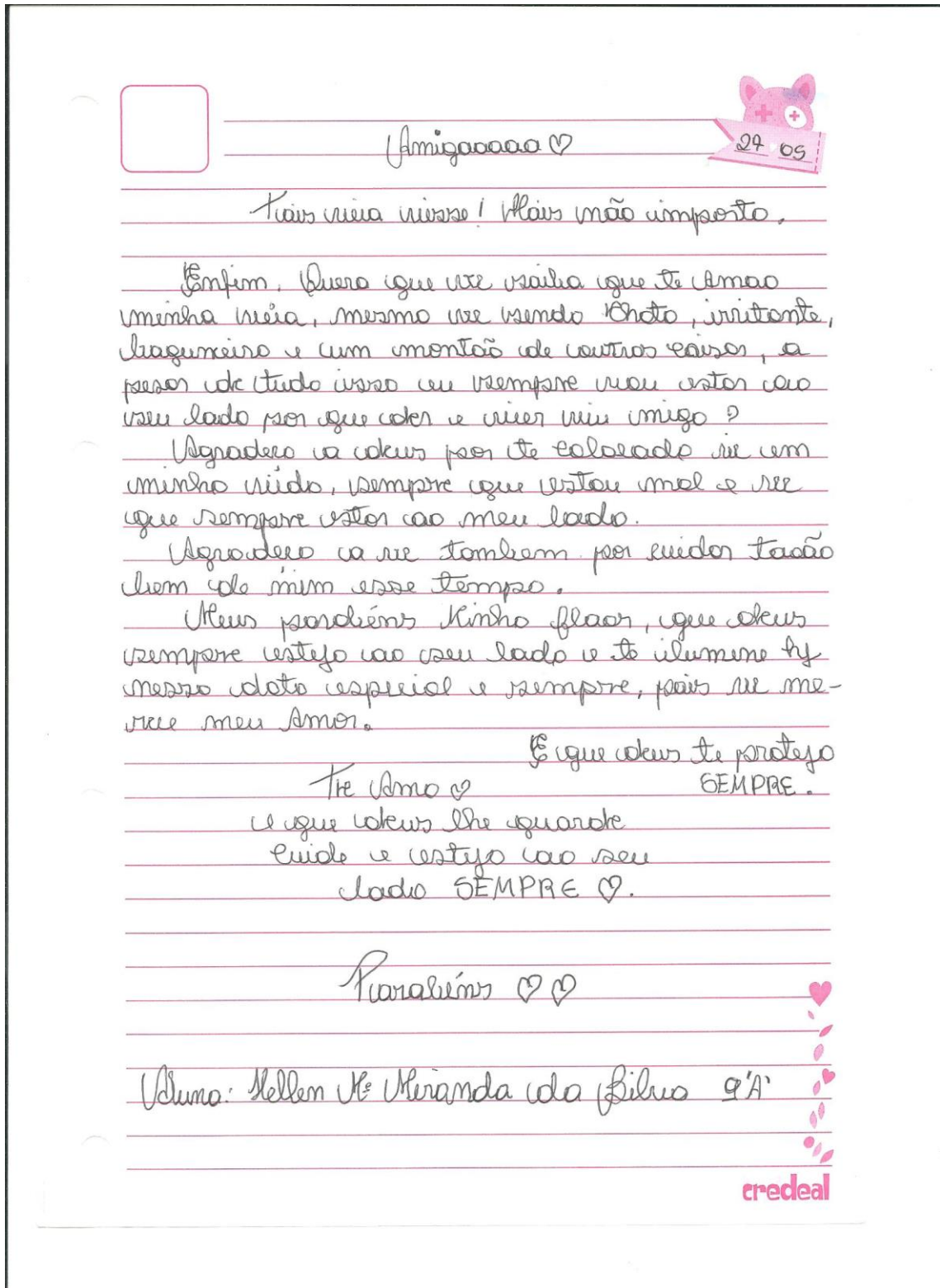


Figura 10 - Mensagem de aniversário para uma amiga



As produções textuais em forma de páginas de diários, bilhetes e mensagens foram lidas e analisadas nas aulas com os alunos e eles observaram as palavras e expressões características da linguagem oral sendo usadas naturalmente nos textos escritos. Com esta atividade eles acentuaram seus conhecimentos a respeito da formalidade e informalidade da língua escrita ou falada, das adequações e das falas monitoradas ou não. Fizeram comparações entre a variação linguística popular e a culta, perceberam na prática o quanto a fala influencia a escrita e como as variações são bem mais destacadas e acentuadas na fala.

Os materiais produzidos, tabelas, questionários, gráficos, a partir das pesquisas e entrevistas realizadas pelos alunos deram a possibilidade de constatar com dados reais a forte influência da variação linguística do meio social em que eles vivem, levando para a sala de aula as comparações com a norma culta e despertando as inúmeras dúvidas que eles acumulam durante longos períodos de escolaridade quando não desenvolvidos trabalhos efetivamente voltados para o tratamento e adequações da variação linguística em sala de aula, um ensino que valorize o real e não apenas como um mero conteúdo e com exemplos estereotipados como aparecem em muitos livros didáticos.

Após leituras, discussões e pequenos debates na sala e aula, os alunos foram ao campo em busca de dados e informações que respaldasse os conhecimentos adquiridos a respeito da variação linguística. Eles organizaram-se em grupos e formularam perguntas que foram escolhidas de forma livre para fazerem entrevistas com pessoas da comunidade sobre o assunto variação linguística. Os dados obtidos foram usados por eles para construir tabelas e gráficos como auxílio da professora de matemática. Outros produziram apresentações como programas de tv, telejornais, noticiários de rádios, contrastando-se, assim as situações de falas monitoradas e não monitoradas, as variações populares e cultas, bem como suas adequações as diversas situações comunicativas.

Desse modo, a pesquisa-ação foi utilizada nesta pesquisa de forma que propiciou a busca para melhoria da prática docente em sala de aula no que se refere aos estudos de variação linguística, bem como foi fundamental para ampliação e conscientização dos alunos em relação ao tema através de suas participações, produções e análises da pesquisa.

5.4 Uma avaliação da aplicação das sequências didáticas

Como afirma Bortoni-Ricardo (2004), “em qualquer comunidade, seja pequena, como um distrito semi-rural pertencente a um município, ou grande, como uma capital, um estado ou um país, sempre apresentará variação linguística, que decorre de fatores como: grupo

etários, gênero, status socioeconômico, grau de escolarização, mercado de trabalho, rede social”.

Nos primeiros momentos da aplicação dessas sequências foi possível observar que praticamente todos os alunos, em relação à variação linguística, traziam em si os conceitos de certo e errado, feio e bonito e desconheciam o fato de poder adequar suas falas aos diferentes contextos comunicativos.

Muitos declararam entender como forma errada de falar todos os desvios linguísticos ocorridos em suas próprias falas ou de outras pessoas e que, para eles, sempre foi real o fato de que existe uma maneira de usar corretamente a língua portuguesa, a que segue as regras da gramática.

Já a partir das primeiras aulas que levaram à realização desta pesquisa e das participações deles nas produções e construções de debates e discussões, grande parte dos alunos passou a entender que há razões pelas quais há tantas variações de uso da língua nos processos comunicativos e como podem e devem ser adequados de modos distintos.

Concordo com Cyranka et al. (2010) que constataram em sua pesquisa que é possível levar os alunos a construir reflexão adequada sobre a heterogeneidade linguística, fator que os predispõe a se interessarem por adquirir os estilos monitorados de oralidade e escrita de sua língua materna.

No início da pesquisa, muitos alunos riam e zombavam do modo como um ou outro colega se pronunciava oralmente sem usar adequadamente algumas regras da norma culta, como por exemplo, as regras de concordância. Com após o desenvolvimento dessas sequências, os alunos passaram a compreender, também, que essas variedades devem ser respeitadas e aceitas.

Alguns alunos, mesmo diante dos debates realizados, das pesquisas e dos estudos que participaram, insistiram na ideia de que não sabem falar corretamente, criticaram a forma de falar dos outros colegas e demonstraram mais dificuldade em compreender os novos conceitos e ideias apresentadas.

Segundo Bortoni-Ricardo (2004), em relação à efetiva contribuição da Sociolinguística na educação, a escola deve responsabilizar-se pela incorporação, ao repertório dos alunos, de recursos para que empreguem estilos monitorados; pela diferenciação de variantes estigmatizadas evitando-se, nos estilos monitorados, avaliação negativa; pelo desenvolvimento de estratégias de alternância entre o vernáculo e a língua de prestígio; pela análise da variação no processo interacional e pela conscientização quanto à variação e à desigualdade social (atitude crítica).

Em cada atividade realizada, os comentários dos alunos sobre variação linguística apontam a necessidade de redirecionar o tratamento dado ao conteúdo de variação linguística na sala de aula e de que esse assunto deve ser pertinente e contínuo ao longo do processo educativo, e não um simples conteúdo visto em uma ou duas atividades do livro didático, em um ou outro texto e ainda de modo bem distante da realidade.

Segundo Bortoni-Ricardo (2004) é muito importante que se desenvolva em sala de aula uma pedagogia sensível às diferenças sociolinguísticas e culturais dos alunos, mas isto requer uma mudança de postura da escola - de professores e alunos - e da sociedade em geral. Deste modo, o professor precisa valer-se dos fundamentos teóricos que são propostos pela Sociolinguística para suas atuações práticas. Colocando em prática esta atitude demonstrará o compromisso com a formação plena do cidadão, contra toda forma de exclusão social pela linguagem.

A partir das reflexões sobre as sequências e atividades realizadas confirma-se a ideia de que os alunos identificam geográfica e socialmente as pessoas pela forma como falam e que é ainda muito comum considerar as variedades linguísticas populares como inferiores ou erradas no âmbito escolar. Além disso, os próprios falantes destas variedades pensam assim e ainda se faz muito necessário incluir nos objetivos educacionais e nas práticas de sala de aula este assunto.

Concordamos Bortoni-Ricardo (2005) quando afirma que “a escola não pode ignorar as diferenças sociolinguísticas. A escola deve incentivar o emprego criativo e competente do Português, contribuindo, assim, para o desenvolvimento de um sentimento de segurança em relação ao uso da língua. Essa postura respeitosa no trato das diferenças socioculturais e linguísticas é um compromisso dos professores” (2005, p.15).

No desenvolvimento deste trabalho foi possível perceber que levar ao aluno a possibilidade e a oportunidade de refletir sobre as falas sob o viés da sociolinguística torna possível a consciência dos variados modos de usar a língua nos mais diversos contextos sociais e comunicativos.

Cyranka et al. (2010) concluem algo semelhante quando afirmam que “o trabalho com a reflexão sociolinguística em sala de aula possibilita construir, com os alunos, um nível tal de consciência da heterogeneidade linguística que os tem levado, por um lado, a reconhecerem a legitimidade dos usos diferenciados de estruturas da língua, tanto do ponto de vista do léxico, quanto dos aspectos fonético-fonológico e morfossintático, através de análise contrastiva entre seu dialeto, do seu grupo social, e o da escola; por outro lado, sendo as diferenças dialetais tratadas à luz da análise descritiva, à base de uma teoria sociolinguística, esses alunos têm

sido animados a preservar suas crenças positivas sobre o valor e a legitimidade de seu próprio dialeto.”

A partir dos trabalhos desenvolvidos e analisados nesta pesquisa percebe-se que é fundamental que sejam desenvolvidas nas aulas de Língua Portuguesa situações nas quais os alunos possam ampliar seu domínio oral da língua em situações comunicativas mais amplas, como exposições, palestras, debates, assembleias, situações em que eles tenham que atuarem de modo diferente dos habituais, que se diferenciem dos gêneros escritos. É preciso compreender que o objetivo não é aprender a falar certo, mas sim aprender a falar em público, aprender a monitorar sua fala de forma mais competente.

Por meio dos trabalhos realizados, dos textos de diferentes gêneros lidos e debatidos, dos vídeos e das entrevistas analisados, os alunos descobriram muitos casos de variação linguística e compreenderam que há muita diversidade cultural por trás delas. Isso os levou a entenderem e aceitarem que há diferenças entre pessoas em relação às suas falas e suas adequações e necessidades comunicativas. Essas descobertas fizeram com que os alunos descobrissem e valorizassem mais suas identidades culturais e linguísticas.

Como afirma Bortoni-Ricardo, “no domínio social da sala de aula, as reflexões e ações favorecidas durante este trabalho, orais e escritas, podem contribuir para a formação dos sujeitos nela atuantes, em relação à sua inteligência emocional, e não só cognitiva, a qual geralmente é o foco exclusivo da escola e dos professores” (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 25)

Os próprios alunos foram capazes de identificar, com clareza, traços tanto fonéticos quanto morfossintáticos das variedades a que foram expostas. Notou-se que os alunos ainda não usam formas mais adequadas para eventos monitorados, ou seja, ainda não conseguem, na prática, adequar as variedades linguísticas às diferentes situações comunicativas.

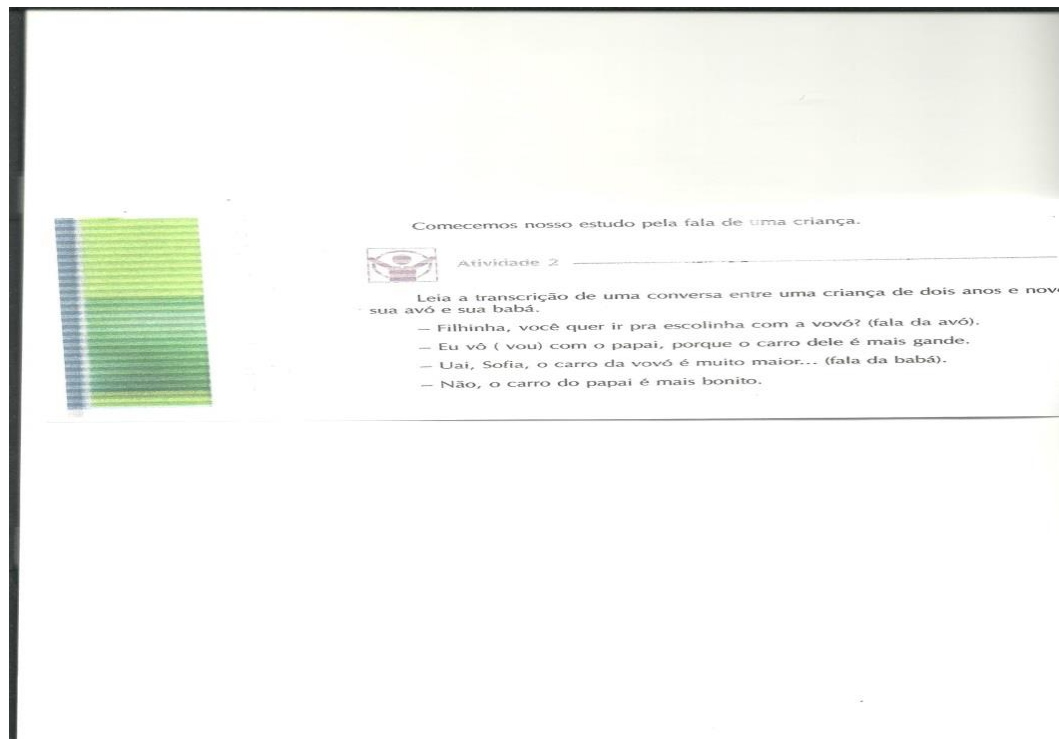
Contudo, as atividades desenvolvidas e as participações ativas dos alunos nas pesquisas e produções de trabalhos com este tema propiciaram um enriquecimento de experiências e ampliações linguísticas dos mesmos. Eles passaram a refletir sobre a diferença linguística em seu meio social e fora dele, e começaram a ver como um aspecto que caracteriza determinado grupo social.

Podemos compreender que se, nas aulas de Língua Portuguesa, forem colocados em prática direcionamentos que sigam os pressupostos da sociolinguística, ampliando e diversificando as experiências sociais e culturais dos alunos, dentro e fora da escola, os alunos poderão sentir-se mais seguros para se colocarem oralmente em diferentes situações comunicativas, adequando com mais naturalidade seu modo de falar.

Nas primeiras aulas em ambas as turmas foi feito um levantamento do que eles sabiam a respeito de variação linguística, um conhecimento prévio do tema. Neste momento os alunos se mostraram bastante entusiasmados a respeito do assunto e houve uma boa participação nas aulas, eles ficaram curiosos e com a tarefa de pesquisar sobre o assunto para continuarmos na aula seguinte. Para um debate prévio foi levado para eles uma atividade com transcrição de uma conversa entre uma criança de dois anos, sua avó e sua babá. Esta atividade se tornou bem deletosa, visto que eles fizeram leituras dramáticas do texto e em seguida responderam oralmente as questões sobre o texto e transcorreu uma pequena discussão sobre as primeiras situações de uso e comparações de variação linguística entre eles.

Nas primeiras discussões sobre o tema a maioria dos alunos disse que fala muito diferente da gramática e de modo errado, que a forma correta de falar é como aparece nos livros.

Figura 11- Cópia de atividade citada



Fonte: Gestar

Figura 12 - Cópia da atividade citada

Gramática: seus vários sentidos

Unidade 5

– Mas, Sofia, o carro da vovó é novinho... (fala da babá).
 – Eu vô (vou) no carro do papai porque o carro dele é todo azulzinho e combina com a roupa da escolinha...
 – Vamos, filhinha, o papai chegou. Põe a roupinha.
 – Eu, não sabo pô, não, vovó. Me ajuda, vovó.

A – Quais são os traços do dialeto infantil observados nessa conversa?

B – Você pode supor por que a criança quer ir à escola com o pai?

C – Você acha que houve uma evolução nos argumentos da criança?

D – Que intenção tinha a babá, ao contrapor argumentos à fala da criança?

A conversa transcrita acima mostra que cada pessoa entende perfeitamente a fala das outras, se pertencem a uma mesma comunidade lingüística. O que permitiu esse entendimento de três falantes tão diferentes não foi simplesmente o vocabulário conhecido dos envolvidos no diálogo: foi também a organização das palavras, usadas numa combinação característica da língua portuguesa. A criança, por exemplo, tanto quanto a avó e a babá, usa flexões de masculino e feminino, das pessoas dos verbos. Usa também adequadamente a relação de causa e a gradação.

Podemos dizer que não só a criança do diálogo lido, mas as crianças em geral, desde muito cedo, vão internalizando não só o vocabulário, mas também as estruturas lingüísticas que vão ouvindo no ambiente em que vivem. Cada vez mais, a linguagem da criança vai aproximando-se da linguagem dos adultos com os quais convive. No caso da menina de nosso diálogo, ela não demorará a usar as formas “maior” e “sei”, e a pronunciar o grupo consonantal /gr/ (grande).

15

Fonte: Gestar

O conhecimento prévio sobre variação linguística aconteceu a partir de uma atividade em grupo com quatro situações de saudação usando a língua portuguesa e que refletiam ações comunicativas. Cada grupo recebeu uma folha com imagens que indicavam as quatro situações de uso da língua, sem legendas eles tiveram que indicar as falas e os modos comunicativos usados nas imagens. Nesta atividade foi necessário que eles adequassem as falas a contextos variados. Após um momento de discussão entre eles, cada grupo apresentou suas respostas oralmente, enquanto os outros observaram as variações nas falas dos colegas e faziam anotações das ocorrências. Em seguida aconteceu uma explanação geral sobre o tema e eles se empolgaram bastante.

Alguns grupos disseram que seria usada a mesma saudação para as quatro situações apresentadas, apesar de acontecerem em lugares, pessoas e contextos diferentes. Já outros

grupos entenderam logo a necessidade de adequar a linguagem as determinadas situações. Algumas declarações deles sobre a atividade:

“A forma de falar com crianças tem que ser diferente da forma de falar com adultos, né professora?”

“Professora, na figura C nós temos que usar a forma correta né?”

Diante da pergunta de uma aluna, eu questionei: E qual seria a forma correta, gente?

A mesma aluna afirmou ser a forma da gramática pois parece ser um evento de política ou formatura.

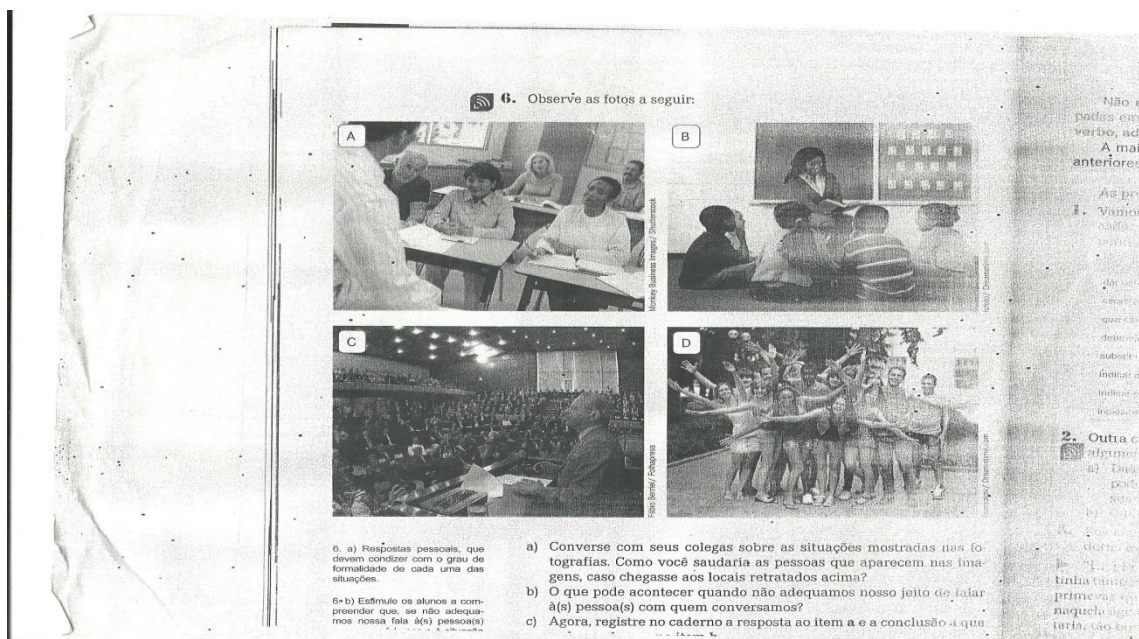
“Numa situação dessa a pessoa não vai usar, por exemplo, nós vai, né professora?”

Alguns alunos começaram a falar que não existe isso, que já falamos sobre esse assunto, que não existe o certo ou o errado e sim o adequado ao momento da fala. Outros concordaram com a aluna citada. E isso gerou uma boa e produtiva discussão.

Então em dado momento perguntei a turma: Gente, qual é a forma correta? Existe uma forma correta?

Vários alunos responderam, ao mesmo tempo, que não e outros completaram dizendo que nós temos que saber adequar as nossas falas as diferentes situações e que depende também de com quem estamos falando. Então, diante desta discussão a partir desta atividade os alunos analisaram e ampliaram seus conhecimentos a respeito do tema.

Figura 13 - Cópia da atividade citada



De modo geral, os alunos apresentaram nas aulas iniciais pouco conhecimento sobre variação linguística, a maioria declarou que fala errado, que não sabe falar direito a língua portuguesa, que a forma correta de falar é aquela que o professor ensina, que sabe disso, mas permanece falando do jeito deles porque já se acostumou. Poucos disseram que o modo que falam é correto. Alguns disseram que já observaram que há muitas diferenças na forma de falar das pessoas, que as pessoas de outras regiões do país falam diferente da deles, que os professores falam diferente, que os avós deles falam de modo diferente e usam palavras que eles não usam.

Partindo dessa discussão foi trabalhado com eles as variações linguísticas e seus fatores sociais, geográficos, idade, sexo, profissão, grau de escolaridade e etc. Foi exposto que não há forma mais correta ou mais bonita de falar, que todos sabem falar a língua portuguesa, mas que não falam da mesma maneira, apresentando diferenças que ocorrem pelos fatores já mencionados e que o que existe são formas diferentes de usar a língua.

Apesar de ter sido bem proveitosa esta aula, muitos alunos continuaram afirmando falar errado e não compreender e aceitar o porquê dessas diferenças. Disseram que sempre ouviram falar que a forma correta é aquela dos livros e da escola.

Outros indagaram se poderiam então sair por aí falando como quiserem inclusive na escola, se poderia sair por aí “falando errado”. Trazendo de volta a discussão sobre o certo ou errado, diferenças linguísticas e adequação. Neste momento foi posto em pauta o fato de que as variações linguísticas devem ser aceitas e respeitadas e que cada um tem seu modo singular de usar a mesma língua, porém como eles estão em contato com a norma culta na escola, em algumas situações comunicativas eles devem adequar a forma de falar, e como eles estudam será cobrado deles em muitas situações o uso da norma adquirida na escola, porém em casa, com os amigos e com a família eles podem utilizar a variação que eles preferirem, neste caso eles puderam perceber os momentos de usos monitorados ou não de fala.

Em casa eles fizeram pequenas entrevistas com familiares, amigos, crianças e adultos sobre educação e língua portuguesa. Nesta atividade eles fizeram anotações das falas das pessoas e em grupo analisaram as semelhanças e diferenças. Na aula seguinte, eles produziram um texto discorrendo suas opiniões e conhecimentos sobre o tema. Estes textos mostram como eles pensavam sobre as diferentes formas de falar das pessoas e a própria variação usada por eles e seus familiares, também falam sobre a visão que eles tinham sobre a variação culta, a variação estudada na escola em comparação com as suas e como eles se posicionam e veem depois de estudos, leituras e pesquisas sobre o tema.

Figura 14 - Texto analisado

Variações Linguísticas

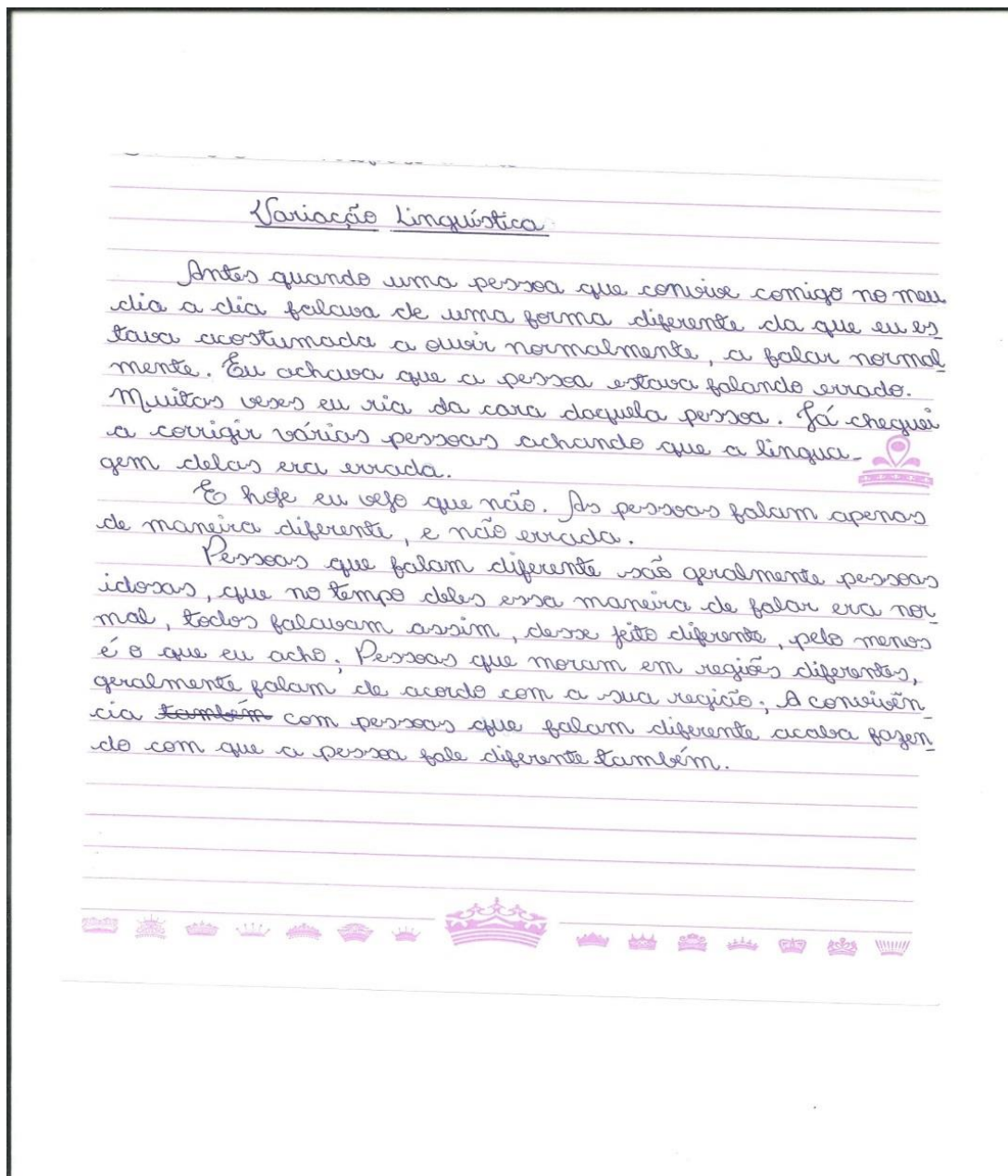
Quando falamos em variações linguísticas, damos a entender que existem diferentes tipos de variações. Normalmente achamos estranho quando passamos a entender, a saber mais sobre essa diversificação de variações, começamos a perceber que aquilo é tão diferente, daquilo que agente é acostumado a saber. Quando começamos a falar por exemplo, as primeiras palavras que nos orienta, os inícios das primeiras palavras são efetivamente os nossos pais, a partir do momento que nascemos, já existe um determinado contato com a mãe. A partir daí a gente começa a perceber as diferenças entre o contato efetivo da família mais próxima que esse seria os nossos pais, e o outro tipo de contato, com as pessoas que conhecemos no nosso dia-a-dia. Quando agente está habituado na aquela forma de ver, de falar, de fazer, fazer em fim, se damos conta que aquelas pessoas estão, têm um jeito diferente, talvez porque ela tenha tido orientações diferentes da minha, ou será porque ela está falando errado, começamos a buscar respostas e obtemos essas respostas de diferentes modos. ~~Antes de~~

Antes de aprofundarmos mais conhecimentos

credeci

Fonte: A autora

Figura 15 - Texto analisado



Fonte: A autora

Os textos analisados mostram afirmações explícitas do que eles pensavam e de como passaram a pensar sobre variação linguística e ao fato de acharem de que tem pessoas que falam errado e tem pessoas que falam correto ou mais correto, como eles dizem. Também é perceptível uma certa mudança de consciência e valorização de suas variações, sem deixar de lado a valorização da variação culta, porém sem deixar para ela o posto de melhor e mais correta. Nesta atividade eles confirmam implicitamente a ideia de que é necessária uma

mudança nas aulas de língua portuguesa, a respeito do ensino de língua é preciso que se incluam as variações linguísticas no cotidiano da sala de aula para que os alunos possam tornarem-se autores críticos e reflexivos da sua própria língua, de modo que valorizem e usem as adequações que se fizerem necessárias nas variadas situações de comunicação.

Na aula seguinte em grupo, cada um apresentou suas observações e como realizaram as entrevistas. Foi um momento bem produtivo, pois eles já passaram a observar as falas dos próprios colegas e comparar com as informações transmitidas por eles.

Estas aulas foram preparatórias para o desenvolvimento das sequências didáticas em cada uma das salas que deram continuidade a realização da pesquisa. A partir das aulas de conhecimentos prévios sobre o tema variação linguística nas duas turmas foram desenvolvidas atividades diferenciadas em cada uma das turmas, especificamente enquetes e noticiários.

A partir das reflexões sobre as sequências e atividades realizadas confirma-se a ideia de que os alunos identificam geográfica e socialmente as pessoas pela forma como falam e que é ainda muito comum considerar as variedades linguísticas populares como inferiores ou erradas no âmbito escolar. Além disso, os próprios falantes destas variedades pensam assim e ainda se faz muito necessário incluir nos objetivos educacionais e nas práticas de sala de aula este assunto.

Desse modo, foram construídas reflexões sobre diferença fonético/fonológica da variedade linguística local. Nas aulas, também foi abordada a variação morfossintática no âmbito da concordância verbal e nominal levando à consciência dos alunos diversas variações nesses aspectos.

Os próprios alunos foram capazes de identificar, com clareza, traços tanto fonéticos quanto morfossintáticos das variedades que foram expostas e debatidas nas atividades e das que fazem parte de seu grupo social. Mas eles não usam muitas vezes as formas adequadas para eventos monitorados, ou seja, ainda não conseguem na prática adequar as variedades linguísticas às diferentes situações comunicativas.

Contudo as atividades desenvolvidas e as participações ativas dos alunos nas pesquisas e produções de trabalhos com este tema propiciaram um enriquecimento de experiências e ampliações linguísticas dos mesmos. Eles passaram a refletir sobre a diferença linguística em seu meio social e fora dele, e começaram a ver como um aspecto que caracteriza determinado grupo social.

O trabalho seguindo os pressupostos da sociolinguística em sala de aula propiciou um aos alunos o reconhecimento da variação linguística nos mais variados eventos comunicativos

em que se insiram, para isso tiveram como suporte as análises concretas e comparativas de suas falas, do seu grupo social, e o da escola.

6 SUGESTÕES DE ATIVIDADE PARA O ENSINO DA VARIAÇÃO

Neste capítulo serão apresentadas sugestões de atividades direcionadas ao uso e exploração da variação linguística na sala de aula, de modo que valorize a língua em situações de interação e comunicação vivenciadas através da prática de oralidade, propicie discussões e reflexões produtivas que complementem e amplie o conhecimento e conscientização dos alunos a respeito do uso da língua nos mais diversos contextos comunicativos e sociais.

Diante do que foi discutido nos capítulos anteriores, bem como das atividades desenvolvidas para esta pesquisa, apresento neste capítulo algumas sugestões de atividades para enfrentamento desta problemática de inclusão da variação linguística em sala de aula.

O campo de estudos da Sociolinguística nos direciona a estudar a variação linguística de modo a entender como elas estão inseridas no contexto social. Apesar A adoção de uma pedagogia que considere a perspectiva da sociolinguística, entretanto, não é uma tarefa fácil para a maioria dos professores no cotidiano das salas de aula, onde se focaliza, muitas vezes, o estudo puramente gramatical.

Segundo Bortoni-Ricardo (2005), a aquisição da língua padrão por meio da exposição a modelos dessa variedade em sala de aula é um tema que ainda não recebeu suficiente atenção, apesar da grande ênfase que a pesquisa sociolinguística tem dedicado às consequências educacionais da variação linguística. Seriam as escolas veículos eficientes na transmissão da variedade padrão da língua?

Em relação ao ensino das variações linguísticas nas aulas de língua portuguesa, é preciso fazer com que os alunos percebam que cada indivíduo possui a sua própria maneira de falar no contexto em que vive, mas que o modo de falar que aprende com os seus pais e familiares sofre influências extralinguísticas em vários aspectos, em relação às regiões, aspectos culturais, sociais, e ao contexto onde o indivíduo se insere na sociedade.

Dessa forma, o professor pode se utilizar da diversidade na fala dos seus alunos para mostrar as variações popular e culta da língua, mostrando a importância da gramática sem se esquecer do valor da linguagem que os alunos trazem de casa.

As salas de aula da educação básica pública no Brasil são compostas em média por quarenta ou quarenta e cinco alunos, oriundos de diversos tipos de famílias e, frequentemente, como variados problemas socioeconômicos. Por esta razão, os alunos apresentam hábitos e costumes diferenciados e singulares que são adquiridos no contexto familiar. Essas diferenças acentuam-se e evidenciam-se no modo de falar e de se comunicar.

O professor precisa lidar diariamente com muitas diferenças sociais e também linguísticas; portanto, é preciso aprender a trabalhar com essas diferenças de modo que elas não interfiram no ambiente da sala de aula e no ensino-aprendizagem dos alunos.

Diante dos estudos teóricos e dos trabalhos práticos sobre o tema em sala de aula do ensino público, é possível afirmar que cabe ao professor optar por um ensino de inclusão, e priorizar o incentivo ao desenvolvimento das práticas de oralidade e conversação nas aulas de língua portuguesa, levando seus alunos à compreensão e conscientização da importância de saber adequar a fala e a escrita aos mais diferentes contextos comunicativos.

Apesar de todos os estudos direcionados a inclusão da variação linguística na sala de aula, ainda é comum encontrar professores que trabalham a variação linguística sob o ponto de vista do certo e errado na língua, pois muitos ainda acreditam e defendem a ideia de que a escola deve ser o local que trata exclusivamente da aprendizagem da norma padrão, preferencialmente escrita. Dessa maneira, a variação linguística é tratada apenas como um simples conteúdo com pouco destaque nos livros didáticos e apresentada aos alunos geralmente com exemplos de variantes regionais.

Bortoni-Ricardo (2005, p.197) afirma que “os alunos devem sentir-se livres para falar em sala de aula, e independentemente do código usado - a variedade padrão ou variedades não padrão -, qualquer aluno que tome a fala em sala de aula deve ser ratificado como participante legítimo da interação.” Segundo a autora,

uma forma efetiva de o professor conferir essa ratificação é dar continuidade à contribuição do aluno, elaborando-a e ampliando-a. “Se esta contribuição foi veiculada numa variedade não padrão, no momento em que o professor retomar a contribuição para ampliá-la, ele poderá justapor a variante padrão e tecer comentários sobre as diferenças entre as duas variantes, permitindo, assim, que se desenvolva a consciência do aluno sobre variação linguística” (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 197).

É necessário que os educadores, em especial os de Língua Portuguesa, levem aos alunos a importância e a valorização do idioma que eles aprenderam e convivem fora da sala de aula, sem deixar de lado os estudos gramaticais, é preciso formar indivíduos conscientes das adequações e necessidades de se aprender várias formas de uso de sua língua. É preciso incluir as variações linguísticas no cotidiano do aluno, na sala de aula e no ambiente escolar através de atividades de interação e comunicação.

A partir de atividade escrita e textos dos mais diversos gêneros como charges, letras de músicas, notícias, reportagens, contos, crônicas, diários ou poemas, o professor pode realizar trabalhos que envolvam a variação linguística de modo real e participativo. A maioria dos

livros didáticos apresenta a variação linguística exemplificada sempre na fala de caipiras, nordestinos e/ou mineiros. O professor não deve limitar-se a esse tipo de material. Ao invés de simplesmente realizar atividades de cópias e correções de texto, transpondo da linguagem popular para a formal culta, seguindo a perspectiva do certo e errado, ele pode planejar e realizar um trabalho bem mais interessante e produtivo pedindo que os alunos façam adaptações aos textos a diferentes situações comunicativas. Levando aos alunos a oportunidade de fazer uso das variações em situações reais de fala.

O professor também pode desenvolver atividades que mostrem que a língua falada pode apresentar diferenças de expressão em relação à língua escrita que segue a norma culta e o quanto é importante usar uma ou outra em situações do cotidiano.

O professor também pode utilizar piadas, charges, HQs, causos, músicas, reportagens, vídeos para apresentar e familiarizar os alunos às variações linguísticas nas mais diversas situações comunicativas escritas, buscando sempre trabalhar paralelamente a variação linguística e adequação linguística.

Outra sugestão é realizar atividades em grupo de modo que os alunos pesquisem e estudem as variações em seus cotidianos, com amigos, familiares, vizinhos e outros, sempre centralizando e nortando as variações linguísticas e suas adequações em situações comunicativas, de modo que os alunos façam parte de modo real e integrado nas atividades.

Através das atividades sugeridas neste capítulo pretendemos incentivar que o professor realize reflexões a variação linguística e suas práticas de linguagem na sala de aula. Algumas dessas atividades foram desenvolvidas em sala de aula e utilizadas como instrumentos de observação e análises para os resultados desta pesquisa.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A língua reflete o mundo, expressa a cultura de determinado grupo, caracteriza e identifica os indivíduos, apresentando variações no tempo e no espaço.

Mais do que regras gramaticais, cabe à escola e aos professores de língua portuguesa abordar a realidade de uso da língua, não deixando de lado a forma padrão, mas mostrando que não existe uma língua única de manifestação das ideias. Deve-se possibilitar que os alunos compreendam que a língua em uso está sujeita a mudanças e adaptações e que devem ser desvinculadas toda e qualquer forma de preconceito relativas à variação linguística. Bortoni-Ricardo ressalta que,

erros de português são simplesmente diferenças entre variedades da língua. Com frequência, essas diferenças se apresentam entre a variedade usada no domínio do lar, onde predomina uma cultura de oralidade, em relações permeadas pelo afeto e informalidade, e culturas de letramento, como a que é cultivada na escola. É no momento em que o aluno usa flagrantemente uma regra não-padrão e o professor intervém, fornecendo a variante-padrão, que as duas variedades se justapõem em sala de aula. Dessa maneira é importante e fundamental salientar a importância da norma padrão e seu prestígio social, mas não podemos nos deter somente a ela, nem impormos seu uso(2004,p.37).

As pesquisas desenvolvidas a partir dos preceitos da sociolinguística variacionista e sociolinguística educacional têm contribuído para o desenvolvimento de políticas educacionais e linguísticas e foram fundamentais para o desenvolvimento desta pesquisa na sala de aula, propiciando um aporte teórico para as práticas da variação linguística e sua valorização nas aulas de língua portuguesa.

Os estudos e pressupostos da sociolinguística educacional podem permitir que o professor interfira positivamente nos reflexos ortográficos e morfosintáticos da oralidade do aluno no texto escrito e que ele trabalhe adequadamente a variação linguística valorizando o conhecimento e prática que os alunos já trazem do contexto familiar, objetivando a inclusão e ampliação de estilos monitorados nas diversas situações comunicativas. Espera-se que o aluno adquira uma postura que respeite as diferenças sociolinguísticas, valorizando a pluralidade sociocultural, desenvolvendo e divulgando uma consciência a respeito da avaliação social das variantes.

Segundo os PCN (1998) “é importante que o aluno, ao aprender novas formas linguísticas, particularmente a escrita e o padrão de oralidade mais formal orientado pela

tradição gramatical, entenda que todas as variedades linguísticas são legítimas e próprias da história e da cultura humana” (BRASIL, 1998, p. 82).

Nesta perspectiva, é essencial desenvolver em sala de aula um trabalho contínuo com a variação linguística e suas adequações, para que os alunos desenvolvam uma consciência linguística para diversificarem e utilizarem a competência comunicativa de forma adequada e eficiente nas variadas situações cotidianas no meio social onde estão inseridos.

O presente estudo pretendeu, por meio de uma pesquisa-ação observar e analisar o uso da variação linguística no contexto escolar, apresentando algumas considerações sobre práticas de linguagem em sala de aula e sobre o papel do professor de língua portuguesa no que se refere à inclusão deste tema em suas aulas. Para isto foram desenvolvidas sequências didáticas e atividades baseadas em um ensino crítico-reflexivo considerando o tema da variação linguística, buscando realizar uma educação linguística para além da gramática.

Sendo desenvolvida na minha própria sala de aula por meio da pesquisa, foi possível constatar que o principal objetivo das aulas de Língua Portuguesa precisa ser repensado e redirecionado visto que os alunos passaram a reconhecer que as variedades linguísticas devem ser valorizadas e adequadas às situações do cotidiano, tanto na fala quanto na escrita. Analisando as reações e declarações dos alunos de que não sabem falar corretamente a língua portuguesa pois não usam as formas da gramática estudada na escola, ficou evidente que educação de modo geral ainda centraliza os estudos gramaticais supervalorizando a norma padrão da língua e a importância de se ensinar o padrão, o que indica que, na realidade, as práticas pedagógicas ainda estão distantes das novas perspectivas de abordagem do fenômeno da linguagem, apesar de já fazerem parte dos PCN há algum tempo.

Esta pesquisa confirmou a ideia de que a variação linguística deve ser abordada em sala de aula de modo contínuo fazendo parte do cotidiano dos alunos. Verificou-se que, apesar de alguns alunos conhecerem superficialmente o conceito de variação linguística, antes das aulas realizadas com as sequências aqui apresentadas, a maioria deles ainda acreditava que não sabe falar corretamente a própria língua, pois foi assim transmitido para eles.

Conclui-se, concordando com outros trabalhos apresentados neste estudo, ser de suma importância que os professores reflitam e estudem a respeito do ensino da língua materna e da abordagem da variação na sala de aula. É preciso que haja uma conscientização dos profissionais da educação para que reflitam nas práticas pedagógicas e direcionem aos alunos à valorização, reconhecimento, adequação e uso das variações em suas práticas de oralidade dentro e fora da escola.

Assim podemos compreender que de fato se, nas aulas de Língua Portuguesa, forem colocados em prática direcionamentos que sigam os pressupostos sociolinguísticos, ampliando e diversificando as experiências sociais e culturais dos alunos, dentro e fora da escola, estes irão sentir-se mais seguros para se colocarem oralmente em diferentes situações comunicativas, adequando com naturalidade seu modo de falar independente da exigência de maior ou menor formalidade.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Aula de Português: encontro e interação.** São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

_____. **Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho.** São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

_____. **Língua, Texto e Ensino: outra escola possível.** São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

ARCANJO, Livia Nascimento; CYRANKA, Lucia Furtado de Mendonça; RIBEIRO, Patrícia Rafaela Otoni; PERON, Simone Rodrigues. Sociolinguística educacional: novas perspectivas para o ensino de língua materna, **Anais do IX Encontro do CELSUL**, Palhoça, SC, out. 2010, Universidade do Sul de Santa Catarina.

BAGNO, Marcos; STUBBS, Michael; GAGNÉ, Gilles. **Língua materna: letramento, variação e ensino.** São Paulo: Parábola, 2002.

_____. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística.** São Paulo: Parábola, 2007.

_____. **Não é errado falar assim! Em defesa do português brasileiro.** São Paulo: Parábola, 2009.

_____. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz.** 54. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2011.

BARROSO, Bruna Loures de Araújo; CYRANKA, Lucia F. Mendonça; OLIVEIRA, Luís Carlos de; SILVA, Maria Diomara da. **Varição linguística na escola: Desafios e possibilidades.** Interdisciplinar • Ano IX, v.20, jan./jun. 2014 Itabaiana/SE | ISSN 1980-8879 | p. 73-94.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós chegemos na escola, e agora?** Sociolinguística e Educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

_____. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula.** São Paulo: Parábola, 2004.

_____. **O professor pesquisador:** introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** Terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental: Língua portuguesa. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, DF: MEC. 1997.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** Terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental: Língua portuguesa. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, DF: MEC. 1998.

COAN, Márluce; FREITAG, Raquel Meister Ko. Sociolinguística variacionista: pressupostos teórico-metodológicos e propostas de ensino. DOMÍNIOS DE LINGU@GEM- **Revista Eletrônica de Linguística** (<http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem>) Volume 4, - n° 2 – 2° Semestre 2010 - ISSN 1980-5799

CYRANKA, Lucia F. Mendonça. Uma perspectiva sociolinguística no trabalho escolar com a língua Materna. Capítulo publicado no livro MIRANDA Sonia Regina PACHECO, Luciana Marques. (orgs.). **Investigações: experiências de pesquisa em educação**. Juiz de Fora: EDUFJF, 2009. p. 49-61. – UFJF/FAPEMIG1

CYRANKA, Lúcia. Mendonça; NASCIMENTO, Livia Arcanjo; OTONI, Patrícia Rafaela; PERON, Simone Rodrigues. **A reflexão sociolinguística no ensino fundamental:** resultados de uma pesquisa-ação/FAPEMIG -UFJF/FAPEMI, 2009.

CYRANKA, Lucia Furtado de Mendonça; ARCANJO, Livia Nascimento; PERON, Simone Rodrigues; RIBEIRO, Patrícia Rafaela Otoni; PAIXÃO, Marianna do Valle Modesto. **A sociolinguística como atividade no currículo escolar do ensino fundamental**, UFJF, 2010.

CYRANKA, Lúcia Furtado de Mendonça; NASCIMENTO, Livia Arcanjo do; RIBEIRO, Patricia Rafaela Otoni; PERON, Simone Rodrigues. A sociolinguística no ensino fundamental: Resultados de uma pesquisa-ação. *Linhas Críticas*, Brasília, DF, v. 16, n. 31, p. 361-376, jul./dez. 2010. ISSN 1516-4896.

FARACO, Carlos. Alberto. **Norma culta brasileira:** Desatando alguns nós. São Paulo: Parábola editorial, 2008.

GIL, A.C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, 1999.

GOLDENBERG, Mirían. **A arte de pesquisar:** como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais / Mirian Goldenberg. - 8ª ed. - Rio de Janeiro: Record, 2004.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos/** William Labov, tradução Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo. Parábola Editorial, 2008.

MAIA, Francisca Paula Soares. **Sociolinguística Laboviana:** Princípios para a integração via prática docente. CIPLOM: Foz do Iguaçu- Brasil, 2010.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. **Introdução à sociolinguística:** o tratamento da variação. 4ª edição, São Paulo- Contexto, 2013.

MELO, Terezinha Toledo Melquíades; CYRANKA, Lucia Furtado de Mendonça; SILVA Maria Diomara da. **Variação linguística:** Um estudo sobre o nível de Conscientização dos alunos- Cadernos do CNLF, Vol. XIV, Nº 4, t. 4- UFJF, 2012.

NOGUEIRA, Francieli Motta da Silva Barbosa. **Variação linguística e ensino de língua materna:** Algumas considerações. ANAIS ELETRÔNICOS III ENILL Encontro Interdisciplinar de Língua e Literatura.2012, Itabaiana/SE: Vol.03

OLIVEIRA, Luís Carlos de; CYRANKA, Lúcia Furtado de Mendonça. **Sociolinguística educacional:** ampliando a competência de uso da língua. Soletas Revista, nº26- 2013

PINTO, Consuelo Domenici Mozzer; CYRANKA, Lucia Furtado de Mendonça. **Aportes sociolinguísticos à prática do professor** – implicações na sala de aula. Cadernos do CNLF, Vol. XIV, Nº 2, t. 1- 2011.

Programa gestão da aprendizagem escolar- Gestar II, língua portuguesa: **Caderno de teoria e prática 2- TP2:** análise linguística e análise literária. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2008.

RIBEIRO, Patrícia Rafaela Otoni Ribeiro; PAIXÃO, Marianna do Valle Modesto Paixão. A sociolinguística na sala de aula: o que pensam os Professores?, Projeto 2009/2011: **Laboratório de Alfabetização:** aprendizagem de leitura e escrita. Subprojeto: Dialectos Sociais na escola pública (FAPEMIG). Projetos 2010/2011: A sociolinguística no ensino fundamental (BIC/UFJF). Educação linguística na escola pública (FAPEMIG).

SILVA, Taís Bopp da. **Entre o descritivismo e o prescritivismo:** o papel da sociolinguística no ensino de língua materna. Universidade Federal de Pelotas,2010.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. 7ª edição, São Paulo: Ática, 2004.

WEINREICH, Urie, LABOV, William, HERZOG, Marvin I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**, São Paulo: Parábola editorial, 2006.